

DM

Calheta e Funchal

Estudo dialetal e sociolinguístico
de alguns regionalismos madeirenses
(comparação da sua vitalidade nos dois concelhos)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carina Sofia Nunes Teixeira

MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2015

Calheta e Funchal

Estudo dialetal e sociolinguístico
de alguns regionalismos madeirenses
(comparação da sua vitalidade nos dois concelhos)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carina Sofia Nunes Teixeira

MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS

ORIENTADOR
Naidea Nunes Nunes

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um especial agradecimento à minha orientadora Professora Doutora Naidea Nunes, por todo o apoio incondicional, pela dedicação, paciência e amizade ao longo da realização da presente dissertação de Mestrado, bem como por todo o material de apoio disponibilizado.

À minha filha por todos os momentos de ausência e ao meu companheiro pela compreensão e pelas palavras de conforto nos momentos mais difíceis.

A todas as pessoas que, de uma forma direta ou indireta me ajudaram na concretização deste trabalho de investigação, principalmente aos cento e oito (108) inquiridos que se dispuseram a responder ao questionário semasiológico, pois sem o contributo destes informantes não seria possível realizar este estudo.

Agradeço ainda ao Engenheiro João Marcos Matos, Técnico Informático da Universidade da Madeira, pelo apoio na construção da base de dados, pela sua disponibilidade e dedicação.

Bem hajam.

RESUMO

Este estudo enquadra-se na área da Dialetologia e da Sociolinguística Variacionista, centrando-se na análise de alguns regionalismos madeirenses recolhidos no concelho da Calheta. Estes foram testados através de um questionário semântico-lexical aplicado no mesmo concelho e no concelho do Funchal com uma amostra de cento e oito informantes, seis por freguesia, estratificados por idade, sexo e escolaridade.

Para o tratamento dos dados usámos a metodologia quantitativa, recorrendo ao programa Microsoft Office Access, que nos dá conta do número de respostas e percentagens registadas, no que respeita ao conhecimento dos cinquenta e dois vocábulos estudados, tendo em conta os fatores de variação social (género, idade e escolaridade) e o fator geográfico (rural vs. urbano). Na análise qualitativa, elaborámos um glossário que sistematiza os significados indicados pelos informantes, registando as diferentes aceções e exemplos de uso dos vocábulos. Alguns destes podem ser classificados como arcaísmos, neologismos regionais e regionalismos usuais ou correntes, sendo que não confirmámos a existência de nenhum populismo, o que nos permite aferir a vitalidade dos regionalismos testados no Português falado nos concelhos da Calheta e do Funchal.

Concluimos que a idade e a escolaridade influenciam o maior conhecimento dos vocábulos, ou seja, os falantes mais idosos com baixo grau de escolaridade, independentemente do concelho, mostram-se mais conservadores do que os adultos e do que os jovens. No entanto, o fator geográfico também se revelou pertinente, dado que os adultos e os jovens com ensino secundário e superior, respetivamente, do concelho da Calheta revelaram conhecer mais vocábulos do que os do concelho do Funchal. Apesar da crescente valorização do património lexical madeirense, verificamos que muitos regionalismos virão a desaparecer porque estarão a cair em desuso com as novas gerações.

Palavras-chaves: Regionalismos madeirenses, Dialetologia lexical, Sociolinguística Variacionista, Português falado na Ilha da Madeira, Calheta e Funchal (rural vs. urbano).

ABSTRACT

This study is part of the field of Dialectology and Variationist Sociolinguistics, focusing on the analysis of some regionalisms from Madeira collected in the Calheta municipality, which have been measured in a semantical-lexical survey applied both in the aforementioned municipality and in the Funchal municipality. The sample used consisted of 108 informants, six per civil parish, stratified by age, gender and education. The quantitative research method has been used for the treatment of data, using Microsoft Office Access, which yields the number of answers and percentages registered as regards the knowledge of the fifty-two vocables chosen, considering the factors of social variation (gender, age and education) and geography (rural vs. urban).

In the qualitative analysis, a glossary has been created that systematises the meanings provided by the informants, registers the different usages and gives examples of the vocables. Some of this can be classified as archaisms, regional neologisms as either usual or current regionalisms. We didn't confirm any populism, what assesses the vitality of the regionalisms tested in spoken Portuguese in Calheta and in the city of Funchal. We have concluded that the age and the education influence a greater knowledge of the vocables, that is, the oldest speakers with lower education level, regardless of their municipality, appear to be more conservative than younger adults and youngsters. However, the geographical factor is also relevant because the adults and youngsters with the secondary and superior education, respectively, of the Calheta municipality revealed to know more regionalisms than the ones of Funchal municipality. Despite the growing valorisation of the lexical patrimony from Madeira, it has been noticed that many regionalisms will disappear, as they are falling into disuse among younger generations.

Keywords: Madeira Regionalisms, Lexical Dialectology, Variationist Sociolinguistics, Portuguese Spoken in Madeira Island, Calheta and Funchal (rural vs. urban).

“Parece mais próprio do linguista falar do interesse científico do estudo dos falares regionais. No entanto, é do seu interesse humano que (...) desejaria hoje tratar por escrito. (...) Recordo paisagens e, enquadrados nelas, homens e mulheres. Diversos como os cenários em que se situavam, contavam-me histórias, diversas também. (...) Eu não tinha tido podido dar-lhes senão um pouco de atenção, de simpatia. Eles tinham-me dado uma lição magnífica, decisiva para o meu modo de sentir e de pensar a partir daquele momento. Atrás dos falares que tinha vindo a estudar, era toda uma humanidade humilde mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialetologia me tinha posto em contacto. Se mais nada, no vasto terreno da linguística, conservasse um dia interesse para mim, creio que esta experiência seria só por si suficiente para me obrigar a reconhecer e afirmar que vale a pena o ramo de estudos para que a vida me conduziu.”

L. F. Lindley Cintra, *Estudos de Dialetologia Portuguesa*, 1995, p. 9.

“O serviço mais útil que os linguistas podem prestar hoje é varrer a ilusão da deficiência verbal e oferecer uma noção mais adequada das relações entre dialetos padrão e dialetos não-padrão.”

William Labov, “The Logic of Nonstandart English”, 1969, p. 2.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1. Tema.....	13
2. Objetivos.....	14
3. Contextualização geográfica, histórica e socioeconómica dos concelhos da Calheta e do Funchal.....	14
3.1 Concelho da Calheta.....	16
3.2 Concelho do Funchal.....	18
4. Metodologia de pesquisa.....	20
5. Enquadramento teórico.....	24
5.1 Estudo dialetal e sociolinguístico.....	24
5.2 Os regionalismos madeirenses.....	28
6. Estrutura do trabalho.....	31

CAPÍTULO I – ESTUDO QUANTITATIVO: CONCELHO DA CALHETA E DO FUNCHAL

1. CONCELHO DA CALHETA.....	32
1.1 Descrição e análise dos dados.....	32
1.1.1 Variável sexo.....	32
1.1.2 Variável idade.....	33
1.1.3 Variável escolaridade.....	36
1.2 Apresentação geral dos resultados apurados nas freguesias do concelho da Calheta.....	39
2. CONCELHO DO FUNCHAL.....	41
2.1 Descrição e análise dos dados.....	41
2.1.1 Variável sexo.....	41
2.1.2 Variável idade.....	43
2.1.3 Variável escolaridade.....	45
2.2 Apresentação geral dos resultados apurados nas freguesias do concelho do Funchal.....	48

CAPÍTULO II - CALHETA vs. FUNCHAL: ESTUDO COMPARATIVO DAS VARIÁVEIS SOCIAIS50

1. Variáveis sociais.....	50
1.1 Variável sexo.....	50
1.2 Variável idade.....	51
1.3 Variável escolaridade.....	53
2. Vitalidade dos regionalismos nos dois concelhos.....	55
2.1 Variável idade no concelho da Calheta.....	58
2.2 Variável idade no concelho do Funchal.....	60
2.3 Variável escolaridade.....	63
2.3.1 Nunca frequentou a escola e ensino primário.....	63
2.3.2 Outros níveis de ensino no concelho da Calheta (básico, secundário e superior).....	67
2.3.3 Outros níveis de ensino no concelho do Funchal (básico, secundário, superior e mestrado).....	69
CAPÍTULO III – ESTUDO QUALITATIVO: GLOSSÁRIO	74
1. Elaboração do glossário dos regionalismos estudados	74
1.1 Abreviaturas gerais	74
1.2 Abreviaturas de vocabulários, de monografias e dos dicionários consultados.....	75
1.3 Glossário.....	76
2. Discussão dos resultados.....	100
Conclusão.....	105
Referências bibliográficas.....	109

Anexos (Apêndices em CD)

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Divisão das capitâneas do Arquipélago da Madeira.....	15
Mapa 2: Concelho da Calheta e respetivas freguesias.....	16
Mapa 3: Concelho do Funchal e respetivas freguesias.....	18

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Características sociais da amostra no concelho da Calheta.....	34
Tabela 2: Número de respostas obtidas no concelho da Calheta, para os significados dos vocábulos e os seus exemplos de uso, por faixas etárias e género.....	34
Tabela 3: Distribuição dos informantes por grau de escolaridade e género, no concelho da Calheta.....	36
Tabela 4: Número de respostas obtidas no concelho da Calheta, para os significados dos vocábulos e os seus exemplos de uso, por grau de escolaridade e género.....	37
Tabela 5: Características sociais da nossa amostra no concelho do Funchal.....	43
Tabela 6: Número de respostas obtidas no concelho do Funchal, para os significados dos vocábulos e os seus exemplos de uso, por faixas etárias e género.....	44
Tabela 7: Distribuição dos informantes por grau de escolaridade e género, no concelho do Funchal.....	45
Tabela 8: Número de respostas obtidas, no concelho do Funchal, para os significados dos vocábulos e os seus exemplos de uso, por escolaridade e género.....	46
Tabela 9: Ordenação dos vocábulos mais conhecidos para os menos conhecidos, no concelho da Calheta e no concelho do Funchal.....	57
Tabela 10: Ordenação dos vocábulos mais conhecidos para os menos conhecidos, no concelho da Calheta, relativamente à faixa etária dos inquiridos.....	60
Tabela 11: Ordenação dos vocábulos mais conhecidos para os menos conhecidos, no concelho do Funchal, relativamente às faixas etárias dos inquiridos.....	62
Tabela 12: Ordenação dos vocábulos mais conhecidos para os menos conhecidos pelas camadas menos escolarizadas da população, nos concelhos da calheta e do Funchal...	64
Tabela 13: Resultados das respostas dos informantes com baixo nível de escolaridade (nunca frequentou o ensino e nível primário) nos dois concelhos com ordenação dos vocábulos, dos mais conhecidos.....	66

Tabela 14: Ordenação dos vocábulos, mais conhecidos para os menos conhecidos, por níveis de escolaridade, no concelho da Calheta.....	69
Tabela 15: Ordenação dos vocábulos, mais conhecidos para os menos conhecidos, por níveis de escolaridade, no concelho do Funchal.....	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Valores percentuais apurados por género, no concelho da Calheta.....	33
Gráfico 2: Valores percentuais obtidos por faixas etárias e género, no concelho da Calheta.....	35
Gráfico 3: Valores percentuais obtidos por grau de escolaridade e género, no concelho da Calheta.....	38
Gráfico 4: Valores percentuais obtidos por freguesia no concelho da Calheta.....	40
Gráfico 5: Valores percentuais apurados por género, no concelho do Funchal.....	42
Gráfico 6: Valores percentuais obtidos por faixa etária e género, no concelho do Funchal.....	44
Gráfico 7: Valores percentuais obtidos por grau de escolaridade e género, no concelho do Funchal.....	47
Gráfico 8: Valores percentuais obtidos por freguesia, no concelho do Funchal.....	49
Gráfico 9: Valores percentuais obtidos por género, no concelho da Calheta e no concelho do Funchal.....	51
Gráfico 10: Valores percentuais obtidos por faixa etária, no concelho da Calheta e no concelho do Funchal.....	53
Gráfico 11: Valores percentuais obtidos por grau de escolaridade, no concelho da Calheta e no concelho do Funchal.....	54

INTRODUÇÃO

1. Tema

A proposta do presente trabalho nasce depois de ter elaborado um pequeno trabalho de investigação sobre a poncha na cultura madeirense, no âmbito da unidade curricular Língua Portuguesa: Unidade e Diversidade, lecionada pela Professora Doutora Naidea Nunes, no Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais da Universidade da Madeira. A realização do trabalho anteriormente referido despertou em mim o interesse por conhecer melhor alguns vocábulos madeirenses, considerados “pérolas linguísticas do atlântico”. Este meu interesse surgiu também pelo facto de ser natural de uma área rural e por observar que, atualmente, o uso de alguns termos madeirense está na “moda”, tais como o *cambado* (manco, coxo), a *bocarra* (boca grande), o *aguador* (regador), o *cramar* (reclamar), a *retoixa* (brincadeira), entre outros. Como sabemos, os termos anteriormente referidos são usados por vários grupos etários como forma de se sentirem e se identificarem como madeirenses, pois quando ouvimos algum regionalismo que nos é familiar, independentemente de onde estejamos lembramo-nos sempre de algum momento da nossa vida na ilha da Madeira. Apesar de termos a consciência que muitos regionalismos madeirenses têm vindo a cair em desuso ou até mesmo no esquecimento, levantam-se as seguintes dúvidas: Será que alguns vocábulos já não têm prestígio na sociedade madeirense? Será que a população instruída ainda conserva os termos regionais ou serão os mais idosos, geralmente com pouca escolarização, os mais conservadores, os que ainda preservam a riqueza da nossa cultura regional? Até que ponto os fatores de variação social e o espaço geográfico influenciam o conhecimento e o uso dos regionalismos e a sua vitalidade? Para poder responder às questões anteriormente referidas, fiz uma recolha de alguns vocábulos no concelho da Calheta, mais precisamente na freguesia do Arco da Calheta, sítio do Loreto, por ser a minha terra natal, e por ter crescido sempre a ouvir vocábulos que muitos falantes da minha geração desconhecem no concelho do Funchal, minha atual residência. Assim, o principal objetivo deste trabalho centrar-se-á no conhecimento da vitalidade dos termos em estudo, tendo em conta os fatores de variação social (sexo, idade, escolaridade) e o espaço geográfico (rural vs. urbano). A necessidade de um trabalho de campo ou estudo empírico a partir de fontes diretas, ou seja, junto da população dos dois concelhos, deve-se ao facto de faltarem estudos comprovem se os regionalismos madeirenses são conhecidos igualmente nas áreas rurais e urbanas, principalmente pelos idosos (menos escolarizados), ou se por todos os grupos/estratos sociais.

2. Objetivos

Depois do que dissemos anteriormente, os objetivos principais deste trabalho de investigação centrar-se-ão em: i) identificar e caracterizar alguns dos regionalismos madeirenses, através da consulta dos vocabulários madeirenses e do confronto com os dicionários de Língua Portuguesa; ii) testar o (re)conhecimento e uso desses regionalismos lexicais junto da população dos concelhos da Calheta e do Funchal, através da realização de inquéritos semântico-lexicais; iii) observar a influência dos fatores de variação social (sexo, idade e escolaridade) e da variável geográfica (rural vs. urbano) no conhecimento e uso dos regionalismos estudados, através da análise quantitativa e comparativa; iv) descrever e analisar os resultados dos dois concelhos em estudo de forma comparativa, aferindo a vitalidade dos regionalismos madeirenses testados; v) fazer a análise qualitativa dos vocábulos, sistematizando todas as informações sobre cada um deles, através da elaboração de um glossário; vi) conhecer a variação semântica e lexical dos regionalismos estudados no Português falado nos dois concelhos; vii) contribuir para a classificação dos regionalismos de acordo com a sua origem e uso, identificando-os como arcaísmos, neologismos regionais (lexicais ou semânticos), populismos e regionalismos atuais ou correntes.

3. Contextualização geográfica, histórica e socioeconómica dos concelhos da Calheta e do Funchal

O concelho da Calheta e o concelho do Funchal são os dois municípios mais povoados da Região Autónoma da Madeira (R.A.M.), um arquipélago que se encontra situado no Oceano Atlântico, a sudoeste da costa portuguesa. Segundo Pinto e Rodrigues (1993), a ilha da Madeira foi descoberta em 1419 pelo navegador português João Gonçalves Zarco, que se fazia acompanhar pelos navegadores Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo, apelidando de “Madeira” a ilha, devido à grande abundância desta matéria-prima. O seu povoamento inicia-se no século XV, em 1420, por habitantes do norte e do sul do continente português, como refere Pinto e Rodrigues (1993), por comerciantes europeus (franceses, italianos, espanhóis, ingleses e flamengos), bem como por escravos africanos, como afirma Vieira (2007: 63), sendo mais tarde dividida em três capitânias donatárias, de modo a promover o povoamento

por toda a região e a retirar o maior proveito da exploração económica, no que diz respeito à cultura da cana-de-açúcar, do trigo, do gado e do vinho. A distribuição das terras foi feita através de uma linha imaginária, da seguinte forma: a capitania de Machico (1440) ficou sob a responsabilidade do descobridor português Tristão Vaz Teixeira, a do Porto Santo (1446) sob a responsabilidade do descobridor Bartolomeu Perestrelo e a capitania do Funchal (1450) sob a responsabilidade do descobridor português João Gonçalves Zarco: “Coube assim ao infante D. Henrique, mestre da Ordem de Cristo e como encarregado que estava a defesa das novas conquistas, mandar reconhecer essas ilhas, tendo enviado dois escudeiros da sua casa, para o efeito: João Gonçalves Zarco e Tristão. Os escudeiros deslocaram-se na primavera 1419 ao Porto Santo, de onde avistaram a ilha. (...) Veio assim a caber aos mesmos o povoamento da Madeira, dividida por uma linha imaginária que passava pela ponta da Oliveira, serra acima, e descia depois à Ponta do Tristão que se pensava então ser o extremo ao posto da ilha. Tristão ficou com a metade norte da ilha e, Zarco, com a sul.” (Carita, 2013: 12). A capitania do Funchal englobava toda a costa sul da Madeira, desde o Caniço à Ponta do Pargo, incluindo o atual concelho da Calheta. Esta relação histórico-geográfica poderá justificar a existência de proximidades linguísticas e socioculturais, devido às ligações marítimas e comerciais, entre os dois concelhos em estudo. Observemos o mapa abaixo, de modo a conhecer a divisão das capitanias da ilha da Madeira.



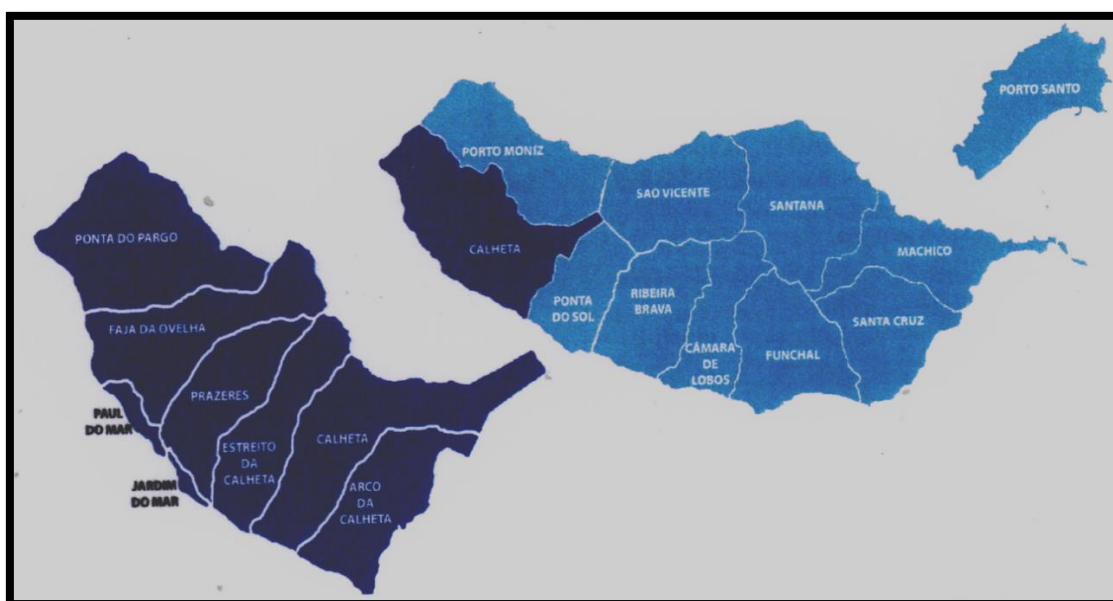
Mapa 1: Divisão das capitanias do Arquipélago da Madeira

(Fonte: https://www.google.pt/search?q=Divis%C3%A3o+das+capitanias+da+Ilha+da+Madeira&rlz=1C2AVNE_e_nPT631PT631&biw=1920&bih=979&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=eYOaVY_fl4KZsgGK9I6gAg&ved=0CAYQ_AUoAQ#imgdii=salO_BBshcjz8M%3A%3BsalO_BBshcjz8M%3A%3B2QsJ9wV_xQQRhM%3A&imgrc=salO_BBshcjz8M%3A (consultado em 15 de Maio de 2015)

Seguidamente, apresentaremos, primeiramente, os aspetos geográficos, históricos e socioeconómicos do concelho da calheta e, depois, os aspetos do concelho do Funchal, por se tratar das duas áreas centrais no nosso estudo.

3.1 CONCELHO DA CALHETA

O concelho da Calheta encontra-se situado a sudoeste da ilha Madeira (R.A.M.) e é confrontado a norte pelo concelho de São Vicente, a leste pelo da Ponta de Sol e a sul e oeste pelo Oceano Atlântico, sendo o mais extenso de todos os concelhos da região, com uma área de 116 Km², o que equivale a 15% da superfície total da ilha.



Mapa 2: Concelho da Calheta e respetivas freguesias

(Fonte: “População Madeirense num período de transição. Uma década (1991-2001) – Viagem pelos concelhos. Calheta e Câmara de Lobos.” *Revista Girão*, Temas Culturais do Concelho de Câmara de Lobos. Vol. II Nr.º5, 2º semestre 2009, p. 165 -172).

Primitivamente, este concelho era constituído por apenas quatro freguesias, como nos informa Rodrigues de Azevedo (2007: 544): “(...) Calheta apartaram-se, primeiro, a de S. João Baptista, na Fajã da Ovelha, e desta, a de S. Pedro, na Ponta do Pargo; e depois, a de Nossa Senhora da Graça, no Estreito da Calheta, e a de S. Braz, no Arco da Calheta. Estes foram, em suma, os progressos da população, e do clero no restante território da capitania do Funchal, até o fim do séc. XVI.”

Atualmente, a divisão administrativa do concelho da Calheta é constituída por oito freguesias: o Arco da Calheta, a Calheta, o Estreito da Calheta, os Prazeres, o Jardim do Mar, o Paul do Mar, a Fajã da Ovelha e a Ponta do Pargo, sendo que a sua população foi estimada em 3.163 habitantes (informação disponível nos censos de 2011). O nome “Calheta” parece ser motivado ou ter origem pelo facto de, neste concelho, existir uma pequena baía (“numa faixa do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar.” (*Dic. Houaiss*, 2003: 487) que serve de porto a este município: “(...) foram dar em huma grande abra, onde, desejosos de saber a terra, desembarcaram entre huns penedos, fazendo ali á mão hum desembarcadouro, a que o capitam poz nome Calheta, e sobre esta Calheta tomou huma lombada grande para seu filho João Gonçalves.”, informação presente no capítulo XIII do Livro Segundo de Gaspar Frutuoso (2007: 68).

Segundo Dias Leite (1949), João Gonçalves Zarco, descobridor da ilha da Madeira, terá escolhido este concelho para doar aos seus filhos, João Gonçalves da Câmara e D. Beatriz Gonçalves, inúmeros terrenos. Graças ao desenvolvimento económico, a freguesia da Calheta, criada em 1430, foi reconhecida Vila da Calheta a 1 de julho de 1502: “Neste lugar da Calheta, mais abaixo chegado a huma fermosa ribeira, se fundou a Villa, que tomou o nome da Calheta, a mais fértil de todas as da ilha, por ter mayor comarca. He esta villa tao nobre em seus moradores, como abastada pelos muitos e barartos mantimentos que nella se achão.” (Frutuoso, 2007: 69), sendo atualmente considerada o centro do concelho, pelo facto de aí se concentrar a maioria da população, bem como muitos edifícios públicos e comerciais.

Nos últimos anos, o município da Calheta tem vindo a se destacar graças ao desenvolvimento nos setores económicos. No que respeita à economia local, verificamos que o setor terciário assume um papel fundamental, dada a existência de atividades ligadas à área do comércio tradicional e do artesanato (bordados e cadeiras de cestos), aos serviços de hotelaria, e principalmente, ao turismo rural. Contudo, apesar do setor secundário se ter vindo a destacar nos últimos anos graças à abertura de lojas de panificação, oficinas de serralharia civil e empresas de construção civil, a agricultura continua a ser a principal atividade, principalmente nas zonas mais isoladas, uma vez que o grande território que compõe este concelho permite o cultivo de cereais, cana-de-açúcar, batata-doce, semilha, frutos subtropicais (banana) e vinha. Além da agricultura, a pesca é ainda uma atividade predominante, principalmente na freguesia do Paul do Mar, assumindo um papel economicamente importante, uma vez que esta freguesia é considerada uma “zona rica em variedades de peixe, mariscos e moluscos (garoupa,

he huma nobre sumptuosa cidade).” (Frutuoso, 2007: 39). Inicialmente, o Funchal era composto por apenas seis freguesias, como nos informa Azevedo (1873: 543): “Estas seis freguesias primitivas subsistem ainda agora; mas dellas se desmembraram outras novas (...) Tal foi, no seculo XVI, o desenvolvimento da população e do estado ecclesiastico em geral, no território que ao presente forma o concelho do Funchal.” Porém, a atual divisão administrativa deste concelho veio a estabelecer-se com a criação de dez freguesias: São Martinho, Santo António, São Roque, São Pedro, Sé, Imaculado Coração de Maria, Santa Luzia, Santa Maria Maior, Monte e, por fim, São Gonçalo, ocupando uma área de 76,15 km², com um total de 11.892 habitantes (informação disponível nos censos de 2011).

Ao longo do seculo XX, o município do Funchal sofreu um grande desenvolvimento, devido à sua posição geográfica, ao clima ameno, à produtividade dos solos e, principalmente, devido à existência do porto marítimo que permitiu estabelecer ligações com diversos portos europeus, desde o início do povoamento, e sobretudo com o grande desenvolvimento açucareiro, em que o Funchal se tornou num centro internacional de negócios e, mais tarde, também com a exportação do vinho. Gaspar Frutuoso (2007: 83), no Livro Segundo de *As Saudades da Terra*, escreve: “faz a terra huma enseada muito grande e fermosa, (...) o qual he o porto da cidade, donde ancorão naos e navios que ali carregam e descarregão tão povoado e cursado sempre delles, com tanto trafego de carregações e descargas, que parece outra Lisboa.”

Também assistimos a uma viragem depois dos anos cinquenta, no que respeita ao movimento demográfico, em que a população ativa nas áreas rurais passou a ser quase nula, em contraste com o que se verifica na cidade, uma vez que a população saiu do meio rural à procura de melhores oportunidades de vida. Muitos habitantes concentraram-se em atividades no setor terciário (atividades ligadas ao turismo, ao comércio (retalho), à restauração, à reparação de automóveis e motociclos, as atividades administrativas e aos serviços de apoio ao cliente e, principalmente, à hotelaria) fazendo “desaparecer” o setor primário da cidade. Atualmente, verificamos que, o setor terciário é o que tem maior impacto no desenvolvimento da cidade, seguindo-se o setor secundário apresentando alguma relevância, devido à criação de empresas de grande e média dimensão, ligadas à construção civil, aos laticínios, à floricultura e ao artesanato.

4. Metodologia de pesquisa

Nesta parte, abordaremos todos os processos utilizados ao longo da realização do presente estudo. Primeiramente, iniciámos o nosso trabalho de investigação fazendo uma prospeção de regionalismos madeirenses junto da população idosa, com idades compreendidas entre os 56 e os 75 anos, naturais do concelho da Calheta, mais particularmente na freguesia do Arco da Calheta, sítio do Loreto, visando registar possíveis vocábulos regionais ainda não registados nos vocabulários madeirenses já existentes. Após esta recolha, elaborámos uma lista de palavras, perfazendo um total de oitenta vocábulos que reduzimos para sessenta e cinco, seleccionando os termos regionais mais conhecidos e usados por estes habitantes inquiridos, eliminando assim as formas que correspondem a variantes populares ou deturpações fonéticas de palavras que existem na língua padrão sendo comuns a outras regiões do país. Após o confronto com os dicionários de Língua Portuguesa, deparamo-nos com deturpações ou corruptelas, como por exemplo o termo “*baga*” por “*vaga*”. Ao procedermos à sua eliminação, a nossa lista ficou reduzida a quarenta e oito palavras, pelo que, novamente, decidimos fazer uma pequena prospeção junto da mesma população, testando outros termos, como por exemplo: *a rei / a reio / arreio, asservado, alparto, atentar / atentaréu, bábada / bábada, joeira, rabaças, trotoário / tratatório, tornadoiro / tornadouro* resultando apenas a confirmação de quatro vocábulos, pelo facto de serem os mais conhecidos e usados, perfazendo um total de 52 vocábulos a estudar.

Novamente, confrontámos a nossa lista de vocábulos com os Dicionários da Língua Portuguesa padrão (*Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1996), o *Dicionário Compacto da Língua Portuguesa* de António Morais Silva (1992), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003), o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa (2001) e o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (em linha, 2013, Cf. webgrafia). Seguidamente, consultámos os vocabulários madeirenses: *Subsídios para o cancionário do Arquipélago da Madeira* (1914), *Palavras do Arquipélago da Madeira* (1929), *Vocabulário Popular da Madeira* (1950), *Dizeres da Ilha da Madeira – Palavras e locuções* (1950), “Linguagem Popular da Madeira” (1970), “Vocabulário e expressões do Norte da ilha” (1985) e, por fim, *Falares da Ilha. (Pequeno) Dicionário da Linguagem Popular Madeirense* (1961 e 1993). Consultámos ainda o *Dicionário de Falares dos Açores - Vocabulário Regional de todas as ilhas* (2008) e o *Dicionário de*

Falares do Arquipélago da Madeira (no prelo), de forma a excluir palavras e expressões comuns aos dois arquipélagos, com o mesmo significado, logo não exclusivas da Madeira.

Posteriormente, consultámos as dissertações de licenciatura, teses de mestrado e doutoramento existentes sobre o Português falado no Arquipélago da Madeira, como por exemplo: *Subsídio para o estudo do dialeto Madeirense* (1939); *Tentativa de um pequeno Atlas Linguístico da Madeira e algumas considerações sobre particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar Madeirense* (1951-1952); *Canhas e Câmara de Lobos - Estudo etnográfico e linguístico* (1961); *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paul do Mar e Jardim do Mar* (1965); *Palavras d'aquintrodia: Contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses* (2004); *De Ilhéus, de Horácio Bento de Gouveia - A narrativa e as suas (re)escritas - Uma proposta de edição crítico - genética e com uma tradução parcial do romance para francês* (2007) e *À luz das palavras quase esquecidas. Contributo para o estudo dos regionalismos na Ponta do Sol* (2003), de modo a confirmar se os vocábulos a estudar se encontravam dicionarizados, apresentando ou não o mesmo significado.

Depois de verificarmos junto dos dicionários de língua geral que se tratava de vocábulos madeirenses, elaborámos um inquérito constituído por duas partes: a primeira parte era composta por um cabeçalho de identificação dos informantes de forma a recolhermos todos os dados socioculturais de cada inquirido (variáveis externas ou independentes controladas - sexo/género, idade, escolaridade, mas também a naturalidade, a residência, a atividade profissional, os contactos linguísticos, entre outros dados que achamos pertinentes para este estudo) e na segunda parte a lista dos cinquenta e dois (52) regionalismos a serem testados, sendo solicitado aos falantes que indicassem o(s) seu(s) significado(s) e exemplo(s) de uso para cada um deles, no caso de os conhecerem e usarem. O questionário ou inquérito, embora não seja um instrumento de trabalho perfeito, foi o método de recolha de dados escolhido.

A dimensão e a estrutura da nossa amostra é constituída por um total de cento e oito informantes, dos quais quarenta e oito pertencem ao concelho da Calheta e sessenta ao concelho do Funchal. Esta divergência do número de informantes por concelho deve-se ao facto de termos inquirido três homens e três mulheres por freguesia. O facto de se tratar dos dois maiores concelhos da ilha da Madeira, sendo os dois da costa sul da ilha, área geográfica mais povoada tivemos a necessidade de limitar o número de informantes por localidade (inquirindo apenas 6 informantes por freguesia – três homens e três

mulheres). Ainda no que diz respeito a estes dois concelhos em análise, não podemos esquecer que existe uma grande diferença entre eles, no que diz respeito ao número de população residente, assim como no seu desenvolvimento socioeconómico.

Iniciámos a aplicação do questionário no concelho da Calheta e depois no concelho do Funchal. No questionário, os cinquenta e dois vocábulos são apresentados por ordem alfabética, porém descontextualizados, de modo a que o inquirido tenha total liberdade para registar o(s) significado(s) por ele conhecido(s), eventualmente até significado(s) que desconhecemos. Dada à disponibilidade dos informantes, fomos alternando a aplicação dos inquéritos no que diz respeito aos concelhos. O preenchimento do mesmo foi realizado por contacto direto. O facto de estarmos lado a lado com o informante, principalmente com os jovens e os idosos, independentemente do sexo e do concelho, fez com que estes tivessem um maior sucesso na identificação dos vocábulos, indicando muitas vezes o seu uso, pois deparávamo-nos, inicialmente, com respostas soltas que não eram de todo esperadas, pelo facto de os inquiridos, por vezes, interpretarem os regionalismos em estudo como palavras da língua padrão e não com o seu significado regional. Informamos ainda que o preenchimento escrito do questionário dos idosos, principalmente daqueles que eram portadores de um baixo grau de escolaridade, foi efetuado pela investigadora, com o informante ao lado, respeitando sempre as suas respostas no que respeita ao conhecimento e ao uso dos vocábulos em estudo.

Depois de recolhermos todos os dados, procedemos ao tratamento estatístico dos mesmos. Importa ressaltar que, nos trabalhos empíricos, os dados recolhidos são sempre uma amostra de uma realidade, neste caso sociodialetal. Assim, teremos sempre presente a dúvida metódica na análise dos resultados, ou seja, o espírito crítico. Ao iniciar o tratamento dos dados, decidimos com a ajuda do Engenheiro João Marcos Matos, Técnico Informático da Universidade da Madeira, criar uma base de dados no programa Microsoft Office Access, ferramenta comum e de fácil manuseamento na criação de bancos de dados, de forma a inserir toda a informação recolhida nos questionários, respeitando sempre a ordem da aplicação dos inquéritos por concelhos e localidades. Referimos ainda que a base de dados usada foi fundamental para o tratamento dos dados recolhidos, permitindo cruzar os dados entre os diferentes estratos sociais, por sexo, idade e escolaridade, entre os dois concelhos, extraindo o registo dos dados e a respetiva identificação dos informantes, através de relatórios pertinentes para a elaboração deste trabalho de investigação. Os fatores de variação social: o sexo

(homem e mulher), a idade (três faixas etárias: dos 18 aos 35 anos; dos 36 aos 75 anos e dos 56 aos 75 anos) e a escolaridade (analfabetos, 1º ciclo / 2º ciclo e 3º ciclo, ensino secundário e superior: Licenciatura e Mestrado) são aspetos fulcrais neste estudo, assim como o fator geográfico, permitindo-nos cruzar os dados existentes entre os dois concelhos em análise, de modo a conhecermos o concelho que mais se destaca no conhecimento e no uso dos regionalismos. No que respeita à escolaridade, optámos por especificar, dentro de cada um dos três grupos propostos pela metodologia variacionista, os falantes que nunca frequentaram o ensino com ensino primário, ensino básico, ensino secundário, ensino superior (1º ciclo) e mestrado (2º ciclo).

Embora o questionário apresente questões de índole sociodemográfico, nomeadamente aspetos como: o estado civil, a profissão, o local de trabalho, os contatos linguísticos com outras áreas geográficas, não consideramos estes fatores muito necessários na nossa análise, sendo usados somente com a finalidade de justificar variações linguísticas fora do esperado. No primeiro e no segundo capítulo, utilizámos métodos de pesquisa de análise quantitativa que se centra no tratamento estatístico dos dados coletados, dando conta do número de respostas e percentagens registadas, no que respeita ao conhecimento dos cinquenta e dois regionalismos estudados, de forma a conhecer a vitalidade destes vocábulos nos dois concelhos. A análise quantitativa permite-nos fazer gráficos e tabelas, de modo a quantificar e interpretar descritivamente os resultados apurados, tendo em conta os fatores de variação social e geográfico. Contudo, importa salientar que os dados quantitativos são, muitas vezes, “escorregadios”, dado que os valores dependem exclusivamente do número ou valor da amostra em análise. Porém, é na irregularidade dos resultados estatísticos que está a riqueza do sistema linguístico, enquanto realidade social, pois as ciências sociais não são exatas.

Também fizemos a análise qualitativa dos dados recolhidos, centrada no estudo dos significados fornecidos pelos inquiridos, confirmando o desuso ou a vitalidade dos termos, e mesmo a (re)criatividade semântica, quando apresentam novos significados. A junção das metodologias quantitativa e qualitativa conduz a resultados mais completos, com uma descrição mais ampla e integrada dos fenómenos linguísticos no seu contexto social. Para sistematizar todas as informações coletadas, optámos pela elaboração de um glossário (capítulo III), registando neste as diferentes aceções, bem como o significado padrão quando nos é dado como última aceção, e respetivos exemplos de uso dos vocábulos fornecidos pelos informantes.

Procurámos seguir os pressupostos teóricos-metodológicos ou procedimentos sistemáticos da Sociolinguística Variacionista para a descrição e explicação dos dados, possibilitando a sistematização da variação existente na língua falada. Posto isto, os estudos dialetais e sociolinguísticos complementam os estudos culturais, na medida em que podem mostrar que existem razões sociais para a escolha de formas sociolinguísticas, ao evidenciar que as variáveis linguísticas podem veicular significados sociais (Labov, 1972), como é o caso dos regionalismos madeirenses.

5. Enquadramento teórico

5.1 Estudo dialetal e sociolinguístico

Este estudo enquadra-se na área da Dialectologia lexical, centrando-se na análise de alguns regionalismos madeirenses no Português falado na ilha da Madeira, mais especificamente nos concelhos da Calheta e do Funchal, assim como no âmbito da Sociolinguística Variacionista, tendo em conta os fatores de variação social (sexo / género, idade e escolaridade). Como se trata de um estudo essencialmente empírico ou trabalho de campo de recolha de dados, não desenvolveremos muito a parte teórica.

Qualquer estudo linguístico tem de ter presente a língua enquanto realidade social. Assim, este trabalho de investigação não é só dialetal mas sociodialetal. Saussure foi o primeiro a chamar a atenção para a dicotomia “Língua e Fala”, enquanto realidades respetivamente social e individual, mostrando a importância dos estudos sincrónicos da língua. Estes desenvolveram-se a partir da fala como realidade linguística diversificada. A Dialectologia e mais tarde a Sociolinguística mostraram a heterogeneidade ou variação respetivamente geográfica e social da língua, através da recolha de dados linguísticos dos falantes, por áreas geográficas e por estratos sociais. Para Saussure, a língua é um sistema social que sofre mudanças com o tempo e a massa falante, logo é atualizada através da fala. Daí a dicotomia Saussureana (1992: 129-140) “Língua e Fala” e a mutabilidade e imutabilidade do signo linguístico: “De fato, nenhuma sociedade conhece nem nunca conheceu a língua senão como produto herdado das gerações anteriores que se deve receber e manter intato. (...). Um determinado estágio da língua é sempre o produto de fatores históricos, e são estes fatores que explicam porque é que o signo é imutável, isto é, porque é que resiste a qualquer substituição arbitrária.”

Saussure (1992: 129-140) afirma ainda que “as modificações da língua não estão ligadas à sucessão das gerações, as quais, em vez de se sobreporem umas às outras como gavetas duma cómoda, misturam-se e interpretam-se e contêm simultaneamente indivíduos de todas as idades.” No entanto, a Sociolinguista Variacionista veio mostrar a importância da variação entre os diferentes grupos etários na mudança linguística, diluindo as dicotomias saussureanas. A língua ao ser dinâmica está sujeita a diversas transformações e variações, variando no espaço, no tempo e na sociedade (nos grupos sociais), dependendo dos interlocutores, do seu nível de instrução e até mesmo do sexo dos sujeitos. Por isso, a língua como realidade multifacetada precisa de uma norma linguística que constitui uma realidade ideal como referência padrão a seguir, composta por um conjunto de regras dessa mesma língua, de modo a uniformizá-la e a facilitar o seu entendimento por todos os seus falantes. Contudo, a imposição da norma padrão pela escola não deveria contribuir para estigmatizar formas linguísticas de outras variedades não-padrão da língua. Neste sentido, Labov (1969: 2) sublinha que “The most useful service which linguists can perform today is to clear away the illusion of ‘verbal deprivation’ and provide a more adequate notion of the relations between standard and nonstandard dialects.”

Mateus e Cerdeira (2007: 21) definem a norma como “a modalidade linguística escolhida por uma sociedade, enquanto modelo de comunicação. É, portanto, um modelo ou uma variedade padrão “supradialetal”, escolhida pelo seu prestígio cultural, geralmente por corresponder à língua falada na capital, centro político e socioeconómico do país ou de uma região”. Salientamos ainda que uma variedade geográfica ou dialeto e a norma não são conceitos opostos, uma vez que a norma também é um dos dialetos ou variedades de uma língua. Assim, através do estudo da língua, observamos que os fatores sociogeográficos, acumulados de uma sociedade no transcorrer da sua história, atuam e modificam a fala de uma comunidade (Coseriu, 1987: 22). Como referem Cunha e Cintra (1985: 1), as línguas não são imutáveis, pelo contrário vivem em constante evolução: “A utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.” A nossa língua tem evoluído de acordo com a oralidade, estando inteiramente sujeita a diversas transformações, sendo importante analisar os fatores sociais que de uma forma ou de outra têm contribuído para a variação e para as mudanças linguísticas. Deste modo, é essencial não ignorar que a oralidade, a fala, por ser espontânea e natural ao contrário da escrita que é estática

e conservadora, é um fator determinante dessas mudanças, que no futuro, se poderão traduzir na norma padrão. Weinreich, Labov e Herzog (1968: 114) citam Meillet, que afirma que o “único elemento variável ao qual se pode apelar a fim de explicar a mudança linguística é a mudança social, da qual as variações linguísticas são somente as consequências - às vezes imediatas e diretas e no mais das vezes, mediatas e indiretas.” Posto isto, apesar de este ser um estudo dialetal, pareceu-nos importante usar a metodologia da Sociolinguística Variacionista, para melhor tratamento dos dados e observação da variação e mudança entre os diferentes estratos sociais, no conhecimento e uso de alguns regionalismos lexicais madeirenses.

Como a Dialetoлогия estuda as variedades regionais ou dialetos de uma língua, tradicionalmente, centra-se no estudo de comunidades rurais, entrevistando ou inquirindo sobretudo falantes idosos com um baixo nível de escolarização, que não tenham sofrido a imposição da norma da escola. A Sociolinguística Variacionista veio alargar o estudo espontâneo da fala aos vários estratos sociais, procurando explicar a variação através das variáveis extralinguísticas: género, idade e escolaridade, entre outros fatores externos à língua. Labov (1981: 28) escreve: “Field methods used in Martha’s Vineyard (Labov 1963) were modifications of earlier techniques used in dialectology, and the New York City study (Labov 1966) still showed some focus on lexical items which reflected the dialectological tradition.”.

Assim, a Sociolinguística Variacionista, como estudo da variação social da língua, tal como a Dialetoлогия, fundamenta-se no estudo de dados linguísticos produzidos num contexto real ou verídico, associando o comportamento linguístico aos aspetos socioculturais dos falantes, complementando assim o estudo da variação geográfica. Embora a variação social também esteja presente na Dialetoлогия, uma vez que o falante inserido numa determinada região é portador de um perfil social que o identifica quanto à faixa etária, ao sexo/género e ao grau de escolaridade, a Sociolinguística Variacionista, desenvolvida a partir dos estudos efetuados por Labov na década de 1960 (inicialmente na ilha de Martha’s Vineyard e depois na cidade de Nova Iorque), como já referimos, coloca o enfoque na variação e na mudança. Também é chamada “Teoria da Variação e da Mudança Linguística”, pois, para Weinreich, Labov & Herzog (1968: 99), os “estudos empíricos têm confirmado o modelo de um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social.”.

Logo, são as mudanças sociais que explicam a mudança linguística, pois não há mudança sem variação e esta resulta de fatores sociais.

Através de pesquisas de campo, os estudos sociolinguísticos registam, descrevem e analisam sistematicamente a fala de diferentes falantes, elegendo a variação social como seu principal objeto de estudo. Estas análises implicam o estudo da fala de diferentes grupos sociais dentro de uma mesma comunidade, sendo os informantes agrupados principalmente por nível de escolaridade (e socioeconómico), idade e sexo. Esta perspectiva, permite-nos observar e analisar a distinção social entre um falar culto, considerado a língua padrão que está diretamente ligada à gramática normativa ensinada nas escolas e que está em estreita ligação com o uso literário da língua e com as situações de fala formais, e a linguagem popular mais ligada à menor escolaridade das classes mais baixas da sociedade e às situações menos formais de comunicação. Já Manuel Alvar (1976), em *Lengua y Sociedad*, escrevia que a língua simultaneamente discrimina e une os falantes, pois é a mais social de todas as criações.

Deste modo, a Sociolinguística Variacionista preocupa-se com a constituição de uma amostra estratificada de falantes de uma determinada área (rural ou urbana), tendo presente as diferentes características socioculturais dos inquiridos. Como as cidades são espaços onde se concentram maiores índices de diversidade linguística e social, a Sociolinguística Variacionista tem privilegiado o estudo dos centros urbanos, vindo a alargá-lo às zonas rurais. Este trabalho de investigação, ao juntar o estudo de alguns regionalismos madeirenses numa área urbana e numa área rural, pretende contribuir para o conhecimento da variação e das mudanças linguísticas em curso, a partir das respostas obtidas nos inquéritos semântico-lexicais realizados. Procurámos, assim, estudar simultaneamente a variação diatópica e diastrática, dentro do dialeto madeirense, de cinquenta e dois (52) itens lexicais, de forma a aferir a sua conservação e vitalidade. Dentro dos estudos linguísticos, o léxico assume um papel fulcral no que respeita à formação de variedades regionais e socioculturais da Língua Portuguesa, uma vez que o vocabulário usado por indivíduos de uma área geográfica específica revela o ambiente histórico, cultural e social em que se encontram inseridos. Logo, o estudo dos regionalismos de uma determinada região permite a observação da preservação de uma parte da memória, sócio-histórica e linguístico-cultural de um grupo, bem como da variação e das mudanças semântico-lexicais num determinado momento da sua história.

5.2 Os regionalismos madeirenses

Os fatores históricos e geográficos como o povoamento, os contactos linguísticos com outros povos e culturas e mais tarde com a emigração, assim como o isolamento do Arquipélago, fizeram com que nele se formasse uma variedade regional que é uma mistura de conservadorismo de várias influências linguísticas, nomeadamente do continente português, e, por outro lado, de algumas inovações próprias da Região Autónoma da Madeira. Algumas inovações linguísticas específicas da cultura madeirense são vocábulos como *bolo do caco*, *poncha*, *bolo de mel* e *rebuçados de funcho*, que correspondem a realidades regionais. Assim, para podermos falar destes vocábulos, conhecidos como “regionalismos”, temos primeiramente que conhecer este conceito. O termo regionalismo, como o próprio nome indica, é definido no *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* como “vocabulário, aceção, expressão, própria de uma região”, sendo utilizado, geralmente, para unidades lexicais. Segundo Nunes (2014), trata-se de palavras características de um dialeto, região ou variedade diatópica, sendo unidades lexicais que não existem na norma padrão: arcaísmos que caíram em desuso ou inovações lexicais que surgiram na Madeira, nomeadamente através do contacto com outras línguas. Para complementar a afirmação anterior Rebelo (2014: 631), em “Património Linguístico Madeirense (Alguns aspetos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos)”, escreve que os regionalismos são tidos como “(...) termos antigos que as gerações mais novas não usam ou reconhecem como fazendo parte da forma de falar dos avós ou bisavós, chamando-se a este conjunto Património Linguístico Madeirense.”

É importante referir que muitos vocábulos usados no “madeirense” não são verdadeiros regionalismos, pelo facto de existirem noutros países ou regiões. Segundo afirma Rebelo e Nunes, na entrada “Regionalismos madeirenses” (no prelo), a publicar no *Dicionário Enciclopédico da Madeira*, no estudo dos regionalismos devemos ter em conta o critério geográfico, o cultural e, conseqüentemente, o histórico porque é a combinação destes três planos que permite distinguir regionalismos linguísticos próprios do Arquipélago da Madeira dos de outras proveniências.

Rebelo e Nunes (no prelo) referem que, para identificar um regionalismo madeirense verdadeiro e genuíno, podemos seguir diversos métodos: um deles é a deslocação do investigador à região ou regiões a estudar, obtendo dados através de fontes diretas e não só fontes indiretas; outro método é o inquérito a nativos e a falantes

forasteiros. Optámos pelo método de recolha junto de fontes diretas, falantes locais. Apesar de existirem algumas publicações de vocabulários da variedade madeirense da Língua Portuguesa, monografias de licenciatura e teses de mestrado, Nunes (2014: 337) afirma que “ainda faltam estudos exaustivos e comparativos das diferentes áreas geográficas para podermos determinar a exclusividade ou não de um regionalismo como pertencente a uma região.” Porém, não nos vamos alongar acerca desta temática, pelo facto de o nosso tema de estudo se centrar na variação e vitalidade de alguns regionalismos, testando o conhecimento e o uso dos mesmos em dois concelhos madeirenses (variável geográfica: rural vs. urbano), ou seja se os inquiridos naturais de meios rurais têm um maior conhecimento do léxico regional em relação aos falantes residentes na cidade do Funchal, área aberta a influências linguísticas diversificadas.

Para podermos falar do léxico regional, temos que, primeiramente, distinguir a linguagem popular da linguagem regional. A primeira é tida como uma linguagem comum a várias regiões do país, enquanto a segunda é específica de uma determinada região. Relativamente ao registo da linguagem popular e da linguagem regional dos falantes residentes nas áreas rurais, Verdelho (1982: 180-181) afirma que muitos romances regionalistas portugueses procuram dar conta da linguagem falada no local onde se desenrola a ação, procurando captar as particularidades linguísticas de uma determinada região. No entanto, na maior parte das vezes, os aspetos linguísticos presentes nas obras pertencem ao português popular e não ao português regional, porque são expressões características de fala das pessoas iletradas ou pouco instruídas de qualquer província rural portuguesa, ou seja, é mais rusticista do que regionalista.” Esta citação mostra bem a dificuldade em superar o que é regional e o que é popular. Contudo, procuraremos, distinguir as formas lexicais do registo popular dos regionalismos. No que diz respeito ao património linguístico madeirense, característico de áreas rurais, tem vindo a ser desprestigiado pela população em geral, pois o falar regional ainda o identifica muitas vezes como rústico, pelo facto de estar associado ao povo que vivia isolado e não possuía qualquer tipo de escolarização. O isolamento foi o principal fator para que o povo conservasse os vocábulos antigos e não os fizesse desaparecer, porém hoje parece haver uma falha no que respeita à transmissão destes vocábulos às novas gerações. A proximidade entre os meios rurais e urbanos permitiu que muitos vocábulos, até então usados, deixassem de o ser, vindo a cair em desuso, devido à quebra do isolamento e, principalmente, pelos média (o rádio, a televisão, a internet, etc...). As novas gerações tendem a falar o Português padrão pelo facto de não

terem consciência da “riqueza do património tradicional e popular do Arquipélago da Madeira.” (Nunes, 2004: 1). A autora (2004: 8) explica que “Algumas expressões populares madeirenses estão em vias de extinção, porque não apresentam prestígio social, sendo vistas pelos jovens como ruralismos e arcaísmos, por exemplo: *serrilho*, para designar a espinha ou coluna vertebral; *atremar*, com o significado de entender; *sobre si / sobressi* para designar um doente mental; *aduelas* com o significado de costelas, por analogia com barril, e *arcas* para denominar a caixa torácica, por analogia com uma arca de madeira (expressão «Levou nas arcas e partiu uma aduela.»).”

Assim, o preconceito linguístico surge do facto de os regionalismos não pertencerem à língua padrão, por serem tidos como termos rurais, tendendo a ser desprestigiados pelas camadas populacionais mais escolarizadas, por não lhes atribuírem prestígio linguístico. Salientamos ainda que o meio rural propicia o falar “regionalista”, enquanto na cidade os falantes falam mais de acordo com a norma padrão. Nunes (2014: 344), após testar a vitalidade de alguns regionalismos madeirenses junto de seis informantes residentes no concelho do Funchal, refere que “os regionalismos são usados naturalmente, muitos são usados em contextos informais, com amigos e no registo familiar (variação estilística ou diafásica). Outros são usados a brincar ou em tom de brincadeira pelos jovens, com pendor regionalista conscientemente expressado.” Concluimos ainda que “os regionalismos podem ser utilizados com valor afetivo num grupo de amigos ou entre grupos, como é o caso do encontro de grupos desportivos de várias regiões do país, onde há uso de variantes regionais, ou seja, trocas linguísticas e culturais.” (2014: 344)

Atualmente, verificamos que os regionalismos madeirenses são cada vez mais usados pelos jovens, como forma de afirmação identitária de pertença à cultura regional, inclusivamente em festas organizadas em discotecas, como a realizada no final do ano letivo 2014-2015 pelos alunos de Design da Universidade da Madeira, nas Vespas, denominada *retoixa* (“brincadeira”), utilizando vários cartazes e objetos que representavam os vocábulos regionais, associando o seu uso à moda e à criatividade. O prestígio social, tal como o preconceito linguístico, está diretamente associado à cultura e à sociedade, ou seja, à interação entre língua e sociedade, que são inseparáveis, uma vez que os falantes mais escolarizados são mais cultos, falam melhor, tendo mais prestígio social, por oposição aos falantes do Português popular.

A Sociolinguística Variacionista vem mostrar que o Português popular, tal como qualquer variedade da língua é sistemático, previsível e legítimo (autêntico e genuíno).

Felizmente, está em curso uma valorização da cultura popular madeirense, através do turismo e dos emigrantes que procuram o que é genuinamente madeirense, assim como graças aos meios de comunicação social, à Universidade da Madeira e aos grupos e associações culturais que procuram inovar, recriando as tradições regionais. Assim, o popular e o regional são cada vez mais parte da nossa identidade cultural, o que nos leva a uma maior proximidade entre a cidade e o campo e, provavelmente, ao maior conhecimento (e uso) dos regionalismos madeirenses.

6. Estrutura do trabalho

A presente dissertação é composta por três capítulos. Na introdução, apresentamos a justificação do tema, os objetivos principais, a contextualização geográfica, histórica e socioeconómica dos concelhos em estudo e a metodologia de pesquisa, assim como um breve enquadramento teórico do nosso estudo.

No primeiro capítulo, expomos, analisamos e discutimos os resultados quantitativos obtidos por concelho (Calheta e Funchal) tendo em conta os fatores de variação social (género, idade e escolaridade) e a variável geográfica (rural *vs.* urbano). No segundo capítulo, fazemos o estudo comparativo dos dois concelhos.

No terceiro capítulo, apresentamos a análise qualitativa dos dados, através da elaboração de um glossário, sistematizando todas as informações sobre cada vocábulo e dando conta da variação lexical e semântica (sinonímia e polissemia) dos regionalismos.

Por fim, formulamos algumas considerações finais, registamos a bibliografia consultada, que serviu de base para o desenvolvimento deste estudo, e fornecemos os apêndices em suporte digital (CD).

CAPÍTULO I - ESTUDO QUANTITATIVO: CONCELHO DA CALHETA E DO FUNCHAL

1. CONCELHO DA CALHETA

1.1 Descrição e análise dos dados

No que diz respeito à descrição quantitativa, começaremos por apresentar os dados linguísticos do concelho da Calheta, de modo a conhecer a variação, mudança e vitalidade dos regionalismos estudados, nesta área rural, tendo presente os fatores de variação social.

No município da Calheta, apurámos um total de 2.095 respostas (84%) para o significado dos cinquenta e dois (52) regionalismos que compõem a lista em análise, em que 1.051 respostas pertencem ao sexo masculino e as restantes 1.044 ao sexo feminino. Quanto aos exemplos de uso, registámos um total de 991 respostas (40%), em que 499 respostas pertencem ao sexo masculino e 492 ao sexo feminino. De acordo com os resultados obtidos neste concelho, é claramente verificável que o número de vocábulos usados pela população inquirida é inferior a metade do que os informantes indicam conhecer e que é o género masculino que mais diz conhecer e usar os regionalismos, fornecendo um maior número de respostas e exemplos de uso.

1.1.1 Variável sexo

Relativamente ao género, observamos que, no concelho da Calheta, os homens indicam conhecer 84% dos vocábulos, proferindo usar 40%, enquanto as mulheres revelam conhecer 83% e usar 39%. É notório que ambos os sexos conhecem grande parte dos vocábulos, porém denotamos que os inquiridos tendem a não usá-los no seu dia-a-dia. Perante estas percentagens obtidas, podemos aferir que os homens apresentam um comportamento linguístico um pouco mais conservador, embora demonstrando conhecer e usar apenas mais 1% dos regionalismos em análise, em relação às mulheres. Todavia, observamos que estes valores percentuais apurados também são clarificáveis, se tivermos em conta o fator nível de escolaridade. Pois, como já foi referido anteriormente, não foi possível respeitar este fator, sendo a nossa amostra constituída por mais homens do que mulheres portadores de um baixo grau de escolarização (ensino

primário e básico) o que poderá justificar o maior conhecimento e uso destes vocábulos por parte dos homens. Observemos o seguinte gráfico que dá conta dos valores percentuais apurados por género, neste concelho.

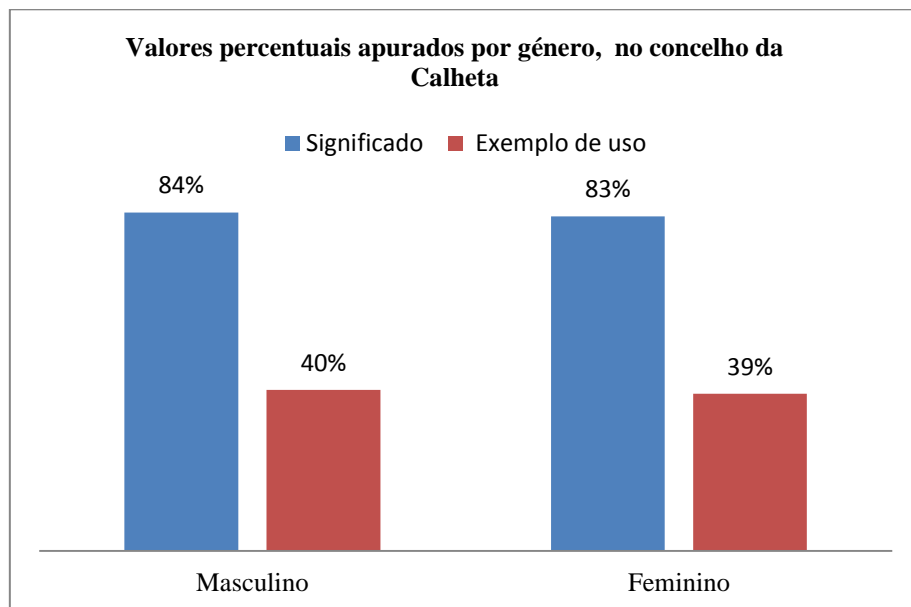
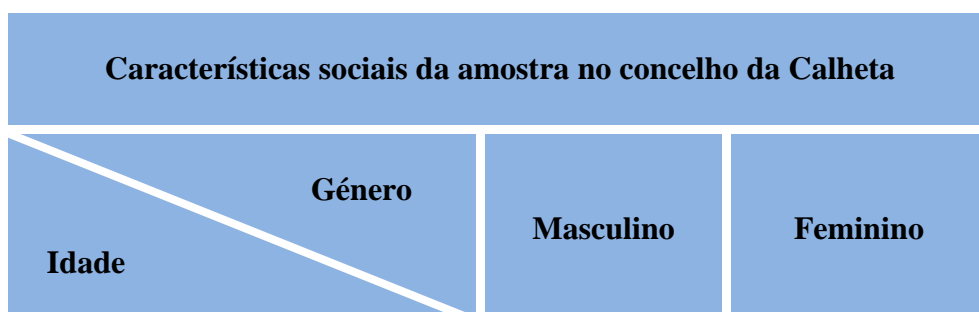


Gráfico 1: Valores percentuais apurados por género, no concelho da Calheta

Relembramos novamente que, apesar do número dos inquiridos ter sido irregular no que diz respeito ao fator escolaridade, denotamos que, no geral, as percentagens apuradas por sexo se encontram relativamente próximas, diferindo apenas 1% no que respeita ao significado e aos exemplos de uso.

1.1.2 Variável idade

No que se refere ao fator idade, importa ter presente a estrutura etária dos informantes que compõem o nosso *corpus* linguístico.



Faixa etária A (18 aos 35 anos)	8	8
Faixa etária B (36 aos 55 anos)	8	8
Faixa etária C (56 aos 75 anos)	8	8
Total	24 informantes	24 informantes

Tabela 1: Características sociais da amostra no concelho da Calheta

Para compreendermos os resultados obtidos por faixa etária e género, é importante observar atentamente a tabela abaixo, tendo presente sempre a tabela anterior, que nos mostra em síntese o número de respostas obtidas e respetivas percentagens, relativamente aos significados dos vocábulos e aos exemplos de uso, tendo em conta as características sociais (sexo e faixas etárias) da amostra no concelho da Calheta.

Faixa Etária	Número de respostas pertencentes ao sexo masculino		Número de respostas pertencentes ao sexo feminino	
	Significado	Exemplos de uso	Significado	Exemplos de uso
Faixa etária A (18 aos 35 anos)	337 (81%)	139 (33%)	349 (83%)	119 (29%)
Faixa etária B (36 aos 55 anos)	346 (83%)	150 (36%)	333 (80%)	150 (36%)
Faixa etária C (56 aos 75 anos)	368 (88%)	210 (51%)	362 (87%)	223 (54%)

Tabela 2: Número de respostas obtidas no concelho da Calheta, para os significados dos vocábulos e os seus exemplos de uso, por faixas etárias e género

No gráfico seguinte, podemos visualizar estes resultados em valores percentuais obtidos, por faixas etárias e género, no concelho da Calheta:

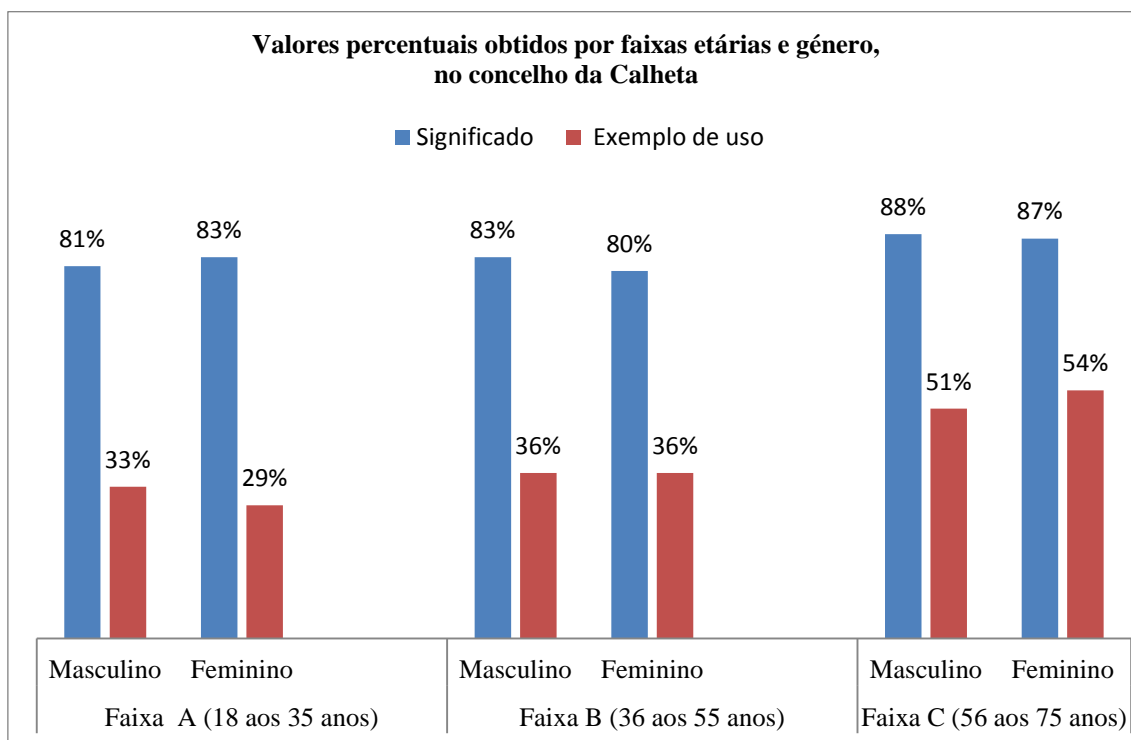


Gráfico 2: Valores percentuais obtidos por faixas etárias e género, no concelho da Calheta

A observação dos resultados por faixa etária permite-nos comprovar que os inquiridos da faixa etária C, com idades compreendidas entre os 56 e os 75 anos, são os que mais indicam conhecer e usar os vocábulos em estudo, indicando um maior número de respostas as questões em estudo ao compararmos com as restantes faixas etárias em análise. Observemos que, apesar dos homens indicarem conhecer mais vocábulos (88%) do que as mulheres (87%), relembramos que a diferença é de apenas 1%, são elas quem tende a usá-los com maior frequência (54%), assumindo uma posição mais conservadora. Seguem-se os inquiridos da faixa etária B, em que os homens manifestam conhecer mais 3% dos vocábulos (83%) em relação as mulheres (80%), mas no que se refere ao uso, verificamos que ambos os géneros indicam usar o mesmo número de palavras (36%) e, por fim, seguem-se os jovens (faixa etária A), com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos verificando-se que os homens, apesar de conhecerem menos vocábulos (81%) do que as mulheres (83%), demonstram usá-los mais vezes (33%) se compararmos com o sexo oposto (29%). Atendendo ainda aos valores percentuais obtidos por faixas etárias e género, no concelho da Calheta, verificamos que os homens da faixa etária B conhecem o mesmo número de vocábulos que as mulheres da faixa etária A (83%) e apenas mais 2% do que os homens da faixa

etária A (81%). No que se refere aos exemplos de uso, os dados mostram que inquiridos da faixa etária B registam as melhores percentagens se compararmos com os informantes da faixa etária A. De um modo geral, concluímos que os idosos são os que mais se destacam quer no conhecimento quer no uso dos termos madeirenses, seguindo-se os adultos e, por fim, os jovens, que por norma tendem a ser menos conservadores, pelo facto de possuírem uma maior formação académica.

1.1.3 Variável escolaridade

No que se refere ao fator escolaridade, não foi possível respeitar a estrutura de uma amostra estratificada, em que os indivíduos são categorizados em termos de idade, género e nível de escolaridade, dada a grande dificuldade em encontrar informantes que se ajustassem aos parâmetros inicialmente definidos no presente estudo, sobretudo no que respeita aos jovens com ensino superior. Assim, para compreendermos os dados obtidos na variável escolaridade, temos que ter presente a tabela abaixo, que especifica de forma clara a distribuição dos informantes por grau de escolaridade e género, no concelho da Calheta.

Distribuição dos informantes por grau de escolaridade e género, no concelho da Calheta		
Grau de Escolaridade	Masculino	Feminino
Nunca frequentou	-	1
Primário	9	8
Básico	7	4
Secundário	6	6
Superior	2	5
Total	24 informantes	24 informantes

Tabela 3: Distribuição dos informantes por grau de escolaridade e género, no concelho da Calheta

O nível de escolaridade permite-nos conhecer o grau de escolarização dos inquiridos, distinguindo os jovens (que estão mais próximos da língua padronizado) dos adultos e dos idosos que por serem menos escolarizados são os que mais tendem a conservar os vocábulos madeirenses. Atente-se a seguinte tabela, de forma a conhecer os valores percentuais obtidos, no que respeita ao grau de escolaridade, no concelho da Calheta.

Nível de escolaridade	Número de respostas pertencentes ao sexo masculino		Número de respostas pertencentes ao sexo feminino	
	Significado	Exemplos de uso	Significado	Exemplos de uso
Nunca Frequentou	-	-	48 (92%)	21 (40%)
Ensino Primário	422 (90%)	216 (46%)	357 (86%)	221 (53%)
Ensino Básico	274 (75%)	120 (33%)	151 (73%)	75 (36%)
Ensino Secundário	267 (86%)	122 (39%)	272 (87%)	69 (22%)
Ensino Superior	88 (85%)	41 (39%)	216 (83%)	106 (41%)

Tabela 4: Número de respostas obtidas no concelho da Calheta, para os significados dos vocábulos e os seus exemplos de uso, por grau de escolaridade e género

No gráfico seguinte podemos visualizar estes resultados em valores percentuais obtidos por grau de escolarização, no concelho da Calheta.

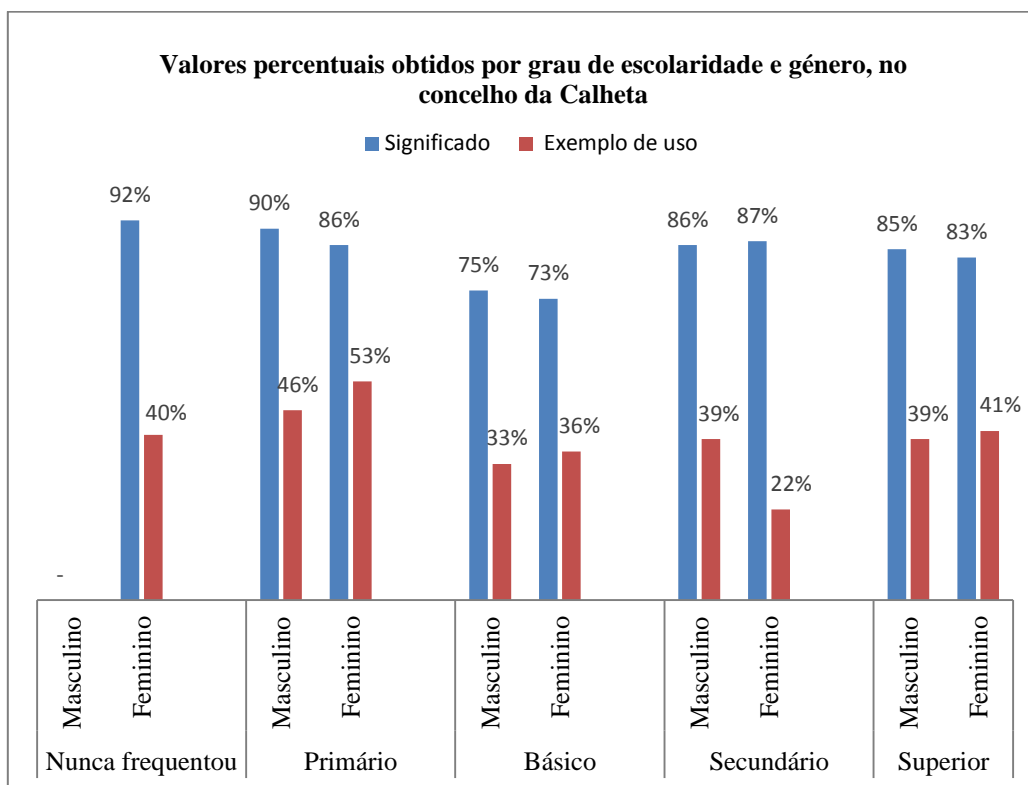


Gráfico 3: Valores percentuais obtidos por grau de escolaridade e género, no concelho da Calheta

De um modo geral, é verificável que os inquiridos, independentemente do sexo, inseridos nos diversos níveis de escolaridade em estudo, revelam conhecer grande parte dos vocábulos em estudo, todavia tendem a não os conservar, uma vez que as percentagens obtidas nos exemplos de uso são, na sua maioria, inferiores à percentagem apurada no que respeita ao conhecimento dos vocábulos.

Da análise dos dados, registados no gráfico verificamos que a única inquirida que nunca frequentou o ensino, apesar de conhecer a maioria dos vocábulos, profere não usar mais de metade (40%). Quanto aos inquiridos com ensino primário, observamos que estes registam uma percentagem relativamente superior ao que apurámos nos restantes graus de ensino, relativamente ao conhecimento e ao uso das palavras. Ao compararmos os dois sexos, verificamos que os homens dizem conhecer 90% dos vocábulos, enquanto as mulheres conhecem 86% das palavras, mas, no que se refere ao seu uso, as mulheres são mais conservadoras, indicando usar 53% dos vocábulos, em relação aos homens, com 46%. Estes resultados levam-nos a constatar que quanto menos estudos a população inquirida tem mais vocábulos indica conhecer e usar.

No ensino básico, apurámos percentagens mais baixas relativamente ao que diz respeito ao conhecimento e uso dos vocábulos. Verificamos que, num total de onze

informantes, os sete homens afirmam conhecer 75% dos termos regionais, enquanto as quatro mulheres conhecem menos 2%, registando uma percentagem de 73%. Porém, no que se refere ao uso dos mesmos, as mulheres assumem uma posição mais conservadora, proferindo usar 36% dos vocábulos, face a 33% nos homens.

Relativamente aos doze informantes com ensino secundário, verificamos que as mulheres conhecem mais regionalismos do que os homens, apesar de serem eles, com 39%, os que tendem a conservar o seu uso, se comparamos com as mulheres (22%). Por fim, no ensino superior, observamos que as mulheres, apesar de terem beneficiado de um maior contacto com a diversidade linguística e cultural do país, não parecem demonstrar qualquer preconceito em conhecer e usar os regionalismos, o que já não se verifica no sexo oposto (sexo masculino: 85% para o significado dos vocábulos e 39% para os exemplos de uso). Verificamos ainda que, os resultados obtidos neste grau de ensino encontram-se muito próximos dos resultados obtidos no ensino primário (relembramos que estes resultados dependem do número de respostas fornecidas pelos informantes ao conhecimento e ao uso dos vocábulos).

Depois de conhecermos os resultados gerais obtidos no concelho em estudo, passaremos a analisar os dados apurados, também de um modo geral pelas oito freguesias que compõem este concelho.

1.2 Apresentação geral dos resultados apurados nas freguesias do concelho da Calheta

Depois de conhecermos os resultados obtidos nas variáveis: sexo, idade e escolaridade, interessa-nos conhecer a(s) freguesia(as) que registam a(s) melhor(e)s percentagem(s) quer no conhecimento dos vocábulos quer no uso.

No geral, verificamos que, das oito freguesias que compõem o concelho em estudo, a Ponta do Pargo é a localidade que mais se destaca, dado que regista a melhor percentagem de conhecimento (94%) e uso (63%) dos vocábulos. O facto de se tratar de uma zona extremamente isolada e rural, com um maior número de população sénior, devido ao fraco desenvolvimento económico, levou a que muitos jovens saíssem da sua terra natal rumo a outros países a procura de melhores condições de vida, à baixa taxa de natalidade e ao baixo nível de escolarização.

Seguem-se as freguesias: Arco da Calheta, registando 93% para o conhecimento e 37% para o uso, o centro da Calheta, com uma percentagem de 89% para o significado e 51% para o uso, os Prazeres, registando 84% para o significado e 61% para o uso, e por fim, a Fajã da Ovelha, com 82% no conhecimento e 38% para o uso. Para além da Ponta do Pargo, os inquiridos das localidades anteriormente referidas manifestam conservar ainda os termos madeirenses, uma vez que indicaram um número de respostas, superior ao que apurámos nas restantes localidades. Observemos o gráfico abaixo, de modo a conhecer os valores percentuais obtidos para cada freguesia do concelho.

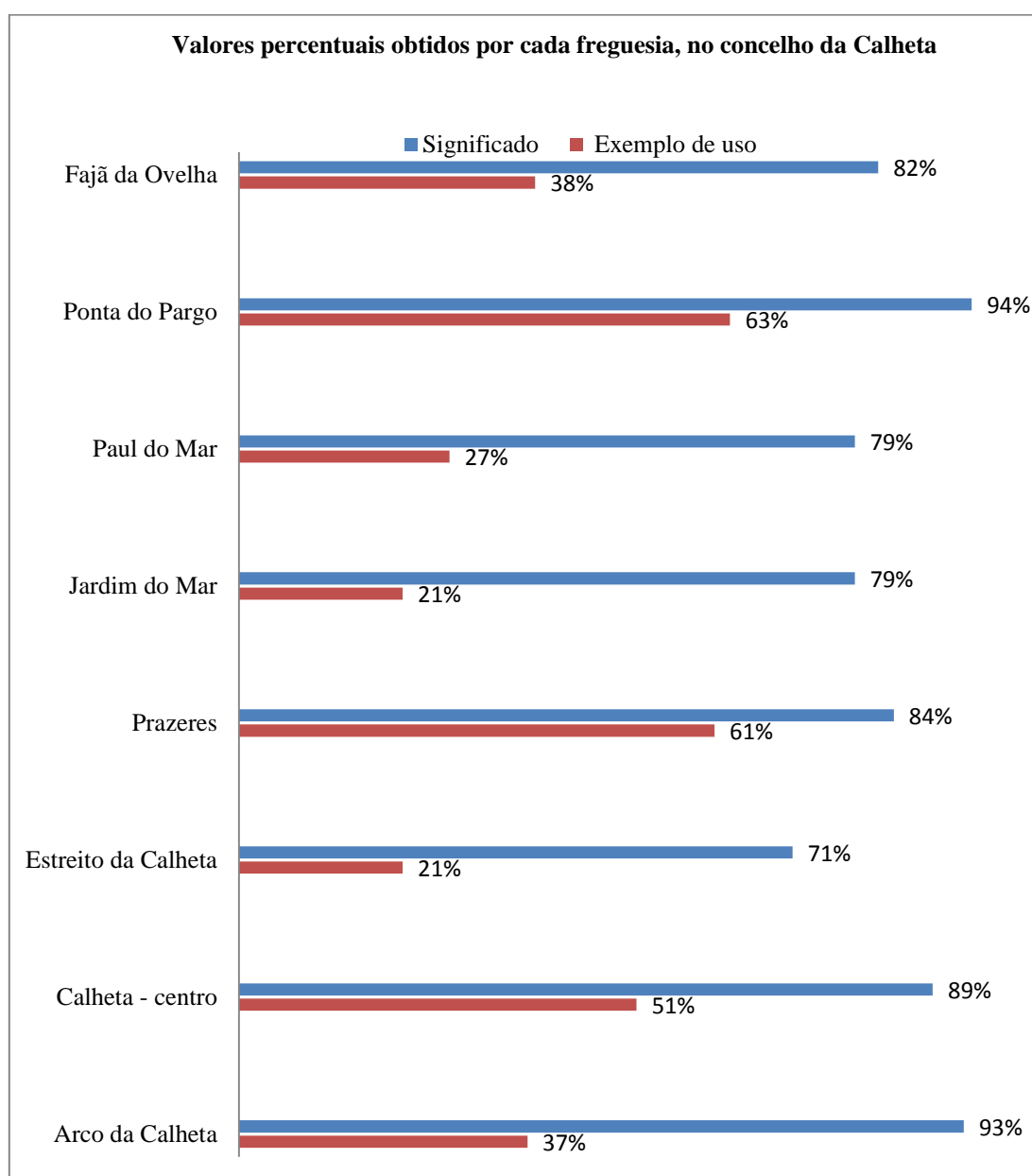


Gráfico 4: Valores percentuais obtidos por freguesia no concelho da Calheta

Para além das freguesias anteriormente referidas, verificamos que os inquiridos naturais das freguesias do Paul do Mar e do Jardim do Mar afirmam conhecer 79% dos vocábulos, porém são os habitantes do Paul do Mar quem mais exemplos de uso indicam (27%), em relação aos jardineiros (com 21%). A baixa percentagem poderá estar associada ao facto de muitos regionalismos nestas duas localidades terem já caído em desuso, como é o caso do termo “levadeiro” que os jardineiros mostram conhecer, no entanto já não o usam, pelo facto de ter deixado de existir há muitos anos “o homem que distribuía a água de rega pela freguesia”.

De acordo com os resultados gerados no gráfico anterior, verificamos que as freguesias do Arco da Calheta, do Paul do Mar, do Jardim do Mar e do Estreito da Calheta terão a tendência para deixar os regionalismos madeirenses caírem em desuso, uma vez que apresentam percentagens de uso muito inferiores ao que indicam conhecer. A falta de transmissão oral as novas gerações também contribuirá para que muitos termos regionais venham a desaparecer com o passar dos anos.

2. CONCELHO DO FUNCHAL

2.1 Descrição e análise dos dados

No município do Funchal, a nossa amostra é constituído por sessenta inquiridos. Neste concelho, obtivemos 2.179 respostas (70%) para o significado dos cinquenta e dois vocábulos que compõem a lista do questionário: 1.092 respostas (70%) pertencem ao sexo masculino e 1.087 (69%) ao sexo feminino. No que diz respeito aos exemplos de uso, apurámos um total de 1.019 respostas (33%): 469 (30%) do sexo masculino e 550 (35%) do sexo feminino. Tal como acontece no concelho da Calheta, os resultados apresentados no concelho do Funchal parecem mostrar claramente que os informantes conhecem grande parte dos regionalismos, mas, no que se refere ao uso, verificamos que assumem uma posição menos conservadora, uma vez que as percentagens apuradas nos exemplos de uso dos vocábulos é inferior ao número de vocábulos que dizem conhecer.

2.1.1 Variável sexo

Seguidamente, apresentaremos os valores percentuais apurados neste concelho no que se refere ao género. Reparemos que, neste município, os homens revelam conhecer mais vocábulos (70%) do que as mulheres (69%) diferenciando-se por apenas 1%, tal como se registou no concelho da Calheta. Porém, no que respeita ao uso, são elas que se destacam, assumindo uma posição conservadora, ao demonstrarem usar mais vocábulos (35%) do que eles (30%). Para justificar estes resultados, recorreremos ao grau de escolaridade dos informantes. Reparemos que das trinta (30) mulheres inquiridas, neste município, dez (10) apresentam um baixo nível de escolarização, fazendo parte da amostra uma (1) inquirida que nunca frequentou o ensino e nove (9) mulheres com ensino primário, enquanto temos quatro (4) inquiridos do sexo masculino com o ensino primário, cinco (5) com ensino básico, treze (13) com o nível intermédio e oito (8) com ensino superior.

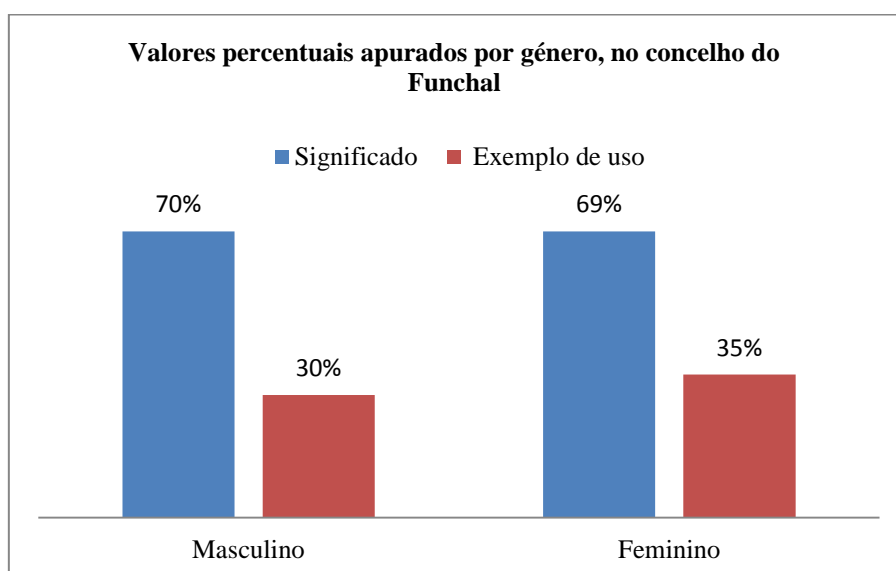


Gráfico 5: Valores percentuais apurados por género, no concelho do Funchal

Se compararmos os dois concelhos, verificamos que os calhetenses afirmam conhecer e usar mais vocábulos do que os funchalenses, o que para nos não é surpresa pelo facto de os funchalenses habitarem numa cidade com uma grande densidade populacional, onde há maior pressão da norma, logo o uso dos vocábulos em estudo já não tem tanto prestígio social para a população residente numa área urbana. Atente-se ao seguinte gráfico, de modo a conhecer os valores percentuais registados por género, no município do Funchal.

2.1.2 Variável idade

No que se refere ao fator idade, importa ter presente a estrutura etária dos informantes, no concelho do Funchal.

Características sociais da amostra no concelho do Funchal		
Idade	Género	
		Masculino
		Feminino
Faixa etária A (18 aos 35 anos)		10
Faixa etária B (36 aos 55 anos)		10
Faixa etária C (56 aos 75 anos)		10
Total		30 informantes
		30 informantes

Tabela 5: Características sociais da nossa amostra no concelho do Funchal

Observemos atentamente a tabela abaixo, tendo presente a tabela anterior, que nos mostra os resultados obtidos por faixa etária e género, relativamente aos significados e exemplos de uso dos vocábulos.

Faixa Etária	Número de respostas pertencentes ao sexo masculino		Número de respostas pertencentes ao sexo feminino	
	Significado	Exemplos de uso	Significado	Exemplos de uso
Faixa etária A (18 aos 35 anos)	295 (57%)	168 (32%)	303 (58%)	166 (32%)
Faixa etária B (36 aos 55 anos)	384 (73%)	145 (28%)	356 (68%)	117 (23%)

Faixa etária C (56 aos 75 anos)	413 (79%)	156 (30%)	428 (82%)	267 (51%)
---	--------------	--------------	--------------	--------------

Tabela 6: Número de respostas obtidas no concelho do Funchal, para os significados dos vocábulos e os seus exemplos de uso, por faixas etárias e género

Para melhor visualizar estes resultados, atente-se aos valores percentuais obtidos por faixa etária e género neste concelho:

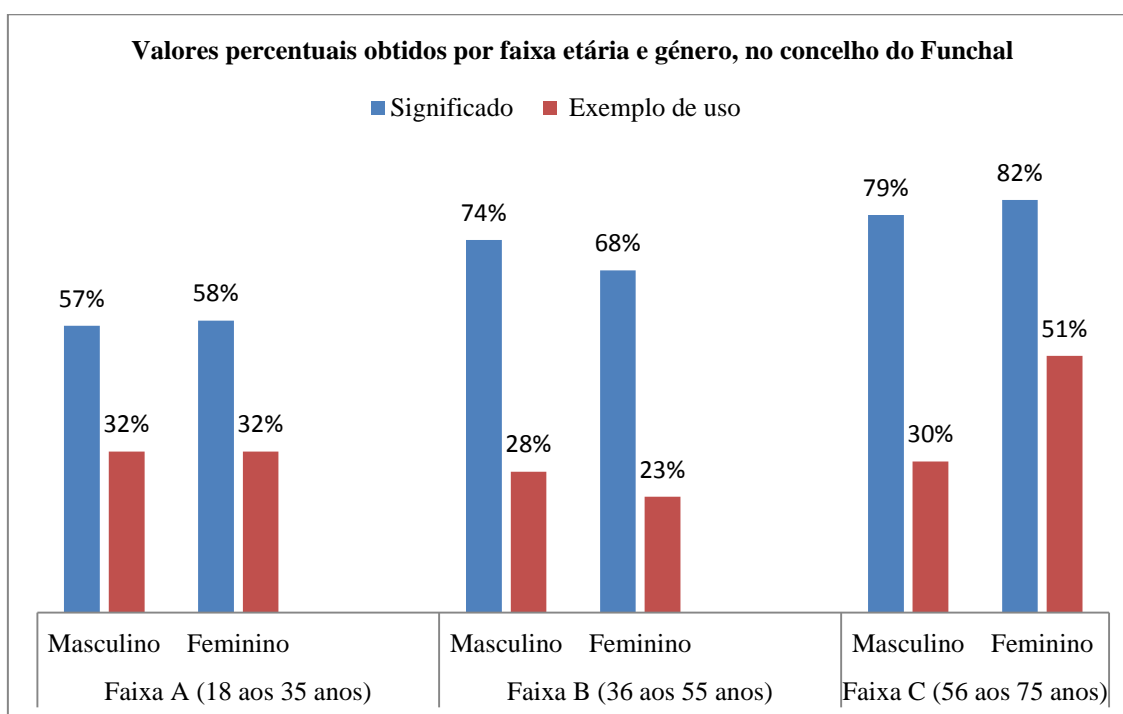


Gráfico 6: Valores percentuais obtidos por faixa etária e género, no concelho do Funchal

Da observação do gráfico, verificamos que é na faixa etária C onde registamos as melhores percentagens no que diz respeito ao significado dos regionalismos madeirenses. Tendo em conta ao gráfico, podemos aferir que as mulheres revelam conhecer (82%) e usar (51%) mais vocábulos do que os homens (79%), e do que os restantes informantes. Apesar dos idosos indicarem conhecer grande parte dos vocábulos (79%) em estudo assumem uma posição menos conservadora se compararmos com os jovens que independentemente do sexo, revelam usar mais vocábulos, do que os idosos (do sexo masculino), com uma diferença de 2%. Na faixa etária B dos 36 aos 55 anos, observamos que os homens inquiridos indicam conhecer (74%) e usar mais vocábulos (28%) do que as mulheres, apesar de apresentarem valores

de diferença muito reduzidos às questões em estudo. Por fim, na faixa etária A, concluímos que apesar dos jovens desconhecerem alguns dos regionalismos, demonstram usar mais vocábulos do que os homens adultos, relativamente aos que indicam conhecer.

De acordo com os resultados anteriormente analisados, constatamos que os informantes, independentemente da faixa etária em que se inserem, conhecem mais de metade das palavras que compõem o questionário, porém a tendência será caírem em desuso ou no esquecimento, uma vez que o número de respostas fornecidas ao uso é relativamente inferior ao que foi apurado para o conhecimento.

2.1.3 Variável escolaridade

No que diz respeito ao fator escolaridade, importa-nos primeiramente conhecer o número de informantes por grau de ensino.

Distribuição dos informantes por grau de escolaridade e género, no concelho do Funchal		
Grau de Escolaridade	Masculino	Feminino
Nunca frequentou	-	1
Primário	4	9
Básico	5	3
Secundário	13	7
Superior	8	8
Mestrado	-	2
Total	30 informantes	30 informantes

Tabela 7: Distribuição dos informantes por grau de escolaridade e género, no concelho do Funchal

Seguidamente, apresentaremos os valores percentuais obtidos, no que respeita ao grau de escolaridade, no município do Funchal. Relembramos que a discrepância entre as percentagens por escolaridade e sexo deve-se ao facto de termos um número variável de informantes por nível de escolaridade (Cf. Tabela 7).

Nível de escolaridade	Número de respostas pertencentes ao sexo masculino		Número de respostas pertencentes ao sexo feminino	
	Significado	Exemplos de uso	Significado	Exemplos de uso
Nunca Frequentou	-	-	48 (92%)	22 (42%)
Ensino Primário	171 (82%)	48 (23%)	332 (71%)	192 (41%)
Ensino Básico	224 (86%)	100 (38%)	81 (52%)	0 (0%)
Ensino Secundário	416 (62%)	140 (21%)	268 (74%)	150 (41%)
Ensino Superior	281 (68%)	181 (44%)	274 (66%)	146 (35%)
Mestrado	-	-	50 (48%)	6 (6%)

Tabela 8: Número de respostas obtidas, no concelho do Funchal, para os significados dos vocábulos e os seus exemplos de uso, por escolaridade e género

Observemos o seguinte gráfico, para melhor compreendermos os valores percentuais apurados para o nível de escolaridade, relativamente ao concelho do Funchal:

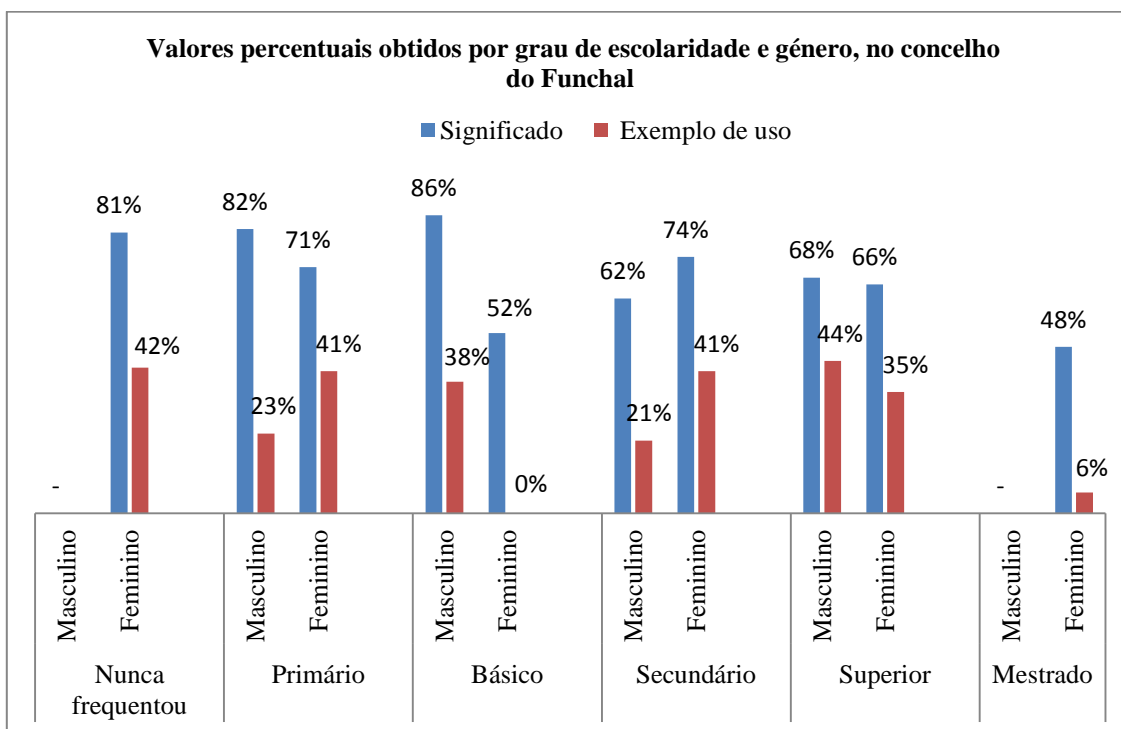


Gráfico 7: Valores percentuais obtidos por grau de escolaridade e género, no concelho do Funchal

Relativamente aos resultados obtidos no gráfico, observamos que a única mulher que nunca frequentou a escola afirma conhecer 81% dos vocábulos indicando usar apenas 42%. Quanto aos informantes com o ensino primário, verificamos que os homens conhecem (82%) mais regionalismos do que as mulheres (71%), no entanto são elas quem mais indica usá-los (41%). Reparemos que a única inquirida que nunca frequentou o ensino indica usar mais vocábulos do que os informantes com o ensino primário, independentemente do sexo.

Relativamente aos inquiridos com o ensino básico, observamos que os homens indicam conhecer 86% dos vocábulos, manifestando usar 38%, enquanto as mulheres, apesar de conhecerem 52% dos vocábulos, não indicam qualquer exemplo relativamente ao seu uso.

Quanto as inquiridas portadoras do ensino intermédio, verificamos que estas indicam conhecer e usar mais palavras do que os homens, registando percentagens muito próximas das que apurámos no ensino primário, no que diz respeito ao uso no sexo feminino. Seguem-se os informantes com ensino superior, em que verificamos que os homens demonstram conhecer (68%) e usar (44%) mais regionalismos do que as mulheres (66% / 35%), e do que os homens com o ensino intermédio. Por fim, as inquiridas com o grau de Mestre, manifestam conhecer 48% dos vocábulos indicando

usar 6%, ou seja, prestigiam o uso de alguns vocábulos madeirenses o que já não se verifica com as inquiridas com o nível básico, dado que não registam nenhum exemplo de uso. De um modo geral, verificamos que os informantes revelam conhecer grande parte dos regionalismos, desprestigiando o uso dos mesmos, dado que nesta questão registam percentagens inferiores.

2.2 Apresentação geral dos resultados apurados nas freguesias do concelho do Funchal

Conhecidos os resultados gerais obtidos, passaremos à análise dos dados por freguesia. Entre as dez freguesias que constituem este município, as localidades de São Gonçalo (com 79% para o significado e 35% para o uso), São Martinho (com 78% para o significado e 56% para o uso), e São Roque (com 70% para o significado e 61 % para o uso) são as áreas que apresentam as melhores percentagens relativamente às questões em análise. É importante salientar que a freguesia de São Roque destaca-se de todas as freguesias que compõem o concelho do Funchal, no que diz respeito ao uso, dado que regista a melhor percentagem (61%) a questão em estudo. Observamos ainda que, os inquiridos de São Gonçalo apesar de demonstrarem conhecer grande parte dos vocábulos, revelam não os usar dada a grande diferença registada no conhecimento e no uso (35%). Quanto as restantes freguesias, verificamos que a Sé, São Pedro, Santo António, o Monte, Santa Maria Maior, o Imaculado Coração de Maria e Santa Luzia, também registam percentagens inferiores, no que respeita ao uso das palavras.

No gráfico seguinte, temos uma visão global dos valores obtidos neste município, de modo a elucidar as percentagens obtidas por freguesia:

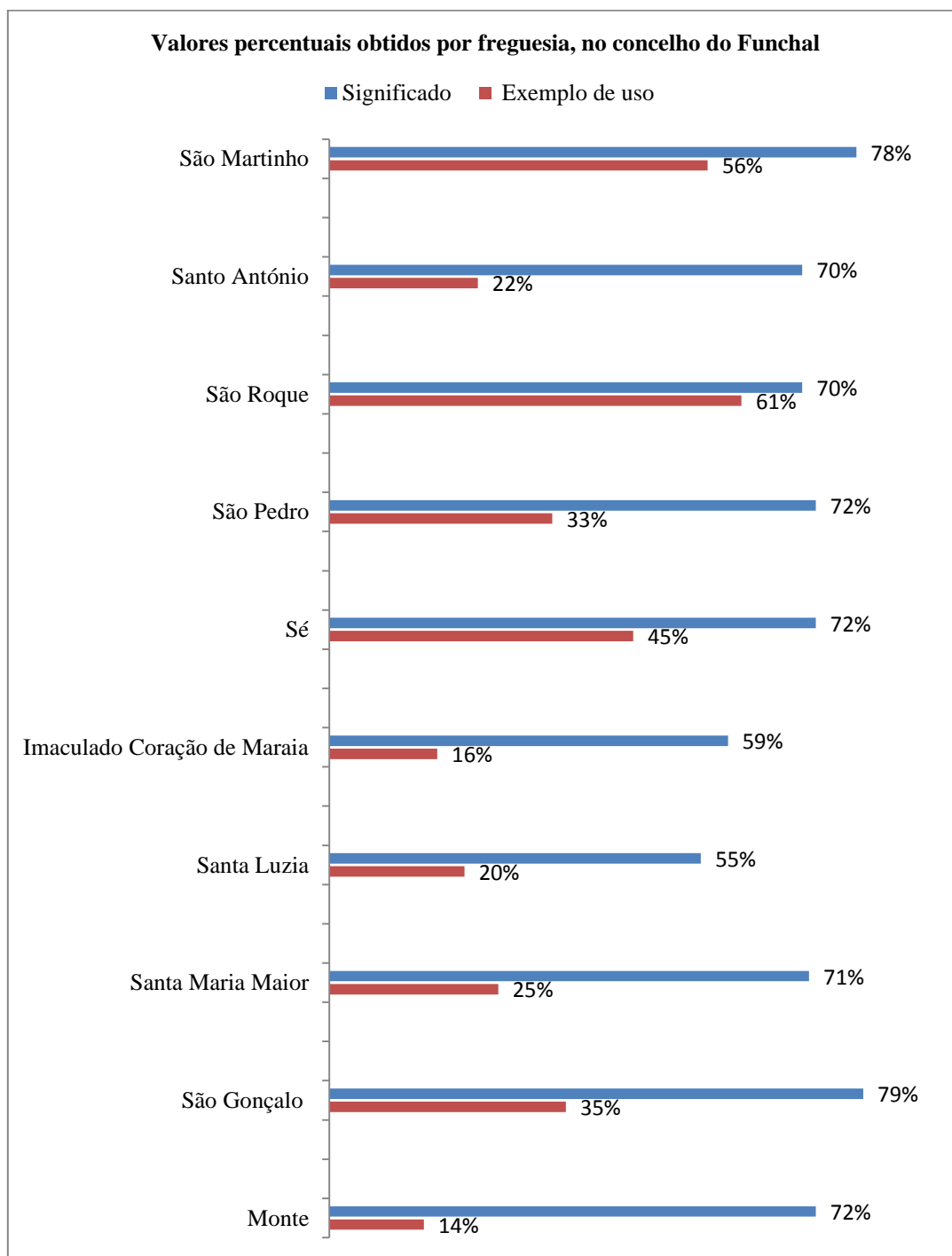


Gráfico 8: Valores percentuais obtidos por freguesia, no concelho do Funchal

Os resultados obtidos no total das dez freguesias que compõem o concelho levam-nos a aferir que os funchalenses conhecem a maioria dos vocábulos em estudo, porém tendem a não os usar, tal como se verificou no concelho da Calheta. O facto de os funchalenses residirem numa cidade urbanizada, aberta ao contacto exterior, leva-os a ter uma atitude menos regionalista. Porém, temos vindo a assistir a uma valorização do falar “madeirense”, principalmente por parte dos jovens.

CAPÍTULO II – CALHETA vs. FUNCHAL: ESTUDO COMPARATIVO DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

Depois de conhecermos os resultados gerais obtidos por concelhos, achamos pertinente fazer um estudo comparativo dos regionalismos madeirenses mais conhecidos e usados nos dois concelhos em estudo, comparando os valores percentuais apurados na área rural vs. área urbana.

1. Variáveis sociais

1.1 Variável sexo

Observamos que, em geral, os calhetenses manifestam conhecer e usar mais vocábulos do que os Funchalenses. Ao compararmos as duas áreas em estudo, verificamos que os informantes do sexo masculino, residentes no concelho da Calheta são os que mais regionalismos conhecem e usam, seguindo-se as mulheres que demonstram conhecer e usar apenas menos 1% dos regionalismos. Já no concelho do Funchal, também é verificável que são os homens que possuem um maior conhecimento dos termos regionais, mas, no que respeita ao uso, as mulheres revelam uma atitude mais conservadora, indicando um maior número de exemplos de uso, embora seja apenas mais 5%. No cômputo geral, os homens dizem conhecer mais regionalismos e a diferença nos exemplos de uso situa-se nos 5% a favor das mulheres (35%).

Vários estudos têm vindo a se ocupar desta temática em que as mulheres assumem uma posição mais conservadora relativamente à língua, mas no que respeita ao uso de formas padrão, em detrimento das formas não-padrão. No sentido de justificar a afirmação anterior, recorremos a Scherre e Yacovenco (2011: 123), que referem que: “em variáveis sociolinguísticas estáveis as mulheres mostram taxas mas baixas de variedades estigmatizadas e taxas mais altas de prestígio do que os homens, apresentando um comportamento conservador e conformista”. A atitude regionalista feminina poderá dever-se ao tradicional papel das mulheres na sociedade madeirense, em contacto com as mães e as avós ou pelo facto de estas mulheres não se encontrarem inseridas na vida ativa, ou por possuírem contactos linguísticos com familiares residentes em zonas rurais, onde o uso dos regionalismos é corrente. Atente-se ao

seguinte gráfico, de modo a conhecer as percentagens obtidas no conhecimento e uso dos vocábulos.

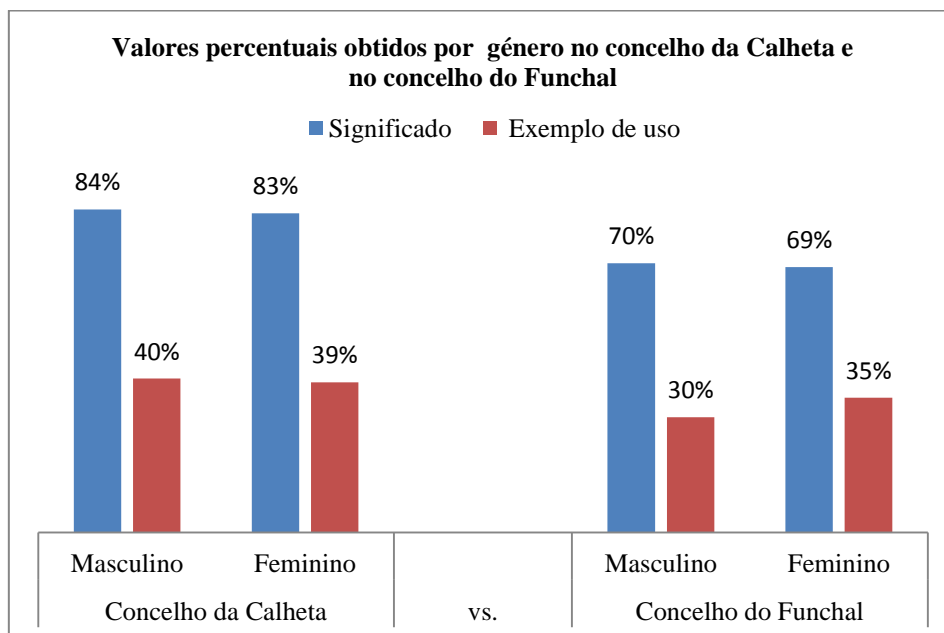


Gráfico 9: Valores percentuais obtidos por género, no concelho da Calheta e no concelho do Funchal

1.2 Variável idade

Relativamente à variável idade, verificamos que no geral, os calhetenses registam percentagens relativamente superiores ao que apurámos junto da população funchalense, o que poderá dever-se ao número de freguesias e informantes, dado que a nossa amostra é maior no concelho do Funchal, devido ao número de freguesias que compõem este concelho.

De acordo com os resultados apresentados no gráfico, constatamos que as informantes do sexo feminino, inseridas na faixa etária A, residentes no concelho da Calheta manifestam conhecer apenas mais 1% dos vocábulos madeirenses em estudo em relação aos informantes do sexo masculino, mas no que se refere ao uso observamos que estes assumem uma atitude um pouco mais conservadora, uma vez que dizem usar mais 3% do que as mulheres. No concelho do Funchal, verificamos que os informantes, independentemente do sexo, inseridos na faixa etária em estudo (A) revelam conhecer (19%) e usar (11%) o mesmo número de vocábulos. Ao compararmos os dois concelhos, constatamos que os calhetenses conservam e prestigiam mais vocábulos do que os funchalenses.

Quanto a faixa etária B, verificamos que no concelho da Calheta, destaca-se os informantes do sexo masculino, registando a melhor percentagem em relação ao sexo feminino. O mesmo se verifica no concelho do Funchal. Quanto ao uso, observamos que os calhetenses, independentemente do sexo, registam a mesma percentagem (18%), enquanto no concelho do Funchal são os homens que mais se destacam, indicando usar (9%) apenas mais 1% do que as mulheres (8%). Por fim, segue-se a faixa etária C em que observamos que as mulheres, independentemente do concelho, com idades compreendidas entre os 56 aos 75 anos, são quem mais se destacam no conhecimento e no uso dos regionalismos.

Face aos resultados apurados nos dois concelhos em análise, observamos ainda que, no concelho da Calheta, os inquiridos inseridos na faixa etária A, indicam conhecer e usar mais regionalismos do que os funchalenses, independentemente da faixa etária em que se encontram inseridos, o que é natural, uma vez que estes se comportam de acordo com o que lhes parece ser socialmente aceite, desprestigiando o uso destes vocábulos regionais. O facto de os inquiridos residirem propriamente numa área rural de menor densidade populacional e de maior índice de envelhecimento populacional favorece a aquisição de um maior conhecimento e uso de uma linguagem não-padronizada, o que os leva a preservar estes vocábulos regionais. Não acontecendo o mesmo no concelho do Funchal, dado que os jovens tendem a falar de acordo com a sua geração, enquanto os adultos usam geralmente a norma padrão. Contudo, podemos afirmar que são os mais velhos, independentemente do concelho, quem mais prestigia e conserva ainda o léxico madeirense. O facto de os idosos não possuírem escolarização e de viverem mais isolados propícia a conservação das palavras regionais, mantendo-as vivo na nossa região. No entanto, importa ainda referir que as diferenças entre gerações não são tão grandes como seria de esperar.

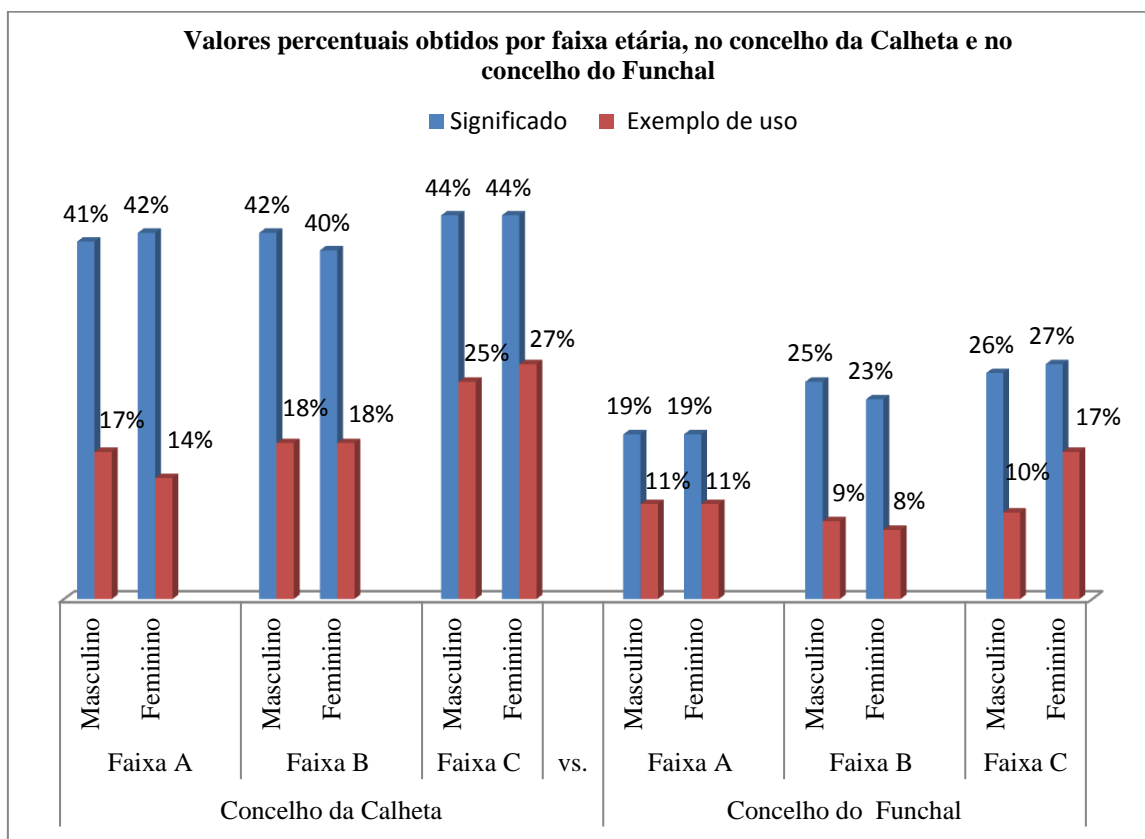


Gráfico 10: Valores percentuais obtidos por faixas etárias, no concelho da Calheta e no concelho do Funchal

1.3 Variável escolaridade

Quanto à variável escolaridade, verificamos que os resultados gerais, expressos no gráfico abaixo, levam-nos a concluir que os informantes residentes no concelho da Calheta, independentemente do sexo, apresentam um maior conhecimento dos vocábulos madeirenses, indicando usar mais do que os funchalenses, que apesar de indicarem conhecer grande parte dos vocábulos, tendem a não os usar tanto, pelo facto de residirem numa cidade, onde as pessoas são mais escolarizadas, havendo maior pressão social da norma. Observemos ainda que estes resultados demonstram que a totalidade dos termos usados pelos informantes, independentemente da zona em que se inserem, representa uma percentagem relativamente inferior a metade do que os inquiridos indicam conhecer, todavia há que salvaguardar que nem todos os inquiridos se demonstraram totalmente disponíveis, dada a atribulada rotina diária, para fornecerem todos os exemplos de uso pedidos, no questionário semântico-lexical. Atente-se ao seguinte gráfico, de modo a conhecer os resultados apurados.

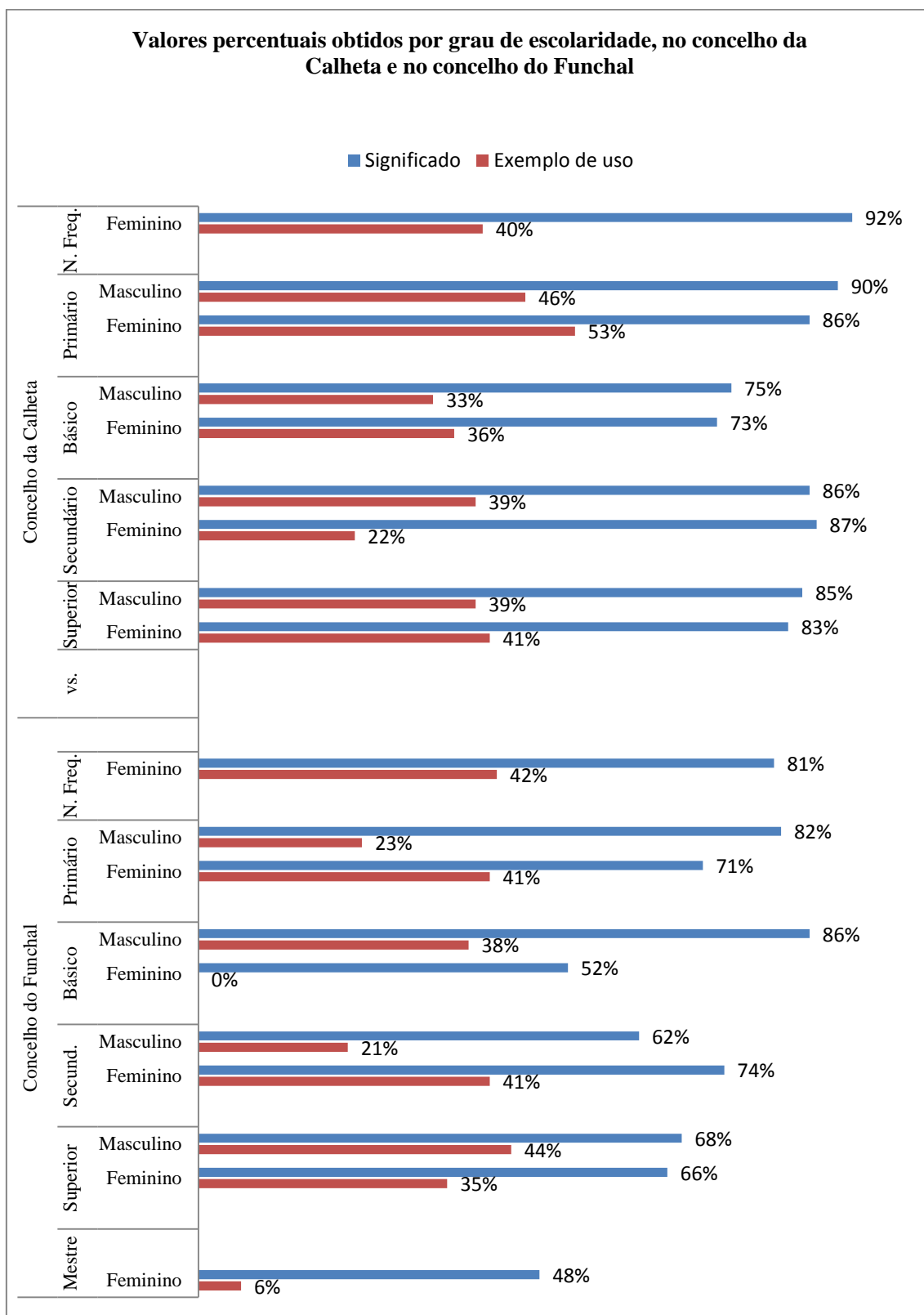


Gráfico 11: Valores percentuais obtidos por grau de escolaridade, no concelho da Calheta e no concelho do Funchal

De acordo com os resultados expressos no gráfico anterior concluímos que, independentemente do concelho, não há grandes diferenças entre os falantes que nunca

frequentaram o ensino e os que têm ensino primário (muitas vezes incompleto e na prática, também não sabem ler nem escrever) quanto as questões em estudo no presente trabalho. No concelho da Calheta, verificamos que a inquirida que nunca frequentou o ensino, tal como os informantes que possuem o ensino primário, secundário e superior são os que registam as melhores percentagens relativamente ao conhecimento dos vocábulos. Observamos ainda que os falantes com o ensino secundário e ensino superior, no cômputo geral, apresentam valores muito próximos. Quanto ao uso, destacam-se os informantes com o ensino primário, seguindo-se dos que tem o ensino superior. Já no concelho do Funchal, verificamos que os informantes do sexo masculino, com o nível básico, os informantes com ensino primário, a única inquirida que nunca frequentou o ensino, os informantes que possuem o secundário, o ensino superior, e, por fim, o grau de mestre são os que registam a melhor percentagem no conhecimento, mas no que se refere ao uso, a melhor percentagem é registada pelos informantes com ensino superior. Concluimos ainda que, em ambos os concelhos, é o ensino básico que mais se destaca no conhecimento, mas no uso são os inquiridos com ensino superior. É claramente verificável o decréscimo registado em ambos os concelhos no que diz respeito ao uso.

2. Vitalidade dos regionalismos nos dois concelhos

O estudo da variável geográfica (rural vs. urbano) foi fundamental para o nosso estudo, uma vez que foi possível conhecer os resultados obtidos para o significado dos vocábulos em ambos os concelhos, principalmente no concelho do Funchal, em que a maioria dos informantes não tinham origens e contactos linguísticos com o meio rural. Ao compararmos os dois concelhos em estudo, verificamos que os informantes do concelho da Calheta indicam conhecer os vocábulos *olho-de-boi*, *desterrar* e *açacanhhar / assacanhhar* a 100%, enquanto, no concelho do Funchal, os vocábulos *olho-de-boi*, *baboseira* e *levadeiro* atingem uma percentagem de 97%. É curioso observarmos que o termo regional *baboseira* assume a quarta posição no concelho da Calheta e a segunda posição no concelho do Funchal. O mesmo se verifica com o vocábulo *levadeiro* que, apesar de já não existir em duas localidades no concelho da Calheta (Paul do Mar e Jardim do mar) o “homem que distribui as águas de rega pela freguesia”, assume a quinta posição, enquanto no concelho oposto encontra-se na terceira posição, sendo

ainda muito comum a existência ou o uso do termo *levadeiro*, principalmente nas freguesias de São Martinho e de Santo António. Também é interessante observarmos que, no concelho do Funchal, os inquiridos indicam conhecer em quinto e sexto lugar os termos *babado* e *joeira* (de papel), enquanto na Calheta os mesmos termos assumem as posições décima nova e vigésima posição.

Relativamente aos vocábulos menos conhecidos, observamos que, no concelho da Calheta, destacam-se os termos: *quinar*, *quinado*, *freimaço*, *arrenditar*, *barrejamento* e *pampa*, enquanto no concelho do Funchal os termos menos conhecidos são: *arrendita*, *tornadoiro / tornadouro*, *vimiaada*, *tanarifa*, *inção*, *o reio / a rei / arreio*, *barrejar*, *freimaço*, *pampa* e *barrejamento*. Apesar de quase todos os vocábulos mencionados anteriormente serem comuns a ambos os concelhos, assumindo posições muito próximas, verificamos, por exemplo, que os termos *quinado* e *arrenditar* são menos conhecidos no concelho da Calheta do que no concelho do Funchal.

Atente-se à seguinte tabela, de forma a compararmos a ordenação dos cinquenta e dois (52) vocábulos, dos mais conhecidos para os menos conhecidos, nos dois concelhos.

Ordem	Vocábulos	Concelho da Calheta %	Ordem	Vocábulos	Concelho do Funchal %
1.	Olho-de-boi	100%	1.	Olho-de-boi	97%
2.	Desterrar	100%	2.	Baboseira	97%
3.	Açacanhhar / assacanhhar	100%	3.	Levadeiro/a	97%
4.	Baboseira	98%	4.	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	97%
5.	Levadeiro/a	98%	5.	Babado	95%
6.	Carrolo	98%	6.	Joeira (de papel)	95%
7.	Furado	98%	7.	Carrolo	93%
8.	Desterradeiro/a	98%	8.	Furado	93%
9.	Vigiar	98%	9.	Refundiar	93%
10.	Dentinho	98%	10.	Desterrar	92%
11.	Buzico / buseco	98%	11.	Desterradeiro/a	92%
12.	Abrasar (dinheiro)	98%	12.	Vigiar	92%
13.	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	96%	13.	Horário	92%
14.	Refundiar	96%	14.	Azougar / azoigar / azagar	92%
15.	Horário	96%	15.	Dentinho	90%
16.	Pancume	96%	16.	Pancume	90%
17.	Pragume	96%	17.	Abelhinha	90%
18.	Tanarifa	96%	18.	Rabiçar / Rabuçar	90%

19.	Babado	94%	19.	Bábada / bábeda	90%
20.	Joeira (de papel)	94%	20.	Buzico / buseco	88%
21.	Azougar / azoigar / azagar	94%	21.	Carrolaço	88%
22.	Abelhinha	94%	22.	Abrasar (dinheiro)	85%
23.	Carrolaço	94%	23.	Tapa-sol	85%
24.	Embeçado/a	94%	24.	Embeçado/a	83%
25.	Abicar-se	94%	25.	A rebendita / de rebendita / de arrendita	83%
26.	Soquete	94%	26.	Chorríca / Forríca	83%
27.	Rabiçar / Rabuçar	92%	27.	Abicar-se	82%
28.	A rebendita / de rebendita / de arrendita	92%	28.	Boseira / buseira	82%
29.	Chorríca / Forríca	92%	29.	Soquete	80%
30.	Bábada / bábeda	90%	30.	Refundiadeiro/a	77%
31.	Tapa-sol	88%	31.	Favado	75%
32.	Refundiadeiro/a	88%	32.	Pragume	65%
33.	Manente	88%	33.	Quinar	63%
34.	Corsa / corça	88%	34.	Manente	62%
35.	Tornadoiro / tornadoiro	88%	35.	Visgo	62%
36.	Favado	85%	36.	Pasmar	60%
37.	Pasmar	85%	37.	Corsa / corça	58%
38.	Boseira / buseira	81%	38.	Açacanhár / assacanhár	57%
39.	Visgo	81%	39.	Quinado/a	55%
40.	Atentaréu / tentaréu	81%	40.	Sobre si / sobressi	53%
41.	Charola	77%	41.	Atentaréu / tentaréu	52%
42.	Vimiada	77%	42.	Charola	52%
43.	Sobre si / sobressi	73%	43.	Arrenditar	48%
44.	Barrejar	71%	44.	Tornadoiro / tornadoiro	42%
45.	Inção	60%	45.	Vimiada	32%
46.	A rei / a reio / arreio	56%	46.	Tanarifa	23%
47.	Quinar	48%	47.	Inção	20%
48.	Quinado/a	46%	48.	A rei / a reio / arreio	20%
49.	Freimaço	44%	49.	Barrejar	17%
50.	Arrenditar	38%	50.	Freimaço	13%
51.	Barreamento	33%	51.	Pampa	12%
52.	Pampa	19%	52.	Barreamento	10%

Tabela 9: Ordenação dos vocábulos mais conhecidos para os menos conhecidos no concelho da Calheta e no concelho do Funchal

A leitura da tabela acima permite-nos concluir que os calhetenses registam percentagens ligeiramente superiores às que apurámos no concelho do Funchal. O facto de residirem numa zona rural propícia ao uso do léxico madeirense, o que não acontece

com tanta frequência na capital da Região Autónoma da Madeira, por ser um espaço urbanizado e desenvolvido, em que a população sente maior pressão do uso da norma. Verificamos também que, no concelho do Funchal, muitos jovens revelaram conhecer grande parte dos vocábulos, porém não os souberam definir, não atribuindo o seu significado. No entanto, não podemos deixar de referir que as palavras menos conhecidas terão tendência para caírem em desuso, vindo a perder a sua vitalidade, como por exemplo *barrejamento*, *barrejar*, *pampa*, *freimaço*.

2.1 Variável idade no concelho da Calheta

No que diz respeito à(s) faixa(s) etária(s), analisaremos primeiro os resultados obtidos no concelho da Calheta e depois os do concelho do Funchal. Da observação dos resultados por faixa etária, constatamos que os inquiridos calhetenses, com idades compreendidas entre os 56 e os 75 anos, inseridos na faixa etária C, demonstram conhecer vinte e cinco (25) vocábulos, com uma percentagem de 100%: *abicar-se*, *abuseirar(-se)* / *embuzeirar(-se)*, *abrasar*, *açacanhhar* / *assacanhhar*, *a rebendita* / *de rebendita* / *de arrebendita*, *azougar* / *azoigar* / *azagar*, *bábada* / *bábeda*, *baboseira*, *buzico* / *buseco*, *carrolo*, *corsa* / *corça*, *desterradeiro/a*, *desterrar*, *embeijado*, *furado*, *horário*, *manente*, *olho-de-boi*, *pragume*, *refundiadeiro/a*, *refundiar*, *soquete*, *tanarifa*, *tornadouro* / *tornadoiro* e *vigiar*, seguindo-se os jovens (faixa etária A) com dezasseis (16) vocábulos: *açacanhhar* / *assacanhhar*, *dentinho*, *desterrar*, *levadeiro*, *olho-de-boi*, *abrasar*, *baboseira*, *buzico* / *buseco*, *carrolo*, *desterradeiro*, *furado*, *vigiar*, *abuseirar(-se)* / *embuzeirar(-se)*, *carrolaço*, *tanarifa* e *soquete* e, por fim, os adultos (faixa etária B), com oito (8) termos regionais: *açacanhhar* / *assacanhhar*, *dentinho*, *desterrar*, *levadeiro*, *olho-de-boi*, *abelhinha*, *pancume* e *refundiar*. Notamos ainda que os vocábulos *açacanhhar* / *assacanhhar*, *dentinho*, *desterrar*, *levadeiro* e *olho-de-boi* são comuns às faixas etárias A e B, assumindo as mesmas posições.

Relativamente aos vocábulos menos conhecidos, verificamos que os jovens e os adultos indicam conhecer menos os mesmos vocábulos: *freimaço*, *barrejamento*, *arrebenditar* e *pampa*, enquanto os idosos (com idades compreendidas entre os 56 e os 75 anos) referem conhecer menos os termos: *barrejamento*, *quinado/a*, *pampa* e *quinar*. Também verificamos que o termo *inção* é comum às faixas A e B, assumindo o lugar 48º, enquanto nos idosos assume o lugar 43º.

Atentemos à seguinte tabela, de modo a conhecer as posições dos cinquenta e dois (52) vocábulos nas três faixas etárias em estudo:

Ordem	Vocábulos	F. etária A C. da Calheta %	Vocábulos	F. etária B C. da Calheta %	Vocábulos	F. etária C C. da Calheta %
1.	Açacanhhar / assacanhhar	100%	Açacanhhar / assacanhhar	100%	Abicar-se	100%
2.	Dentinho	100%	Dentinho	100%	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	100%
3.	Desterrar	100%	Desterrar	100%	Abrasar (dinheiro)	100%
4.	Levadeiro/a	100%	Levadeiro/a	100%	Açacanhhar / assacanhhar	100%
5.	Olho-de-boi	100%	Olho-de-boi	100%	A rebendita / de rebendita / de arrebendita	100%
6.	Abrasar (dinheiro)	100%	Abelhinha	100%	Azougar / azoigar / azagar	100%
7.	Baboseira	100%	Pancume	100%	Bábada / bábeda	100%
8.	Buzico / buseco	100%	Refundiar	100%	Baboseira	100%
9.	Carrolo	100%	Abrasar (dinheiro)	94%	Buzico / buseco	100%
10.	Desterradeiro/a	100%	Baboseira	94%	Carrolo	100%
11.	Furado	100%	Buzico / buseco	94%	Corsa / corça	100%
12.	Vigiar	100%	Carrolo	94%	Desterradeiro/a	100%
13.	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	100%	Desterradeiro/a	94%	Desterrar	100%
14.	Carrolaço	100%	Furado	94%	Embeçado/a	100%
15.	Tanarifa	100%	Vigiar	94%	Furado	100%
16.	Soquete	100%	Babado	94%	Horário	100%
17.	Abelhinha	94%	Horário	94%	Manente	100%
18.	Pancume	94%	Joeira (de papel)	94%	Olho-de-boi	100%
19.	Babado	94%	Pragume	94%	Pragume	100%
20.	Horário	94%	Embeçado/a	94%	Refundiadeiro/a	100%
21.	Joeira (de papel)	94%	A rebendita / de rebendita / de arrebendita	94%	Refundiar	100%
22.	Pragume	94%	Tapa-sol	94%	Soquete	100%
23.	Abicar-se	94%	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	88%	Tanarifa	100%
24.	Azougar / azoigar / azagar	94%	Carrolaço	88%	Tornadoiro / tornadoiro	100%
25.	Chorríca / Forríca	94%	Tanarifa	88%	Vigiar	100%
26.	Rabiçar / Rabuçar	94%	Abicar-se	88%	Babado	94%
27.	Refundiar	88%	Azougar / azoigar / azagar	88%	Carrolaço	94%
28.	Embeçado/a	88%	Chorríca / Forríca	88%	Dentinho	94%

29.	Bábada / bábeda	88%	Rabiçar / Rabaçar	88%	Favado	94%
30.	Pasmar	88%	Favado	88%	Chorríca / Forríca	94%
31.	A rebendita / de rebendita / de arrebendita	81%	Soquete	81%	Joeira (de papel)	94%
32.	Corsa / corça	81%	Bábada / bábeda	81%	Levadeiro/a	94%
33.	Manente	81%	Pasmar	81%	Pancume	94%
34.	Refundiadeiro/a	81%	Corsa / corça	81%	Rabiçar / Rabaçar	94%
35.	Tornadouro / tornadoiro	81%	Manente	81%	Tapa-sol	94%
36.	Atentaréu / tentaréu	81%	Refundiadeiro/a	81%	Visgo	94%
37.	Boseira / buseira	81%	Tornadouro / tornadoiro	81%	Abelhinha	88%
38.	Barrejar	81%	Charola	81%	Atentaréu / tentaréu	88%
39.	Tapa-sol	75%	Vimiada	81%	Boseira / buseira	88%
40.	Favado	75%	Atentaréu / tentaréu	75%	Pasmar	88%
41.	Visgo	75%	Boseira / buseira	75%	Sobre si / sobressi	88%
42.	Charola	69%	Visgo	75%	Charola	81%
43.	Vimiada	69%	Quinar	69%	Inção	81%
44.	Quinar	63%	Sobre si / sobressi	69%	Vimiada	81%
45.	Sobre si / sobressi	63%	Barrejar	56%	A rei / a reio / arreio	69%
46.	Quinado/a	56%	Quinado/a	50%	Barrejar	69%
47.	A rei / a reio / arreio	50%	A rei / a reio / arreio	50%	Arrebenditar	56%
48.	Inção	50%	Inção	50%	Freimaço	56%
49.	Freimaço	38%	Freimaço	38%	Barrejamento	38%
50.	Barrejamento	38%	Arrebenditar	38%	Quinado/a	31%
51.	Arrebenditar	19%	Barrejamento	25%	Pampa	19%
52.	Pampa	13%	Pampa	25%	Quinar	13%

Tabela 10: Ordenação dos vocábulos mais conhecidos para os menos conhecidos, no concelho da Calheta, relativamente às faixas etárias dos inquiridos

2.2 Variável idade no concelho do Funchal

A tabela seguinte mostra-nos de forma clara as percentagens obtidas no concelho do Funchal, no que respeita às três faixas etárias. Da leitura dos resultados, verificamos que, neste município, os inquiridos inseridos na faixa etária C demonstram conhecer totalmente dezassete (17) vocábulos a 100%: *abelhinha*, *abuseirar(-se)* / *embuzeirar(-se)*, *azougar* / *azoigar* / *azagar*, *babado*, *baboseira*, *carroço*, *carrolo*, *dentinho*, *desterradeiro*, *desterrar*, *chorrica* / *forrica*, *furado*, *joeira de papel*, *levadeiro/a*, *olho-*

de-boi, *vigiar* e *visgo*, enquanto os jovens e os adultos indicam conhecer apenas um vocábulo a 100%, respetivamente *olho-de-boi* (faixa etária A) e *joeira* (faixa etária B).

No que se refere aos vocábulos menos conhecidos, a faixa etária A indica conhecer menos os vocábulos: *Açacanhhar / assacanhhar*, *manente*, *corsa / corça*, *arrebenditar*, *pragume*, *charola*, *sobre si / sobressi*, *visgo atentaréu / tentaréu*, *tornadouro / tornadoiro*, *a rei / a reio / arreio*, *pampa*, *tanarifa*, *vimiada*, *freimaço*, *inção*, *barrejamento*, *barrejar*, enquanto a faixa etária B conhecem menos os vocábulos: *sobre si / sobressi*, *vimiada*, *a rei / a reio / arreio*, *tanarifa*, *freimaço*, *pampa*, *inção*, *barrejamento*, *barrejar*, e por fim os inquiridos da faixa etária C revelando conhecer menos as palavras: *inção*, *vimiada*, *tanarifa*, *barrejar*, *a reio / a rei / arreio*, *barrejamento*, *freimaço*, *pampa*. Observamos ainda que as três faixas etárias em estudo (faixa A, B e C) têm em comum os seguintes vocábulos: *a rei / a reio / arreio*, *pampa*, *tanarifa*, *vimiada*, *freimaço*, *inção*, *barrejamento* e *barrejar*, assumindo posições diferentes de faixa para faixa. Verificamos ainda que os vocábulos anteriormente referidos apresentam percentagens mais baixas na faixa etária A se compararmos com a faixa etária B e, com a faixa etária C.

Ordem	Vocábulos	F. etária A C. do Funchal %	Vocábulos	F. etária B C. do Funchal %	Vocábulos	F. etária C C. do Funchal %
1.	Olho-de-boi	100%	Joeira (de papel)	100%	Abelhinha	100%
2.	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	95%	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	95%	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	100%
3.	Baboseira	95%	Baboseira	95%	Azougar / azoigar / azagar	100%
4.	Levadeiro/a	95%	Levadeiro/a	95%	Babado	100%
5.	Babado	90%	Babado	95%	Baboseira	100%
6.	Carrolo	90%	Refundiar	95%	Carroloço	100%
7.	Refundiar	90%	Furado	95%	Carrolo	100%
8.	Bábada / bábeda	85%	Horário	95%	Dentinho	100%
9.	Buzico / buseco	85%	Azougar / azoigar / azagar	95%	Desterradeiro/a	100%
10.	Dentinho	85%	Desterradeiro/a	95%	Desterrar	100%
11.	Furado	85%	Desterrar	95%	Chorrica / Forrica	100%
12.	Horário	85%	Pancume	95%	Furado	100%
13.	Joeira (de papel)	85%	Vigiar	95%	Joeira (de papel)	100%
14.	Rabiçar / Rabuçar	85%	Carroloço	95%	Levadeiro/a	100%
15.	Abelhinha	80%	Abicar-se	95%	Olho-de-boi	100%
16.	Azougar / azoigar / azagar	80%	Olho-de-boi	90%	Vigiar	100%

17.	Desterradeiro/a	80%	Carrolo	90%	Visgo	100%
18.	Desterrar	80%	Bábada / bábeda	90%	Abicar-se	95%
19.	Pancume	80%	Buzico / buseco	90%	A rebendita / de rebendita / de arrebendita	95%
20.	Soquete	80%	Rabiçar / Rabuçar	90%	Bábada / bábeda	95%
21.	Vigiar	80%	Abelhinha	90%	Embeijado/a	95%
22.	Abrasar (dinheiro)	75%	Abrasar (dinheiro)	90%	Horário	95%
23.	Boseira / buseira	75%	Chorrica / Forrica	90%	Pancume	95%
24.	Tapa-sol	75%	Dentinho	85%	Rabiçar / Rabuçar	95%
25.	A rebendita / de rebendita / de arrebendita	70%	Tapa-sol	85%	Refundiadeiro/a	95%
26.	Carroço	70%	A rebendita / de rebendita / de arrebendita	85%	Refundiar	95%
27.	Embeijado/a	70%	Embeijado/a	85%	Tapa-sol	95%
28.	Favado	70%	Pragume	85%	Abrasar (dinheiro)	90%
29.	Chorrica / Forrica	60%	Soquete	80%	Boseira / buseira	90%
30.	Abicar-se	55%	Boseira / buseira	80%	Buzico / buseco	90%
31.	Quinado/a	55%	Refundiadeiro/a	80%	Sobre si / sobressi	90%
32.	Quinar	55%	Favado	70%	Corsa / corça	85%
33.	Refundiadeiro/a	55%	Quinar	70%	Favado	85%
34.	Pasmar	50%	Pasmar	65%	Atentaréu / tentaréu	80%
35.	Açacanhhar / assacanhhar	45%	Visgo	65%	Charola	80%
36.	Manente	45%	Quinado/a	60%	Manente	80%
37.	Corsa / corça	40%	Manente	60%	Pragume	80%
38.	Arrebenditar	35%	Atentaréu / tentaréu	60%	Soquete	80%
39.	Pragume	30%	Açacanhhar / assacanhhar	55%	Açacanhhar / assacanhhar	70%
40.	Charola	25%	Corsa / corça	50%	Pasmar	65%
41.	Sobre si / sobressi	25%	Arrebenditar	50%	Quinar	65%
42.	Visgo	20%	Charola	50%	Arrebenditar	60%
43.	Atentaréu / tentaréu	15%	Tornadouro / tornadoiro	50%	Tornadouro / tornadoiro	60%
44.	Tornadouro / tornadoiro	15%	Sobre si / sobressi	45%	Quinado/a	50%
45.	A rei / a reio / arreio	10%	Vimiada	40%	Inção	45%
46.	Pampa	10%	A rei / a reio / arreio	20%	Vimiada	45%
47.	Tanarifa	10%	Tanarifa	20%	Tanarifa	40%
48.	Vimiada	10%	Freimaço	15%	Barrejar	35%
49.	Freimaço	5%	Pampa	10%	A reio / a rei / arreio	30%
50.	Inção	5%	Inção	10%	Barrejamento	20%
51.	Barrejamento	0%	Barrejamento	10%	Freimaço	20%
52.	Barrejar	0%	Barrejar	10%	Pampa	15%

Tabela 11: Ordenação dos vocábulos mais conhecidos para os menos conhecidos, no concelho do Funchal, relativamente às faixas etárias dos inquiridos

De um modo geral, concluímos que os calhetenses indicam conhecer mais vocábulos na sua totalidade (a 100%) do que os funchalenses. O facto de o Funchal ser considerado o centro, politicamente, socialmente e economicamente desenvolvido, parece que levou a que muitas palavras deixassem de ser usadas por diversas camadas sociais, sendo até mesmo consideradas arcaicas pela geração jovem e conservadas pela população mais idosa, muitas vezes, com baixo nível de escolarização.

2.3 Variável escolaridade

2.3.1 Nunca frequentou a escola e ensino primário

Na variável escolaridade, damos a conhecer de forma comparativa os resultados obtidos nos dois concelhos. Relativamente às habilitações académicas dos informantes interessa-nos saber quais são os vocábulos mais e menos conhecidos pelos cento e oito (108) inquiridos (relembramos que a nossa amostra é constituída por quarenta e oito (48) informantes do concelho da Calheta e sessenta (60) informantes do concelho do Funchal).

Começaremos por dar conta dos resultados obtidos pelos informantes com baixo nível de escolarização, ou seja, os que nunca frequentaram o ensino e os que apenas possuem o ensino primário, de modo a verificar se os vocábulos conhecidos por estes inquiridos são populismos, como o próprio nome indica, usados apenas pelo povo (camada populacional menos escolarizada), ou se os restantes informantes também os conhecem. Observemos a tabela abaixo, de modo a conhecermos as percentagens de conhecimento dos regionalismos obtidas, de acordo com o referido nível de escolaridade dos informantes, por concelho, comparando os resultados.

Ordem	Vocábulos	Concelho da Calheta %	Concelho do Funchal %
1.	Abelhinha	72%	100%
2.	Abicar-se	72%	100%
3.	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	72%	100%
4.	Abrasar (dinheiro)	72%	100%

5.	Azougar / azoigar / azagar	72%	100%
6.	Bábada / bábeda	72%	100%
7.	Babado	72%	100%
8.	Baboseira	72%	100%
9.	Carrolaço	72%	100%
10.	Desterradeiro/a	72%	100%
11.	Chorríca / Forríca	72%	100%
12.	Joeira (de papel)	72%	100%
13.	Levadeiro/a	72%	100%
14.	Rabiçar / Rabuçar	72%	100%
15.	Refundiar	72%	100%
16.	Tapa-sol	72%	100%
17.	Vigiar	72%	100%
18.	A rebendita / de rebendita / de arrendita	67%	92%
19.	Buzico / buseco	67%	92%
20.	Carrolo	67%	92%
21.	Dentinho	67%	92%
22.	Desterrar	67%	92%
23.	Embeijado/a	67%	92%
24.	Furado	67%	92%
25.	Horário	67%	92%
26.	Manente	67%	92%
27.	Olho-de-boi	67%	92%
28.	Pancume	67%	92%
29.	Refundiadeiro/a	67%	92%
30.	Visgo	67%	92%
31.	Atentaréu/tentaréu	61%	85%
32.	Boseira / buseira	61%	85%
33.	Corsa / corça	61%	85%
34.	Pragume	61%	85%
35.	Sobre si / sobressi	61%	85%
36.	Soquete	61%	85%
37.	Açacanhhar / assacanhhar	56%	77%
38.	Favado	56%	77%
39.	Pasmar	56%	77%
40.	Charola	50%	69%
41.	Quinar	50%	69%
42.	Arrenditar	44%	62%
43.	Tornadouro / tornadoiro	44%	62%
44.	Tanarifa	39%	54%
45.	Vimiada	39%	54%
46.	Quinado/a	33%	46%

47.	A rei / a reio / arreio	22%	31%
48.	Inção	22%	31%
49.	Barrejar	17%	23%
50.	Freimaço	17%	23%
51.	Pampa	17%	23%
52.	Barrejamento	6%	8%

Tabela 12: Ordenação dos vocábulos mais conhecidos para os menos conhecidos pelas camadas menos escolarizadas da população, nos concelhos da Calheta e do Funchal

Como podemos ver, no caso dos regionalismos mais e menos conhecidos pelas camadas menos escolarizadas da população, nos dois concelhos, há coincidência total nos resultados. A tabela anterior mostra-nos os valores percentuais obtidos por cada concelho, em que observamos que os dezoito (18) inquiridos calhetenses com baixa escolarização indicam conhecer dezassete vocábulos com uma percentagem de 72%, enquanto os catorze funchalenses indicam conhecer os mesmos vocábulos a 100%: *abelhinha, abicar-se, abuseirar(-se) / embuzeirar(-se), abrasar (dinheiro), azougar / azoigar / azagar, bábada / bábeda, babado, baboseira, carrolaço, desterradeiro/a, chorríca / forríca, joeira, levadeiro, rabiçar/rabuçar, refundiar, tapa sol, vigiar.*

Quanto aos vocábulos menos conhecidos, verificamos que os onze últimos vocábulos: *arrebenditar, tornadouro / tornadoiro, tanarífa, vimiada, quinado/a, a rei / a reio / arreio, inção, barrejar, freimaço, pampa e barrejamento* assumem percentagens ligeiramente superiores no concelho do Funchal, se compararmos com o concelho oposto, o que revela que estes são menos conhecidos na área rural do que na zona urbana.

Seguidamente, apresentaremos uma tabela que junta as percentagens gerais das respostas dos informantes com baixo nível de escolarização, nos dois concelhos em estudo, obtendo a média geral dos vocábulos mais e menos conhecidos.

Ordem	Vocábulos madeirenses	Percentagens gerais do conhecimento dos vocábulos pelos informantes sem escolaridade e com o ensino primário nos dois concelhos (Calheta vs. Funchal)
1.	Abicar-se	100%
2.	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	100%
3.	Abrasar (dinheiro)	100%
4.	Azougar / azoigar / azagar	100%
5.	Bábada / bábeda	100%

6.	Baboseira	100%
7.	Desterradeiro/a	100%
8.	Refundiar	100%
9.	Tapa-sol	100%
10.	Vigiar	100%
11.	A rebendita / de rebendita / de arrebendita	97%
12.	Babado	97%
13.	Buzico / buseco	97%
14.	Carrolaço	97%
15.	Carrolo	97%
16.	Desterrar	97%
17.	Embeijado/a	97%
18.	Chorrica / Forrica	97%
19.	Furado	97%
20.	Horário	97%
21.	Joeira (de papel)	97%
22.	Levadeiro/a	97%
23.	Manente	97%
24.	Olho-de-boi	97%
25.	Rabiçar / Rabuçar	97%
26.	Refundiadeiro/a	97%
27.	Abelhinha	94%
28.	Corsa / corça	94%
29.	Dentinho	94%
30.	Pancume	94%
31.	Pragume	94%
32.	Soquete	94%
33.	Visgo	94%
34.	Açacanhhar / assacanhhar	90%
35.	Atentaréu / tentaréu	87%
36.	Boseira / buseira	87%
37.	Favado	87%
38.	Sobre si / sobressi	87%
39.	Tornadouro / tornadoiro	84%
40.	Pasmar	81%
41.	Tanarifa	81%
42.	Charola	77%
43.	Vimiada	74%
44.	A rei / a reio / arreio	58%
45.	Arrebenditar	58%
46.	Inção	58%
47.	Barrejar	48%
48.	Freimaço	42%

49.	Quinado/a	35%
50.	Quinar	35%
51.	Barrejamento	29%
52.	Pampa	23%

Tabela 13: Resultados das respostas dos informantes com baixo nível de escolaridade (nunca frequentou o ensino e nível primário) nos dois concelhos com a ordenação dos vocábulos, dos mais conhecidos para os menos conhecidos

De um modo geral, verificamos que a maioria dos regionalismos assume uma posição diferente da que foi apurada na tabela anterior, pelo facto de termos vocábulos que apresentam uma percentagem de 100% no concelho do Funchal, o que não se verificou no concelho da Calheta, dado que nenhum regionalismo atingiu este valor percentual. Atendendo à tabela acima, vemos que os primeiros dez vocábulos são os mais conhecidos nos dois municípios: *abicar-se*, *abuseirar(-se)* / *embuzeirar(-se)*, *abrasar*, *azougar* / *azoigar* / *azagar*, *bábada* / *bábeda*, *baboseira*, *desterradeiro/a*, *refundiar*, *tapa-sol* e *vigiar*, sendo que *barrejar*, *freimaço*, *quinado*, *quinar*, *barrejamento* e *pampa* são os menos conhecidos. Também concluímos que os vocábulos mais conhecidos assumem posições diferentes, quando juntamos os dois concelhos (como observamos na tabela acima), e que os menos conhecidos mantêm a mesma posição, ou seja, o vocábulo *abicar-se* encontra-se em primeiro lugar com uma percentagem de 100%, o que já não se verifica na tabela comparativa, uma vez que este surge em segundo lugar nos dois concelhos, e no que se refere aos menos conhecidos, os vocábulos *barrejamento* e *pampa* são sempre os últimos em ambas as tabelas.

2.3.2 Outros níveis de ensino no concelho da Calheta (básico, secundário e superior)

Relativamente aos restantes níveis de escolaridade, analisaremos cada concelho separadamente. No concelho da Calheta, verificamos que os inquiridos com ensino básico, indicam conhecer seis (6) regionalismos a 100%: *açacanhhar* / *assacanhhar*, *dentinho*, *desterrar*, *levadeiro*, *olho-de-boi* e *refundiar*, enquanto os inquiridos com o ensino secundário conhecem na totalidade (a 100%) vinte e seis (26) vocábulos: *açacanhhar* / *assacanhhar*, *dentinho*, *desterrar*, *levadeiro/a*, *olho-de-boi*, *abelhinha*,

abrasar, baboseira, buzico /buseco, carrolo, desterradeiro/a, embeijado/a, furado, pancume, vigiar, abicar-se, abuseirar(-se) / embuzeirar(-se), carrolaço, chorríca / Forríca, horário, joeira, pragume, rabiçar / rabuçar, soquete, tanarífa e pasmar), e, por fim, os que têm o ensino superior, registando vinte e quatro (24) vocábulos: abelhinha, abuseirar(-se) / embuzeirar(-se), abrasar, açacanhá / assacanhá, babado, baboseira, buzico / buseco, carrolaço, carrolo, dentinho, desterradeiro, desterrar, furado, horário, joeira, levadeiro/a, olho-de-boi, pancume, pasmar, pragume, refundiadeiro/a, tanarífa, tapa-sol e vigiar. Relembramos que estes resultados devem-se ao número de informantes inquiridos com cada grau de escolaridade, sendo este número irregular, dado que não foi possível ter um número de informantes determinado em cada grau.

Relativamente aos vocábulos menos conhecidos, com uma percentagem abaixo dos 50%, verificamos que os informantes com o nível básico manifestam conhecer menos as seguintes palavras: *quinar, a rei / a reio / arreio, freimaço, inção, quinado/a, arrebanditar, barrejamento e pampa*. Já os informantes com o nível secundário conhecem menos os termos: *freimaço, barrejamento, pampa e arrebanditar*, enquanto os inquiridos com grau de ensino superior conhecem os seguintes vocábulos: *a rei / a reio / arreio, freimaço, pampa e barrejamento*. Após aferirmos os regionalismos menos conhecidos no concelho da Calheta, notamos que os termos: *freimaço, barrejamento e pampa* são comuns nos três níveis de escolarização, enquanto o vocábulo *a rei / a reio / arreio* é comum apenas no nível básico e superior. Atente-se à seguinte tabela, de modo a conhecer as percentagens obtidas por nível de escolaridade, no concelho da Calheta.

Ordem	Vocábulos madeirenses	Básico	Vocábulos madeirenses	Secundário	Vocábulos madeirenses	Superior
1.	Açacanhá / assacanhá	100%	Açacanhá / assacanhá	100%	Abelhinha	100%
2.	Dentinho	100%	Dentinho	100%	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	100%
3.	Desterrar	100%	Desterrar	100%	Abrasar (dinheiro)	100%
4.	Levadeiro/a	100%	Levadeiro/a	100%	Açacanhá / assacanhá	100%
5.	Olho-de-boi	100%	Olho-de-boi	100%	Babado	100%
6.	Refundiar	100%	Abelhinha	100%	Baboseira	100%
7.	Abelhinha	91%	Abrasar (dinheiro)	100%	Buzico / buseco	100%
8.	Abrasar (dinheiro)	91%	Baboseira	100%	Carrolaço	100%
9.	A rebendita / de rebendita / de arrebandita	91%	Buzico / buseco	100%	Carrolo	100%
10.	Azougar / azoigar / azagar	91%	Carrolo	100%	Dentinho	100%

11.	Babado	91%	Desterradeiro/a	100%	Desterradeiro/a	100%
12.	Baboseira	91%	Embeçado/a	100%	Desterrar	100%
13.	Buzico / buseco	91%	Furado	100%	Furado	100%
14.	Carrolo	91%	Pancume	100%	Horário	100%
15.	Desterradeiro/a	91%	Vigiar	100%	Joeira (de papel)	100%
16.	Embeçado/a	91%	Abicar-se	100%	Levadeiro/a	100%
17.	Furado	91%	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	100%	Olho-de-boi	100%
18.	Pancume	91%	Carrolaço	100%	Pancume	100%
19.	Vigiar	91%	Chorríca / Forríca	100%	Pasmar	100%
20.	Abicar-se	82%	Horário	100%	Pragume	100%
21.	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	82%	Joeira (de papel)	100%	Refundiadeiro/a	100%
22.	Barrejar	82%	Pragume	100%	Tanarífa	100%
23.	Carrolaço	82%	Rabiçar / Rabuçar	100%	Tapa-sol	100%
24.	Chorríca / Forríca	82%	Soquete	100%	Vigiar	100%
25.	Horário	82%	Tanarífa	100%	Abicar-se	86%
26.	Joeira (de papel)	82%	Pasmar	100%	A rebendita / de rebendita / de arrebendita	86%
27.	Manente	82%	Refundiar	92%	Azougar / azoigar / azagar	86%
28.	Pragume	82%	Azougar / azoigar / azagar	92%	Bábada / bábeda	86%
29.	Rabiçar / Rabuçar	82%	Babado	92%	Corsa / corça	86%
30.	Soquete	82%	Bábada / bábeda	92%	Favado	86%
31.	Tanarífa	82%	Atentaréu / tentaréu	92%	Chorríca / Forríca	86%
32.	Tapa-sol	82%	Boseira / buseira	92%	Quinar	86%
33.	Bábada / bábeda	73%	Tornadouro / tornadoiro	92%	Rabiçar / Rabuçar	86%
34.	Corsa / corça	73%	Visgo	92%	Refundiar	86%
35.	Favado	73%	Refundiadeiro/a	92%	Soquete	86%
36.	Atentaréu / tentaréu	64%	A rebendita / de rebendita / de arrebendita	83%	Tornadouro / tornadoiro	86%
37.	Boseira / buseira	64%	Manente	83%	Atentaréu / tentaréu	71%
38.	Charola	64%	Corsa / corça	83%	Barrejar	71%
39.	Pasmar	64%	Favado	83%	Boseira / buseira	71%
40.	Tornadouro / tornadoiro	64%	Charola	83%	Charola	71%
41.	Vimiada	64%	Quinar	83%	Embeçado/a	71%
42.	Visgo	64%	Vimiada	75%	Manente	71%
43.	Refundiadeiro/a	55%	Quinado/a	75%	Sobre si / sobressi	71%
44.	Sobre si / sobressi	55%	Tapa-sol	67%	Vimiada	71%
45.	Quinar	45%	Sobre si / sobressi	67%	Arrebenditar	57%
46.	A rei / a reio / arreio	36%	Barrejar	58%	Inção	57%
47.	Freimaço	36%	Inção	58%	Quinado/a	57%
48.	Inção	36%	A rei / a reio / arreio	50%	Visgo	57%
49.	Quinado/a	36%	Freimaço	42%	A rei / a reio / arreio	43%
50.	Arrebenditar	27%	Barrejamento	42%	Freimaço	29%
51.	Barrejamento	18%	Pampa	17%	Pampa	29%
52.	Pampa	9%	Arrebenditar	8%	Barrejamento	14%

Tabela 14: Ordenação dos vocábulos, mais conhecidos para os menos conhecidos, por níveis de escolaridade, no concelho da Calheta

2.3.3. Outros níveis de ensino no concelho do Funchal (básico, secundário, superior e mestrado)

No concelho do Funchal, verificamos que, as duas mulheres com grau de mestre assumem uma atitude regionalista, afirmando conhecer na sua totalidade doze (12) vocábulos a 100%: *abelhinha*, *abicar-se*, *abuseirar(-se)* / *embuzeirar(-se)*, *abrasar*, *furado*, *horário*, *joeira*, *olho-de-boi*, *pancume*, *rabiçar/rabuçar*, *refundiar* e *soquete*, enquanto os informantes com ensino básico conhecem mais onze (11) vocábulos: *abelhinha*, *abuseirar(-se)* / *embuzeirar(-se)*, *azougar* / *azoigar* / *azagar*, *desterrar*, *favado*, *furado*, *joeira*, *levadeiro/a*, *olho-de-boi*, *pragume* e *vigiar* do que os que têm o ensino superior, apontando conhecerem oito (8) termos regionais: *abelhinha*, *babado*, *baboseira*, *carrolo*, *desterrar*, *olho-de-boi*, *rabiçar* / *rabuçar* e *vigiar*. Por fim, os inquiridos com nível intermédio indicam conhecer na totalidade apenas três (3) regionalismos: *levadeiro/a*, *baboseira* e *horário*.

Relativamente aos vocábulos menos conhecidos, verificamos que, no ensino básico são os termos: *arrenditar*, *barrejar*, *freimaço*, *inção*, *pampa*, *pasmar*, *tanarifa*, *a rei* / *a reio* / *arreio*, *barrejamento*, no ensino secundário: *açacanh* / *assacanh*, *manente*, *quinado*, *charola*, *tornadoiro* / *tornadouro*, *atentaréu* / *tentaréu*, *sobre si* / *sobressi*, *a rei* / *a reio* / *arreio*, *vimhada*, *barrejar*, *inção*, *barrejamento*, *freimaço*, *pampa* e *tanarifa*; no ensino superior são: *charola*, *pragume*, *arrenditar*, *atentaréu* / *tentaréu*, *vimhada*, *tornadoiro* / *tornadouro*, *tanarifa*, *a rei* / *a reio* / *arreio*, *barrejamento*, *barrejar*, *freimaço*, *inção* e *pampa* e, por fim, com o grau de mestre temos os vocábulos: *a rei* / *a reio* / *arreio*, *barrejamento*, *charola*, *chorrica* / *forrica*, *freimaço*, *manente*, *pampa*, *sobre si* / *sobressi*, *tanarifa*, *tornadoiro* / *tornadouro*, *vigiar*, *vimhada* e *visgo*, registando percentagens abaixo dos 50%. Verificamos ainda que os vocábulos *barrejar*, *freimaço*, *inção*, *pampa*, *tanarifa* e *barrejamento* são comuns nos quatro níveis de escolaridade, assumindo posições de ordenação muito próximas. Atente-se à seguinte tabela de modo a conhecer as posições que os vocábulos mais e menos conhecidos apresentam.

Ordem	Vocábulos	Bás.	Vocábulos	Sec.	Vocábulos	Sup.	Vocábulos	Mestre
1.	Abelhinha	100%	Levadeiro/a	100%	Abelhinha	100%	Abelhinha	100%
2.	Abuseirar(-se)	100%	Baboseira	100%	Babado	100%	Abicar-se	100%

	/ embuzeirar(-se)							
3.	Azougar / azoigar / azagar	100%	Horário	100%	Baboseira	100%	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	100%
4.	Desterrar	100%	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	95%	Carrolo	100%	Abrasar (dinheiro)	100%
5.	Favado	100%	Furado	95%	Desterrar	100%	Furado	100%
6.	Furado	100%	Joeira (de papel)	95%	Olho-de-boi	100%	Horário	100%
7.	Joeira (de papel)	100%	Olho-de-boi	95%	Rabiçar / Rabuçar	100%	Joeira (de papel)	100%
8.	Levadeiro/a	100%	Bábado	95%	Vigiar	100%	Olho-de-boi	100%
9.	Olho-de-boi	100%	Carrolo	95%	Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)	94%	Pancume	100%
10.	Pragume	100%	Refundiar	95%	Buzico / buseco	94%	Rabiçar / Rabuçar	100%
11.	Vigiar	100%	Buzico / buseco	95%	Dentinho	94%	Refundiar	100%
12.	Abicar-se	88%	Azougar / azoigar / azagar	90%	Desterradeiro/a	94%	Soquete	100%
13.	Abrasar (dinheiro)	88%	Bábada / bábeda	90%	Levadeiro/a	94%	Açacanhhar / assacanhhar	50%
14.	A rebendita / de rebendita / de arrendita	88%	Carrolo	90%	Refundiar	94%	A rebendita / de rebendita / de arrendita	50%
15.	Bábada / bábeda	88%	Dentinho	90%	Azougar / azoigar / azagar	88%	Arrenditar	50%
16.	Bábado	88%	Desterradeiro/a	90%	Bábada / bábeda	88%	Atentaréu / tentaréu	50%
17.	Baboseira	88%	Pancume	90%	Embeçado/a	88%	Azougar / azoigar / azagar	50%
18.	Carrolo	88%	Boseira / buseira	90%	Furado	88%	Bábada / bábeda	50%
19.	Carrolo	88%	Tapa-sol	90%	Joeira (de papel)	88%	Bábado	50%
20.	Dentinho	88%	Desterrar	85%	Pancume	88%	Baboseira	50%
21.	Desterradeiro/a	88%	Vigiar	85%	Carrolo	81%	Boseira / buseira	50%
22.	Embeçado/a	88%	Abrasar (dinheiro)	85%	Horário	81%	Buzico / buseco	50%
23.	Chorrice /	88%	A rebendita / de rebendita / de arrendita	85%	Quinado/a	81%	Carrolo	50%
24.	Horário	88%	Chorrice / Forrice	85%	Quinar	81%	Carrolo	50%
25.	Pancume	88%	Refundiadeiro/a	85%	Tapa-sol	81%	Corsa / corça	50%
26.	Rabiçar / Rabuçar	88%	Rabiçar / Rabuçar	80%	Abicar-se	75%	Dentinho	50%
27.	Atentaréu / tentaréu	75%	Soquete	80%	A rebendita / de rebendita / de arrendita	75%	Desterradeiro/a	50%
28.	Boseira / buseira	75%	Embeçado/a	75%	Boseira / buseira	75%	Desterrar	50%
29.	Charola	75%	Abelhinha	70%	Favado	75%	Embeçado/a	50%
30.	Refundiadeiro/a	75%	Abicar-se	70%	Chorrice / Forrice	75%	Favado	50%
31.	Refundiar	75%	Favado	65%	Soquete	75%	Inção	50%

32.	Sobre si	75%	Pasmar	65%	Abrasar (dinheiro)	69%	Levadeiro/a	50%
33.	Soquete	75%	Pragume	55%	Manente	63%	Pasmar	50%
34.	Tapa-sol	75%	Arrebanditar	55%	Pasmar	56%	Pragume	50%
35.	Visgo	75%	Visgo	50%	Refundiadeiro/a	56%	Quinado/a	50%
36.	Açacanhhar / assacanhhar	63%	Corsa / corça	50%	Açacanhhar / assacanhhar	50%	Quinar	50%
37.	Buzico / buseco	63%	Quinar	50%	Corsa / corça	50%	Refundiadeiro/a	50%
38.	Manente	63%	Açacanhhar / assacanhhar	45%	Sobre si / sobressi	50%	Tapa-sol	50%
39.	Corsa / corça	50%	Manente	45%	Visgo	50%	A rei / a reio / arreio	0%
40.	Quinado/a	50%	Quinado/a	45%	Charola	44%	Barrejamento	0%
41.	Quinar	50%	Charola	40%	Pragume	44%	Barrejar	0%
42.	Tornadouro / tornadoiro	50%	Tornadouro / tornadoiro	40%	Arrebanditar	38%	Charola	0%
43.	Vimiada	50%	Atentaréu / tentaréu	35%	Atentaréu / tentaréu	31%	Chorrিকা / Forrika	0%
44.	Arrebanditar	38%	Sobre si / sobressi	30%	Vimiada	31%	Freimaço	0%
45.	Barrejar	38%	A rei / a reio / arreio	25%	Tornadouro / tornadoiro	25%	Manente	0%
46.	Freimaço	38%	Vimiada	15%	Tanarifa	19%	Pampa	0%
47.	Inção	38%	Barrejar	10%	A rei / a reio / arreio	13%	Sobre si / sobressi	0%
48.	Pampa	38%	Inção	10%	Barrejamento	13%	Tanarifa	0%
49.	Pasmar	38%	Barrejamento	10%	Barrejar	13%	Tornadouro / tornadoiro	0%
50.	Tanarifa	38%	Freimaço	5%	Freimaço	6%	Vigiar	0%
51.	A rei / a reio / arreio	13%	Pampa	5%	Inção	6%	Vimiada	0%
52.	Barrejamento	13%	Tanarifa	5%	Pampa	0%	Visgo	0%

Tabela 15: Ordenação dos vocábulos, mais conhecidos para os menos conhecidos, por níveis escolaridade, no concelho do Funchal

Após analisadas as tabelas, concluímos que é no concelho da Calheta onde registamos os melhores resultados, se compararmos com a cidade do Funchal, uma área urbanizada onde os inquiridos parecem optar por uma atitude menos regionalista e menos conservadora, pois não podemos esquecer que se trata de uma cidade aberta ao contacto com o exterior, devido ao porto, à universidade, ao turismo, ao desenvolvimento socioeconómico e ao poder político.

No que diz respeito à vitalidade dos regionalismos madeirenses, podemos aferir que os vocábulos mais e menos conhecidos pelos inquiridos com baixo grau de escolarização (nunca frequentou o ensino e ensino primário) são conhecidos pelos restantes inquiridos, não se tratando de populismos, dado que muitos destes vocábulos são comuns ou usuais, por quase todos os informantes, como por exemplo *abuseirar(-*

se) / *embuzeirar(-se)*, *abicar-se*, *baboseira*, *desterrar*, *desterradeiro*, *levadeiro*, *olho-de-boi* e *tapa-sol*.

Quanto aos regionalismos menos conhecidos, são os que tendem a perder vitalidade, sendo muitas vezes considerados arcaísmos, pelo facto de serem conhecidos apenas pelas pessoas mais idosas, com baixo nível de escolaridade e que ainda tendem a preservar o léxico regional, como por exemplo: *quinado*, *quinar*, *freimaço*, *arrebendita*, *barrejamento*, *barrejar* e *pampa*. Importa referir ainda que, apesar de alguns jovens ainda conhecerem os termos anteriormente referidos, não sabem o que significa.

De um modo geral, é curioso observarmos que os termos *olho-de-boi*, *baboseira* e *levadeiro* têm grande vitalidade em ambos os concelhos, sendo usados pela maioria dos inquiridos, enquanto *barrejamento* e *pampa* são, no geral, os vocábulos menos conhecidos pelos cento e oito (108) informantes. Referimos ainda que os fatores de variação social, principalmente a idade, permitiram concluir que os idosos mantêm-se mais conservadores, seguindo-se os adultos e, por fim, os jovens. Concluimos ainda que muitos vocábulos regionais tendem a desaparecer juntamente com os idosos, devido à falta de transmissão oral às novas gerações.

CAPÍTULO III - ESTUDO QUALITATIVO: GLOSSÁRIO

1. Elaboração do glossário dos regionalismos estudados

Neste capítulo, fazemos a análise qualitativa das respostas obtidas nos inquéritos realizados, através da elaboração de um glossário, onde sistematizamos todas as informações recolhidas sobre cada um dos vocábulos. Deste modo, no glossário, elaborado por ordem alfabética, para cada vocábulo apresentamos os resultados obtidos nos dois concelhos: as várias aceções registadas, incluindo o significado padrão (quando fornecido), salientando ainda, nas observações, sempre que pertinente, algumas especificidades semânticas ou lexicais referentes aos concelhos e ou aos informantes.

Os artigos do glossário encontram-se estruturados do seguinte modo: lema ou entrada lexical, destacado a negrito com o registo da respetiva variante fonética ou gráfica; categoria gramatical da palavra abreviada; aceções da palavra com a respetiva numeração, seguida da definição (por sinónimo ou paráfrase) dada pelo inquirido indicando entre parênteses, o número de informantes que forneceram esse significado; observações pertinentes sobre os resultados qualitativos obtidos por localidade e concelho; nota final com informações sobre os vocábulos registados em vocabulários madeirenses, monografias, teses e dicionários da Língua Portuguesa e, sempre que necessário, fazemos uma remissão para outro vocábulo, sinónimo ou termo relacionado (por ex.: *abrasar* ver *desterrar*).

1.1 Abreviaturas

adj.	Adjetivo
ID	Identificação do informante na base de dados do Microsoft Office Access
loc.prep.	Locução prepositiva
n.	Nome
n. f.	Nome Feminino
n. m.	Nome Masculino
Obs.:	Observação
s.fig.	Sentido Figurado
var.	Variante
v.	Verbo

1.2 Abreviaturas de dicionários, vocabulários e monografias

Soares (1914)	“Subsídios para o cancionero do Arquipélago da Madeira”, <i>Revista Lusitana</i> (1914)
Ribeiro (1929)	<i>Palavras do Arquipélago da Madeira</i> , de Emanuel Ribeiro (1929)
Silva (1950)	<i>Vocabulário popular da Madeira</i> , do Pe. Fernando Augusto da Silva (1950)
Sousa (1950)	<i>Dizeres da Ilha da Madeira, Palavras e locuções</i> , de Luís de Sousa (1950)
Pestana (1970)	“ <i>Linguagem Popular da Madeira</i> ” in <i>Ilha da Madeira – II Estudos Madeirenses</i> , de Eduardo António Pestana (1970)
Marques da Silva (1985)	“Vocabulário e Expressões do Norte da Ilha”, <i>Minha Gente – Crónica romanceada</i> , de António Marques da Silva (1985)
Barcelos (2008)	<i>Dicionário de Falares dos Açores, Vocabulário regional de todas as ilhas</i> J. M. Soares de Barcelos (2008)
Barcelos (no prelo)	<i>Dicionário de Falares do Arquipélago da Madeira</i> J. M. Soares de Barcelos (no prelo)
Macedo (1939)	<i>Subsídios para o estudo do dialeto Madeirense</i> , de Deolinda Bela de Macedo (1939)
Pereira (1951-1952)	<i>Tentativa de um pequeno Atlas Linguístico da Madeira e algumas considerações sobre particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar Madeirense</i> , de Maria do Carmo Noronha Pereira (1951-1952)
Caldeira (1961, 1993)	<i>Falares da Ilha. (Pequeno) Dicionário da Linguagem Popular Madeirense</i> , de Abel Marques Caldeira (1961, 1993)
Rezende (1961)	<i>Canhas e Câmara de Lobos. Estudos etnográficos e linguísticos</i> , de Maria Ângela Leotte Rezende (1961)
Nunes (1965)	<i>Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paul do Mar e Jardim do Mar</i> , de João da Cruz Nunes (1965)
Figueiredo	<i>Palavras d'aquintrodia: Contribuição para o estudo dos</i>

(2004)	<i>regionalismos madeirenses</i> . Ana Cristina Figueiredo (2004)
Santos (2007)	<i>De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia: a narrativa e as suas (re)escritas (com uma proposta de edição crítico-genética e com uma tradução parcial do romance para francês)</i> , de Thierry Proença dos Santos (2007)
DRA	<i>Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos</i> – CLUL Leite de Vasconcelos (disponível em PDF)
C. Figueiredo (1996)	<i>Grande Dicionário da Língua Portuguesa</i> , de Cândido Figueiredo (1996)
Morais Silva (1992)	<i>Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa</i> de António de Moraes Silva (1992)
<i>Dic. Houaiss</i> (2003)	<i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i> (2003)
<i>Dic. da Acad.</i> (2001)	<i>Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa</i> , Coordenador Malaca Casteleiro (2001)
<i>Dic. Priberam</i>	<i>Dicionário Priberam da Língua Portuguesa</i> – em linha

1.3 GLOSSÁRIO

A

Abelhinha *n.f.* **1.** carro / automóvel ligeiro (46): “Ontem fui à vila da Calheta na abelhinha da minha filha.”; “Lá vai o João na sua abelhinha passear com a namorada.”; “Comprei uma abelhinha para a minha filha.”; “Ainda tenho a fotografia da minha primeira abelhinha.”. **2.** táxi (38): “Vou apanhar a abelhinha.”; “Ele chamou uma abelhinha para levá-lo ao hospital.”; “O João foi de abelhinha para casa.”. **3.** autocarro (2). **4.** abelha (referência ao animal, significado padrão) (3). **5.** pessoa que anda muito rápido (1). **Obs.:** O inquirido com o ID 17 indica que o vocábulo *abelhinha* não tem uso na freguesia do Paul do Mar. O significado registado na aceção **5.** foi mencionado por apenas um informantes funchalense, não indicando um exemplo de uso. **Nota:** Em Silva (1950), Sousa (1950) e Pestana (1970), a palavra *abelhinha* encontra-se registada com a aceção **1.** com o significado de “automóvel pequeno ou ligeiro de 3 ou 4 lugares”. Já Caldeira (1961, 1993) e Barcelos (no prelo) registam com as aceções **1.** e **2.**. Barcelos explica que “o nome “abelha” é devido ao som que o carro produz, semelhante ao

barrulho do voo de uma abelha, informando que foi em 1904, a primeira vez que Câmara de Lobos tal como o Funchal viu o primeiro automóvel”. Macedo (1939), Rezende (1961), Nunes (1965) e Figueiredo (2004) também registam a aceção **1.** “automóvel pequeno”, **2.** e **3.** “camioneta, horário, carro de carga, carro de praça, táxi” (1965: 103) / “o automóvel ligeiro de pequenas dimensões, de duas portas com quatro lugares (três passageiros mais o motorista) usado antigamente como carro de aluguer com o condutor” (2004: 6). Nos dicionários da Língua Portuguesa, para além do significado padrão, Morais Silva (1992: 24) apresenta para o vocábulo madeirense *abelhinha* a aceção **1.** “automóvel usado na praça do Funchal”.

Abicar (-se) v. **1.** jogar-se ou atirar-se (75): “Ultimamente tenho ouvido que tal fulano abicou-se.”; “Ele abicou-se do poço abaixo.”; “O João abicou-se da rocha abaixo.”; “Abica-te daí abaixo.”; “O José abicou-se de uma ponte abaixo.”; “Abica-te do pináculo.”; “Abicar-se de uma parede.” **2.** cair (16): “Ela vai abicar-se.”; “Ele abicou-se da montanha.”; “Sai de cima do muro senão ainda te abicas por aí abaixo.” **3.** deixar cair algo (2): “Vou abicar o copo.” **4.** gastar muito dinheiro (1): “Eu abico-me por um kinder bueno.” **Obs.:** As aceções **3.** e **4.** foram mencionadas por três funchalenses. **Nota:** Soares (1914), Ribeiro (1929), Silva (1950), Sousa (1950), Pestana (1970), Marques da Silva (1985), e Caldeira (1961, 1993) registam o vocábulo *abicar-se* com as aceções **1.** atirar-se (de um lugar alto) e **3.** “deixar cair”. Macedo (1939), Rezende (1961), Nunes (1965) e Santos (2007) apresentam os significados: “precipitar-se, provocar a queda de (...) utilizando a força, cometer suicídio, lançar-se, empurrar; deitar ao chão alguém ou alguma coisa”. Rezende (1961: 268) regista o termo *abica-douro* relacionando com a aceção **1.** designando o local, “despenhadeiro, precipício de abicar-se = precipitar-se”. Já Barcelos (no prelo) regista com as aceções **2.** “cair repentinamente” e **4.** “gastar muito”, referindo que o termo *abicar-se* é usado “pelos pescadores da Madeira quando se referem à fundura do mar no limite da plataforma da ilha, indicando ainda que “no Algarve este vocábulo é usado para designar o trigo quando está prestes a nascer”. Morais Silva (1992: 2) apresenta o verbo *abicar* como termo madeirense, com o significado de “atirar, deixar cair, deitar ao chão”.

Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se) v. (*de boseira*). **1.** sentar-se ou acomodar-se (95): “Estou embuseirada no chão.” **2.** deitar-se (3). **3.** não fazer nada ou ficar sem fazer nada

(4). **4.** agachar-se (o m.q. baixar-se / debruçar-se) (1). **Obs.:** O informante com o ID 19 indica usar o termo “assantar” em vez de *abuseirar (-se) / embuzeirar-se*. **Nota:** Em Silva (1950: 43) a palavra *abuzeirar(-se)* encontra-se registada com o significado de “acumular coisas sem nexos; tomar assento como uma pessoa muito gorda. Estar estendido a descansar”. Já Pestana (1970) regista este vocábulo com a grafia *embuzeirar*, designando uma “pessoa nutrida quando se senta” (1970:69). Caldeira (1961, 1993) apresenta a forma *embuseirado*, definindo um “indivíduo que está sempre sentado sem fazer nada (aceção **3.**). Barcelos (no prelo) também regista *embuseirar*, com o mesmo significado registado em Silva (1950). Figueiredo (2004: 131) regista a palavra *emboseirado* com significado idêntico ao que registámos na aceção **3.** “pessoa que está ou é inativa, que não faz nada / ocioso, parado”.

Abrasar v. **1.** gastar ou desterrar desnecessariamente o dinheiro (98): “Abrasas o dinheiro todo no jogo.”; “O João abrasou o dinheiro todo na manutenção da sua abelhinha.”; “Abrasei a reforma na receita da farmácia.”; “Mal recebe o dinheiro só pensa em abrasá-lo.”; “Aquele casal já abrasou o dinheiro todo.”. **Obs.:** O vocábulo *abrasar* tem grande vitalidade em ambos os concelhos, apresentando apenas uma única e mesma aceção. **Nota:** Caldeira (1961, 1993: 1) regista este vocábulo como o significado de “gastar sem proveito ou desterrar o dinheiro”. O mesmo significado é registado também por Figueiredo (2004: 10): “gastar sem proveito ou desterrar o dinheiro ou outros bens materiais em excesso, sem necessidade”. Ver *desterrar*.

Açacanhhar / assacanhhar v. **1.** pisar (com os pés) ou apatanhar (43): “Açacanhaste-me o pé.”; “Não açacanhes isso.”; “Não açacanhes o envelope que caiu ao chão.”; “A Maria açacanhou os pés do João.”; “Ele açacanhou o colega.”. **2.** *s.fig.* humilhar alguém (31): “Há pessoas aqui na freguesia que gostam de açacanhhar os vizinhos.”; “O João está sempre a açacanhhar o Pedro.”; “Ele tem a mania que açacanha os outros.”; “Ele açacanhou-me (...) pôs-me baixo como a terra.”. **3.** maltratar alguém (7): “Ele está sempre a açacanhhar a mulher.”. **4.** *s. fig.* incentivar (1): “Parece um cão açacanhado.”. **Obs.:** A última aceção foi mencionada por um inquirido calhetense. Parece-nos que este informante terá confundido o vocábulo *açacanhado* com *assanhado*, uma vez que o exemplo que forneceu reenvia para o termo anteriormente mencionado. **Nota:** O vocábulo *açacanhhar / assacanhhar* encontra-se registado apenas em Sousa (1950: 12) com o significado de “pisar os pés”, indicando que o termo se encontra “registado em

Trás-os-Montes também com a mesma designação”. Barcelos (no prelo) regista a forma *assacanh*, com as aceções **1.** “pisar” e **2.** *s.fig.* “humilhar” - “O senhôr também quê-me proivir de dezer ei verdades.... Sempre a assacanh a pessoa”. Segundo Santos (2007: 371), “os dicionários de referência mantêm-se mudos quanto a esta palavra, talvez especificamente madeirense. O verbo “assacanh” é, no seguinte enunciado empregue no sentido figurado de “pisar”, humilhar: “sempre assacanh ûa pessoa!”. O autor indica ainda que “Bento Gouveia utiliza-o em *Águas Mansas*, com o sentido literal de “pisar ou calcar com os pés” - “As raparigas do ensaio mantem-se na fazenda a assacanh as verduras, no encalço da bezerra”. Morais Silva (1992: 42) apresenta este termo com o significado de “pisar os pés”, enquanto C. Figueiredo (1996) e no *Dic. Houaiss* (2003) encontramos registado a forma *acalcanhar*. *Açacanh* / *assacanh* poderá ser uma corruptela de *acalcanhar*, que o *Dic. Priberam* averba tanto com aceção de “pisar” como de “humilhar”.

A rei / a reio / arreio *adv.* **1.** chover seguidamente (27): “Há tantos dias que chove a rei.”; “Esteve chovendo sete dias a rei.”. **2.** pessoa que manda / governa (8): “Hoje estás a rei.”; “Estás aí a rei enquanto os outros trabalham.”; “(...) fazes tudo a rei e à francesa!”. **3.** ficar admirado (1). **4.** puxar algo (1). **5.** bater em alguém (1). **Obs.:** O informante com o ID 19, apesar de indicar conhecer o vocábulo, refere usar a expressão: “está a chover a cântaros”. Referimos ainda que as aceções **4.** e **5.** foram mencionadas por dois funchalenses indicando um significado até então desconhecido por nós. Provavelmente por associação ao verbo *arriar* (“fazer descer, pôr no chão, largar pouco a pouco”) Cf. *Priberam*. **Nota:** Em Silva (1950) e em Marques da Silva (1985: 189) surge a aceção **1.** com o significado de “seguidamente, sem interrupção ou consecutivamente”, respetivamente com as formas *arreio* (a reio) e *areio*: - “Choveu três dias **a reio**”. Este significado também é registado por Caldeira (1961,1993), com a forma *arreio*. Barcelos (no prelo), também apresenta o termo *reio* com o significado registado na aceção **1.** “Houve sete dias a **reio** de mau tempo.”.

A rebendita / de rebendita / de arrebandita *loc. prep.* **1.** de propósito (com intenção de vingança ou de aborrecer / chatear alguém) (94): “Ela fez de rebendita.”; “Ele disse mal dela de rebendita.”; “Ela só fez isso de rebendita porque está mal contigo.”; “Partiste o copo de rebendita.”; “O João estragou a camisola do seu primo de rebendita.”; “O João rasgou o caderno a rebendita.”; “O João de arrebandita cortou a

pereira.”; “Ela fez aquilo de rebendita.”. **Obs.:** O vocábulo *a rebendita / de rebendita / de arrebandita* apresenta grande vitalidade em ambos os concelhos, sendo desconhecido apenas por quatro (4) calhetenses e dez (10) funchalenses. Observamos ainda que este termo não se encontra registado nos vocabulários madeirenses, em monografias de licenciatura e teses, nem nos dicionários da Língua Portuguesa.

Arrebenditar v. **1.** fazer de propósito (com intenção de vingança / ou de aborrecer / provocar alguém) (47): “Ele está sempre a arrebenditar.”; “Ele continua a arrebenditar.”; “Ele gosta de arrebenditar a mulher.”. **Nota:** O vocábulo *arrebenditar* não se encontra registado nos vocabulários madeirenses, em monografias de licenciatura e teses, e nem nos dicionários da Língua Portuguesa.

Atentaréu / tentaréu n. **1.** pessoa que atenta alguém / ser um atentador / importunador (59): “A Beatriz é uma atentaréu.”; “És um atentaréu.”; “O Joãozinho é um tentaréu, nunca está parado.”; “O meu filho é um tentaréu.”. **2.** teimoso (10): “Tu és um atentaréu.”. **3.** brincalhão (1). **Nota:** Soares (1914) e Sousa (1950) registam o vocábulo *atentaréu / tentaréu* denominando um indivíduo “provocante” ou “que tenta a paciência de alguém”. Em *Falares da Ilha*, Caldeira (1961, 1993) também regista este vocábulo com o mesmo significado. Em Rezende (1961: 307) *tentaréu* é aquele “que atenta ou incomoda”. Já Figueiredo (2004: 357) regista primeiramente a forma *atentaréu* designando alguém “impertinente e maçador” e *tentaréu*, definindo aquele “que está sempre a arrelhar e a importunar as pessoas”. No *Dic. de Falares dos Açores* Barcelos (2008) regista com a forma *atentador* designando alguém que é “provocador”. Já no *Dic. de Falares do Arquipélago da Madeira*, Barcelos (no prelo) averba, *atentar* como “aborrecer, chatear, importunar, maçar, o m.q. tentar. - “Á piqueno, ñã me venhas prã qui atentar!”. O *Dic. da Acad.* (2001: 405), além de registar o significado padrão, regista o verbo *atentar* com o significado de “fazer alguma coisa que aborrece ou irrita alguém; o m.q. importunar, irritar, provocar.”.

Azougar / azoigar / azagar v. **1.** morrer (para animais) (100): “Parece que está perto de azougar.”; “O meu cão azoigou.”; “A bezerra azoigou.”. **Obs.:** De um modo geral, observamos que este vocábulo é conhecido pelos inquiridos, independentemente do concelho. Alguns informantes usam este regionalismo para se referirem à morte de seres humanos, com valor pejorativo. **Nota:** Soares (1914), Ribeiro (1929), Silva (1950),

Sousa (1950) e Pestana (1970), registam o vocábulo como *azoigar* referindo-se à morte dos animais. Já Pestana (1970: 35) indica que este termo é também usado, todavia de forma depreciativa, quando nos referimos a morte das pessoas - “a cova não foi benzida; nem o padre o acompanhou; foi enterrado como um bicho; que de repente azoigou”. Macedo (1939) também regista este termo para denominar a morte ou falecimento de um ser humano. Já Rezende (1961), Nunes (1965) e Figueiredo (2004) dão como significado a “morte de um animal”. Barcelos (no prelo) averba vocábulo madeirense com o significado morrer (referindo-se também aos animais): “O gado azoigou e eu entupi-o no poio das tanarifas.” Tal como Pestana (1970), Barcelos (no prelo) menciona que este vocábulo pode ser usado de forma depreciativa, quando associado à morte ou falecimento de pessoas: “Morre tanta gente boa, só que aquele diabo é que não azoiga.”. O mesmo significado surge também em Morais Silva (1992), em C. Figueiredo (1996) e no *Dic. Priberam*. Ver *pasmar*.

B

Bábada / bábeda *n.f.* **1.** erupção cutânea (borbulha na pele ou no corpo) (94): “Ele tem uma bábeda.”; “A Ema tem uma bábeda no braço.”; “Tenho o corpo cheio de bábedas.”. **2.** pessoa babada / tontinha (2). **3.** espantado/a (1). **Obs.:** Os dois últimos significados foram mencionados por três inquiridos funchalenses, que parecem ter confundido o vocábulo com *babado/a*. Observamos ainda que o informante com o ID 16, indica conhecer a palavra em análise com o significado registado na aceção **1.**, porém manifesta preferência pelo termo “inchaço”. Os informantes com o ID 18 (residente no Paul do Mar) e o informante com o ID 25 (natural nos prazeres) pronunciam *bobdas* (alteração fonética de bábedas). **Nota:** O vocábulo *bábada / bábeda* foi registado por Ribeiro (1929), Silva (1950), Sousa (1950) e Caldeira (1996, 1993) com a aceção **1.** Em Macedo (1939) e Figueiredo (2004) também encontramos a palavra registada com a primeira aceção. No *Dicionário de Falares do Arquipélago da Madeira*, Barcelos (no prelo) apresenta a forma *bábada*, designando uma “pápula eritematosa e pruriginosa, reação histamínica local a picada de inseto, contacto com certas ervas (...) ou outra qualquer substância alérgica”, referindo que este vocábulo encontra-se no Algarve com a pronúncia “baba” e nos Açores, com a pronúncia “babo”.

Babado/a *adj.* **1.** indivíduo lento / parado / calma (49): “Tu tás sempre babado a ver tv.”; “Estás babado hoje.”; “Há rapazes aqui que são uns babados.”; “Ele é um

babado.”; “O vizinho é um babado.”. **2.** pessoa pouco inteligente (17). **3.** ficar pasmado / admirado (11). **4.** pessoa distraída ou despassarado (11). **5.** pessoa / criança que se baba quando come (3). **7.** estar feliz (1) (significado padrão). **Obs.:** O inquirido com o ID 7 indica conhecer o vocábulo *babado/a* como “pessoa parada ou calma”, porém diz usar o termo “estralado” com igual significado. **Nota:** Em *Falares da Ilha*, Caldeira (1961, 1993: 13), além de registar o significado padrão, apresenta o vocábulo *babado/a* para denominarem “aquele que anda louquinho por amores; que acha graça por coisa nenhuma”. Em Macedo (1939: 35), o vocábulo surge com a forma de “bábá” definindo uma “pessoa tola, aparvalhada, indolente”. Em Figueiredo (2004: 38) encontramos as seguintes aceções: **1.** “pessoa que não toma iniciativa; indivíduo que é ou está inativo / espantado”; **2.** “pessoa que tem atitudes típicas de quem é pouco inteligente ou estúpido”. Barcelos (no prelo) averba com o significado registado na aceção **1.** “atoleimado, que acha graça a tudo o que se lhe diz” e na aceção **2.** “inativo; parado”. Morais Silva (1992), o C. Figueiredo (1996), o *Dic. da Acad.* (2001), o *Dic. Houaiss* (2003) e o *Dic. Priberam* registam a sétima aceção.

Baboseira *n.f.* (*de baboso + -eira*). **1.** excesso de mimos ou carinho (105): “Hoje em dia, as crianças têm muita baboseira.”; “Aqueles miúdos não têm respeito. Estão cheios de baboseira.”; “Deixa-te de baboseiras.”; “Não lhe deem tanta baboseira.”; “Queres é baboseira.”. **Obs.:** O termo *baboseira* apresenta grande vitalidade em ambos os concelhos, sendo desconhecido apenas por um calhetense e dois funchalenses. **Nota:** Em *Falares da Ilha*, Caldeira (1961, 1993: 13) regista a *baboseira* como “mimos com que se trata as crianças”. O mesmo significado ocorre também em Barcelos (no prelo). Em Rezende (1961), o vocábulo surge como “pieguices” e, em Figueiredo (2004: 40) como o “carinho ou cuidado normalmente exagerado, com que se trata alguém”. Barcelos (no prelo) regista este vocábulo com o mesmo significado registado por Caldeira (1961, 1993). Nos dicionários da Língua Portuguesa verificamos que Morais Silva (1992), o *Dic. da Acad.* (2001), o *Dic. Houaiss* (2003) e o *Dicionário Priberam* registam a palavra com o significado “tolice”.

Barrejamento *n.m.* (*de barr +- mento*) **1.** chuva miudinha (chuviscos ou aguaceiros) (17). **2.** local onde tem muitas moscas (varejas) (2). **3.** ato de bater com uma vara na fruta da árvore (1). **4.** ato de pôr a roupa no sabão e na lixívia (1). **5.** traves que suportam o soalho das casas (1): “O barrejamento desta casa é feito de castanheiro.”.

Obs.: Observamos que os informantes com os números de identificação na base de dados (ID'S) 16, 17 e 24 não forneceram nenhum significado para o vocábulo mas indicam usar o termo “orvalhos” com a primeira aceção. Os inquiridos (com os ID'S 23 e 30) indicam conhecer o termo, porém preferem usar o termo “orvalhos” e por fim, os informantes com os ID'S 9 e 12 afirmam conhecer a palavra em estudo, todavia já não lhes dão uso. A aceção **3.** revela troca assim como a aceção **2.** por confusão de varejas com barejas. Quanto à aceção **4.** parece ser associada ao termo antigo *barrela* usado para clarear a roupa. Observemos que quando os falantes desconhecem ou não se lembram da palavra podem confundi-la com outra foneticamente parecida. O vocábulo *barrejamento* apresenta pouca vitalidade nos concelhos em estudo, tendo vindo a cair em desuso com o passar dos anos. **Nota:** Apenas Barcelos (no prelo) regista como *barrejar* com igual significado ao que registamos na aceção **1.** “cair chuva miudinha”.

Barrejar v. (*de barra + -ejar*). **1.** cair chuva miudinha (aguaceiros ou orvalhos) (38): “Hoje de manhã estive a barrejar.”; “Se vais sair leva o guarda-chuva que está a barrejar.”. **2.** bater com uma vara na fruta da árvore (2): “Varejei uma saca de castanhas.”. **3.** pôr a roupa no sabão (1). **5.** pulverizar / sacudir (1). **Obs.:** O informante com o ID 5 indica usar o termo *barrear* com o significado de “cair chuva miudinha”. Observamos que o termo *barrejar* é mais conhecido no concelho da Calheta do que no concelho do Funchal. Alguns informantes confundem *barrejar* com *varejar* (bater com uma vara), tendência para a troca do [v] pelo [b], como podemos ver na aceção **2.** **Nota:** Apenas Barcelos (no prelo) regista este vocábulo com a primeira aceção.

Buseira n.f. **1.** excremento dos animais (51). **2.** s. fig. pessoa gorda (32): “Ela está numa buseira.”; “A minha prima Irina está numa buseira.”. **3.** s.f. pessoa preguiçosa (ou que não faz nada) (5): “Es uma buseira.”. **Obs.:** De um modo geral, verificamos que vinte e dois (22) calhetenses indicam conhecer a segunda aceção, enquanto trinta e seis (36) funchalenses referem a primeira aceção. **Nota:** Em Soares (1914) o vocábulo *buseira* surge com o significado “poia”, designando uma mulher preguiçosa e sedentária. Ribeiro (1929), Silva (1950) e Sousa (1950) apresenta a aceção **1.** enquanto Caldeira (1961, 1993: 22) regista com o significado de “poia de excrementos e indivíduo sem ação para trabalhar.”. Observamos ainda que a primeira aceção também é registada por Barcelos (no prelo) e pelo dicionário de Morais Silva (1992), pelo *Dic. da Acad.* (2001),

pelo Dic. *Houaiss* (2003) e pelo Dic. *Priberam* (Regionalismo: “excremento mole das aves”).

Buzico / buseco *n.m.* **1.** criança pequena (81): “O buzico está a brincar.”; “Na Ponta do Pargo tem pouco buzicos.”; “O Joãozinho é um buzico (...) ainda não sabe o que é a vida.”; “Marido, olha o nosso buzico já anda.”; “Aquilo é um buzico, não cresceu.”. **2.** cão pequeno (19): “O meu cão é um buzico.”. **Obs.:** O informante com o ID 25 indica usar “canalha”, referindo-se a uma “criança pequena”, embora este termo tenha sido coletivo. Observamos ainda que dezanove informantes calhetenses indicaram o uso da primeira aceção registada. **Nota:** O vocábulo *buzico / buseco* encontra-se registado por Soares (1914), Silva (1950), Sousa (1950) e Pestana (1970) com o significado das aceções **1.** e **2.** e em Ribeiro (1929: 120) apenas com a aceção **2.** “cão pequeno”. Macedo (1939), Rezende (1961) e Nunes (1965) também registam a primeira aceção. Já Pereira (1951-1952) regista a segunda aceção, dando como significado “cão novo”. Em Figueiredo (2004: 76), o termo em análise é usado tanto para nos referirmos a uma “criança como para um animal”.

C

Carrolaço *n.m.* (de *carrolo* + *aço*). **1.** pancada (chapada / palmada / tapon) no pescoço (88): “Ele deu um carrolaço no colega.”; “Ainda levas um carrolaço.”; “O João apanhou um carrolaço.”; “Vais levar um carrolaço.”; “Estás aqui estás a levar um carrolaço”; “Ficas quieto ou levas um carrolaço.”. **Obs.:** Os informantes com os ID’S 6, 9 e 11 indicam usar o termo “cachação”, referindo-se a uma “pancada no pescoço”. **Nota:** O vocábulo *carrolaço* encontra-se registado em Ribeiro (1929), em Silva (1950), em Sousa (1950: 44), em Pestana (1970), em Marques da Silva (1985) e em Caldeira (1961, 1993) com o mesmo significado que documentamos na aceção **1.** “cachação o m.q. pancada com a mão no carrolo ou na cabeça”. Também Barcelos (no prelo) regista a palavra com igual significado. Em Nunes (1965: 145) e em Figueiredo (2004) o vocábulo designa “uma pancada na parte inferior do pescoço”. Já Morais Silva (1992:492) e C. Figueiredo (1996) averbam a forma madeirense *carrolaço* com o significado de “grande carrolo ou pancada na cabeça”.

Carrolo (corrupt. de *carolo*) *n.m.* **1.** parte detrás do pescoço (98) (significado padrão): “Vou-te dar um carrolaço no carrolo.”; “O Sérgio tem uma bexiga no carrolo.”; “Com

esse carolo à mostra vais levar no caroloço.” **2.** pancada ou palmada no pescoço (4). **3.** s.f. pescoço gordo (1). **Obs.:** O último significado foi mencionado por um informante calhetense. A aceção **2.** confunde-se com o significado de *caroloço*. **Nota:** Em Soares (1914), Pestana (1970) e Marques da Silva (1985) o termo *carolo* apresenta o mesmo significado registado na primeira aceção. Caldeira (1961, 1993: 30) regista a forma *caroulo* para “a parte detrás do pescoço”. O mesmo significado ocorre em Rezende (1961), em Nunes (1965) e em Figueiredo (2004). No *Dicionário de Falares do Arquipélago da Madeira*, Barcelos (no prelo) apresenta duas grafias: *carolo* e *caroulo*, com o igual significado registado na primeira aceção. O autor refere ainda a existência deste vocábulo nos Açores, denominando um “mamulho”. Relativamente aos dicionários de Língua Portuguesa, Morais Silva (1992:489), C. Figueiredo (1996), o *Dic. da Acad.* (2001) e o *Dicionário Houaiss* documentam *carolo* com a **2.** aceção designando uma “pancada na cabeça com um pau, vara ou com os dedos fechados”.

Charola n.f. **1.** armação de legumes ou verduras usada nas festas religiosas e populares como enfeite para oferecer à igreja (63): “No arraial tinha uma charola.”; “Gosto muito de ir à feira do gado ver as charolas.”; “As charolas da Ponta do Pargo estão muito bonitas.”. **2.** cesto de fruta (5): “Que linda charola.”. **Obs.:** O informante com o ID 24, apesar de indicar conhecer o significado de *charola* refere nas observações do questionário semântico-lexical que a construção da mesma já não se realiza na freguesia do Paul do Mar. **Nota:** Em Ribeiro (1929), Silva (1950), Sousa (1950: 50), Marques da Silva (1985) e em Caldeira (1961, 1993), o vocábulo *charola* é registado como “armação de arame coberta de frutos e legumes, que o povo oferece à igreja para leilão, pelas festas e romarias”. O mesmo significado é dado por Figueiredo (2004) e Santos (2007). Em Barcelos (no prelo) a *charola* é definida como uma “grande armação arredondada piramidal feita de arame ou de vime coberta por variadas frutas e hortaliças feita pelas festas religiosas da Madeira para o transporte das oferendas para arrematação, sendo um dos atrativos principais dos arraiais”. Relativamente aos dicionários da Língua Portuguesa é curioso notar que além, do significado padrão, C. Figueiredo (1996), o *Dic. da Acad.* (2001) e, o *Dicionário Houaiss* (2003: 593) registam o vocábulo também como um regionalismo madeirense com o significado de “armação piramidal de arame ou vime coberta de frutos e outras oferendas com que são apresentados certos dignitários eclesiásticos”.

Chorríca / forríca *n.f.* **1.** diarreia (94): “Comi qualquer coisa e fiquei da chorríca.”; “Vou a casa de banho, estou com a chorríca.”; “O buzico está da forríca.”; “A coca-cola é boa para parar a forríca.”. **Obs.:** O vocábulo em análise é usado pela maioria dos inquiridos, apresentando grande vitalidade, com as duas formas: *chorríca* e *forríca* (forma padrão). **Nota:** Em Soares (1914), Silva (1950), Sousa (1950), Pestana (1970) e Caldeira (1961, 1993) o vocábulo é registado com a aceção **1.** A mesma aceção é registada por Figueiredo (2004) e Barcelos (no prelo), com o significado de “diarreia”. O autor refere que este vocábulo é “conhecido na linguagem popular em Câmara de Lobos”. O dicionário de Língua Portuguesa, nomeadamente o de Morais Silva (1992) e o *Dic. Priberam* também apresentam o mesmo significado. A forma *chorríca* parece ser alteração fonética da palavra *forríca*, embora o *Dic. Priberam* as registre separadamente sem associá-las

Corsa / corça *n.f.* **1.** meio de transporte rudimentar feito de madeira puxado por pessoas (com uma corda ou por animais), que servia sobretudo para ir à serra buscar lenha (74): “Quando era pequeno ajudei o meu avô a fazer uma corsa.”; “Lembro-me de ver o meu avô a construir uma corça”; “O pai carrega a corça com a saca de batatas.”; “A corsa está carregada de madeira.”. **2.** algo que não se pode ter ou dar (1). **3.** cair de algum lugar (1). **4.** referência ao automóvel Opel Corsa (1). **Obs.:** Os informantes calhetenses com os ID’S 7, 3, 10, 11, 12 e 25 indicam conhecer e usar o nome “carreta” palavra muito conhecido na freguesia da Ponta do Pargo, que designava o meio de “transporte de duas rodas que servia para transportar lenha ou feiteira pela população desta localidade”. Este distingue-se da *corsa* porque esta não tinha rodas, sendo arrastada pelas encostas abaixo. A aceção **2.** para nós é desconhecida. Quanto à aceção **3.** parece estar associada à expressão “ir de corça”, que significa “escorregar ou cair”. O último significado foi referido apenas por um informante funchalense. **Nota:** O regionalismo madeirense é registado, em Sousa (1950: 55), em Pestana (1970) e em Caldeira (1961, 1993), como “um veículo de arrasto, destinado ao transporte de carga”. O mesmo significado é registado por Macedo (1939), Nunes (1965), Figueiredo (2004) e, Santos (2007). Em Barcelos (no prelo) ocorrem as duas formas: *corsa* “nome que alguns impropriamente dão ao *carro-de-cesto*” e *corça* “veículo de arrasto usado antigamente na Madeira para o transporte de cargas, outrora composto por uma prancha puxada por uma junta de bois (tv. do lat. *cursu-*, «carreira, corrida)”, afirmando que este vocábulo está averbado nos dicionários como termo madeirense, porém com definição incorreta

uma vez que o termo *corsa* também é usada no Continente, nomeadamente em Trás-os-Montes e nas Canárias. Acrescenta que, antigamente havia quem lhe chamasse, impropriamente, *zorra*. Segundo antigas descrições, a *corsa* terá existido na Madeira desde os primeiros tempos do povoamento da ilha. No *Elucidário Madeirense* (1978: 617-618) pode ler-se: “Para o transporte de cargas usam as corsas ou corsões (corsas grandes), que se compõem de dois madeiros paralelos e unidos entre si, com o comprimento de 1m,6 a 3,m,0, e largura de 0m,50”. Nos dicionários da Língua Portuguesa, Morais Silva (1992), C. Figueiredo (1996), o *Dic. da Acad.* (2001), o *Dic. Houaiss* (2003) e o *Dic. Priberam*, registam como “carro de cestos”.

D

Dentinho *n.m.* **1.** petisco ou aperitivo (99): “O dentinho na poncha da Maloeira é tremoços, amendoins e dobrada.”; “Não tem um dentinho que se coma?”; “O meu marido diz que no bar dali de cima dão um bom dentinho.”; “Quando vou a poncha peço sempre um dentinho.”; “Não tem um dentinho para acompanhar a cerveja.”. **2.** dente pequeno de uma criança (2). **Obs.:** O vocábulo *dentinho*, com a aceção regional (aceção **1.**) apresenta grande vitalidade nos dois concelhos em estudo. **Nota:** Nos vocabulários madeirenses, Silva (1950), Sousa (1950), Pestana (1970) e Caldeira (1961, 1993) registam o *dentinho* com a primeira aceção madeirense. Em Figueiredo (2004: 115) surgem as formas “dente” e “dentinho” com o significado de “petisco (azeitonas, salgadinhos, tremoços, etc.), servidos habitualmente para acompanhar a bebida”. Em Barcelos (no prelo) o vocábulo é registado como “dente” correspondendo ao “petisco”.

Desterradeiro/a *adj.* (*de desterrar + -deiro*). **1.** indivíduo que desterra ou que gasta o dinheiro todo (102): “Já vi que és um desterradeiro.”; “Não sejas desterradeiro, guarda o dinheiro para o futuro.”; “Ele é mesmo um desterradeiro que não pode ver um tostão no bolso.”. **Obs.:** O vocábulo *desterradeiro* apresenta grande vitalidade nos dois concelhos em estudo. **Nota:** Em Caldeira (1961, 1993: 47) o termo *desterradeiro* designa “aquele que gasta, tudo quanto ganha”. Marques da Silva (1985) refere que “Os desterradeiros (perdulários) gastam o seu e o alheio.”. Em Figueiredo (2004: 122), encontramos o vocábulo com a seguinte definição: “quem esbanja o dinheiro sem medida. Que não economiza.”. Barcelos (no prelo) também regista com um significado idêntico, designando “aquele que tudo esbanja; perdulário”. Nos dicionários de Língua

Portuguesa, apenas C. Figueiredo (1996: 847) regista o vocábulo em análise como “desterrador” designando “aquele que desterra ou impele ao desterro”.

Desterrar v. **1.** gastar ou esbanjar o dinheiro (101): “O João vai desterrar o dinheiro todo.”; “Desterram tudo no luxo e não pensaram nos filhos e na sua vida.”; “Só queres é desterrar as coisas.”. **2.** estragar algo (1). **3.** mandar alguém para fora da sua terra como castigo (1) (significado padrão): “Antigamente mandavam desterrar os contestatários e malfeitores.”. **Obs.:** O vocábulo *desterrar* apresenta vitalidade nos dois concelhos em estudo, sendo conhecido por todos os informantes no concelho da Calheta. Referimos ainda que a terceira aceção foi indicada pela informante com o ID 78, residente na freguesia da Sé, concelho do Funchal. Como se trata do significado padrão, pode revelar desconhecimento do regionalismo madeirense. **Nota:** A palavra *desterrar* encontra-se registada em Pestana (1970: 66) com o significado de “estragar ou prejudicar”, enquanto Caldeira (1961,1993:47) a define como “esbanjar”. Observamos ainda que a primeira aceção também é registada por Figueiredo (2004: 124) designando alguém que “gasta excessivamente sem necessidade; esbanjar.”; “desterro = desterrar”. Em Barcelos (no prelo), o vocábulo tem como significado “desperdiçar, esbanjar (ext. de desterrar) - “Desterrou tudo que o pai lhe tinha deixado e ficou cambado.”. Morais Silva (1992), C. Figueiredo (1996), o *Dic. da Acad.* (2001), o *Dic. Houaiss* (2003), e o *Dic. Priberam*, apresentam apenas o significado padrão registado na aceção **3.** Ver *abrasar*.

E

Embeijado *adj.* **1.** indivíduo sem dinheiro (teso) (77): “Ele já anda embeijado.”; “Ele abrasou o dinheiro todo na bebida e agora anda embeijado.”; “Quem desterra tudo o que ganha fica embeijado.”. **2.** enamorado ou apaixonado (11) (significado padrão): “Estás embeijado por aquela miúda.”. **3.** amuado (6): “Ele está embeijado porque não lhe comprei nada.”. **4.** ser enganado por alguém (1). **Obs.:** O termo *embeijado* é conhecido pela maioria dos inquiridos, independentemente do concelho como “alguém que não tem dinheiro”. A aceção **3.** surge como sinónimo da expressão “estar ou ficar de beijas”, enquanto a aceção **4.** indicada só por um informante, parece surgir por extensão semântica, pois um indivíduo “enganado por alguém” pode ficar embeijado. **Nota:** Nos vocabulários madeirenses, a palavra *embeijado* encontra-se registada com a primeira aceção em Silva (1950) e Sousa (1950), enquanto em Caldeira (1961, 1993:

51) aparece com o significa “triste e desapontado”. Em Nunes (1965: 15) e em Figueiredo (2004: 131) encontramos a primeira aceção “estar sem dinheiro nenhum” / “Que anda sem dinheiro; teso”. Em Barcelos (no prelo), encontramos duas aceções: a primeira é definida como “desgostoso; tristonho; de beízo caído” e na segunda “sem dinheiro”. C. Figueiredo (1996: 921) e o *Dic. Houaiss* (2003) documentam apenas a aceção **2**. “Estás embeaçado. Caíste na ratoeira de cupido.” enquanto Morais Silva (1992: 264) apresenta a aceção **1**. “que esta sem dinheiro”.

F

Favado/a *adj.* **1.** roído ou picado (por um inseto ou animal) (50): “A mesa está toda favada dos gatos.”; “A batata está favada.”; “O bicho tem favado a verdura.”; “O João foi favado pelos mosquitos.”; “Ele foi favado por um inseto.”; “Fui favado pelos mosquitos.”. **2.** furado (ou com buracos) (27): “A camisola estava toda favada.”; “Os pêros estão favados do bicho.”. **3.** marcado por borbulhas ou cicatrizes na pele (7): “Oh rapaz, estás todo favado.”. **4.** bem cozido (1): “O bolo está favado.”. **Obs.:** O último significado foi registado por uma inquirida natural do concelho da Calheta, indicando usar o vocábulo *favado/a* para se referir a um bolo, quando “está bem cozido”. **Nota:** O vocábulo *favado* surge em Ribeiro (1929), em Silva (1950), em Sousa e em Barcelos (no prelo) com significado igual ao que registámos nas aceções **1**. e **3**. Pestana (1970: 75) regista-o com a aceção **2**. “cheio de buracos” e Caldeira (1961, 1993) com a aceção **3**. Em Figueiredo (2004: 201), também encontramos a primeira aceção: “As pulgas morderam-me tanto, que fiquei com as pernas favadas.”. Morais Silva (1992: 25) averba a palavra com o significado de “vestígios de varíola / carcomido”.

Freimaço *n.m.* (de freima +-aço). **1.** susto ou desgosto (27): “Aquela pequena deu-me um freimaço.”; “O meu filho deu-me um freimaço.”; “Apanhei um freimaço com aquela notícia.”; “Quando o Zé foi para a tropa apanhei um freimaço.”. **2.** travagem (1). **Obs.:** De um modo geral, notamos que o vocábulo *freimaço* é desconhecido pela maioria dos inquiridos calhetenses (28 informantes não conhecem) e funchalenses (52 falantes não conhecem). Os informantes com os ID’S 5, 6, 10, 17, 21, 33 e 42, residentes no concelho da Calheta indicam usar o(s) termo(s) “cagaço”, “freima” ou “estrepasso”, enquanto os inquiridos funchalenses com os números de identificação (ID) 54 e 60 dizem usar o termo “freima” para desgosto. **Nota:** Em Soares (1914), a palavra

freimaço encontra-se registada com a aceção **1.** definida como “*grande desgosto*” e, em Ribeiro (1929), em Sousa (1950), em Pestana (1970) e, em Caldeira (1961, 1993) com o significado de “arrelia e impaciência”. O significado anteriormente referido é também apresentado por Barcelos (no prelo), que documenta as formas *afreimar* e *freimão* como “afligir ou causar desgostos (...)”, indicando a existência da palavra *afreimar* com igual significado nos Açores. Nunes (1965) e Figueiredo (2004) averbam também o vocábulo com a aceção **1.** O *Dic. Priberam* apresenta a palavra como regionalismo madeirense, definindo-a como “arrelia, impaciência prurido”.

Furado *n.m.* **1.** túnel (102): “Agora com os furados fica tudo mais perto.”; “Estamos no furado da Madalena do Mar.”; “A ilha da Madeira tem muitos furados.”. **2.** picado (1). **Obs.:** Dos cento e oito (108) informantes, quarenta e sete (47) calhetenses e cinquenta e cinco (55) funchalenses indicaram conhecer a primeira aceção. A segunda aceção foi apenas registada pela informante sessenta e quatro (64), residente em São Roque, no Funchal. No geral, observamos que a palavra *furado* apresenta grande vitalidade em ambos os concelhos. **Nota:** O vocábulo *furado* encontra-se registado em Silva (1950), Sousa (1950), Nunes (1965), Pestana (1970), Caldeira (1961, 1993), Figueiredo (2004), Santos (2007) e em Barcelos (no prelo), com a aceção **1.** assim como nos dicionários da Língua Portuguesa de Morais Silva (1992) e no *Dic. Priberam*, que já regista a aceção madeirense “túnel”.

H

Horário *n.m.* **1.** autocarro ou camioneta (98): “Vou apanhar o horário das 15:30m.”; “O horário sai daqui a cinco minutos.”; “Estou atrasada para apanhar o horário.”; “Hoje o horário está atrasado.”. **2.** horas (horário) do autocarro (3). **Obs.:** O vocábulo *horário* é conhecido por quase todos os inquiridos. Referimos ainda que o último significado foi mencionado por três funchalenses, associando o vocábulo à empresa dos “Horários do Funchal” ou até mesmo aos horários dos mesmos. **Nota:** A palavra *horário* ocorre em Sousa (1950: 84) e em Caldeira (1961, 1993) com o significado registado na primeira aceção: “automóveis de transporte coletivo de passageiros”, bem como em Barcelos (no prelo). Este refere ainda que o nome *horário* dever-se-á ao facto de este “meio de transporte ter um horário fixo”. A primeira aceção é registada também por Rezende (1961), por Nunes (1965) e por Figueiredo (2004: 201), que define o *horário* como um “veículo pesado, de transporte coletivo de passageiros / autocarro; camioneta”,

acrescentando ainda que próprio vocábulo remete para a empresa “Horários do Funchal”, empresa de transporte público de passageiros, sediada no concelho do Funchal”. O *Dic. Priberam*, além de registar o significado padrão, indica o termo madeirense com as aceções **1.** e **2.**

I

Inção *adj.* (inçãozinho). **1.** pessoa ou criança pequena (24): “Aquela criança é um inção.”; “Ele é um inção de gente.”. **2.** pouca quantidade de alguma coisa (13): “A minha mãe fez um inção de comer.”. **3.** muita quantidade de alguma coisa (1). **4.** criança mal comportada ou muito teimosa (1). **Obs.:** O termo *inção* tem maior vitalidade no concelho da Calheta do que no concelho do Funchal, uma vez que é desconhecido por quarenta e oito (48) inquiridos. **Nota:** Em Ribeiro (1929: 28) e em Silva (1950: 84), o vocábulo *inção* ou *inçãozinho* apresenta-se como algo “pequeno” e “coisa muito pequena”, enquanto Sousa (1950), Marques da Silva (1985) e Caldeira (1961, 1993) registam-no como “criança pequena”. Em Pereira (1951-1952) apesar de registar a palavra com a grafia *insão/isau* indica que este vocábulo é conhecido em quase todas as localidades da nossa Região Autónoma, exceto no concelho de Machico. Figueiredo (2004) regista o termo “*ição / inção*” como criança. Para Nunes (1965), tem o significado de “pequeno”, não especificando do que se trata. Barcelos (no prelo) diz tratar-se de “coisa muito pequena, por exemplo, da criança de pouca idade: - “Aquele inção tá quaise a andar, ñã falta munto!”. O mesmo significado encontra-se registado no *Dic. Priberam*.

J

Joeira (de papel) *n.f.* **1.** o m. q. papagaio de papel (102): “O meu filho quando era criança brincava com as joeiras.”; “A joeira tem cores coloridas.”. **Obs.:** A *joeira* é conhecida por quarenta e cinco (45) calhetenses e cinquenta e sete (57) funchalenses, apresentando grande vitalidade em ambos os concelhos. **Nota:** Nos vocabulários madeirenses, a *joeira* encontra-se registada com uma única aceção em Silva (1950), em Sousa (1950), em Pestana (1970), em Caldeira (1961, 1993), em Nunes (1965), em Figueiredo (2004) e em Barcelos (no prelo). Este refere que a *joeira* “tem este nome pelo facto de imitar no ar, quando se movimenta ao sabor do vento, os movimentos da

joeira (...) é das tradições mais antigas da nossa região.”. Este vocábulo surge também no *Dic. da Acad.* (2001) e no *Dic. Priberam*.

L

Levadeiro/a *n.m.* **1.** homem ou mulher que é responsável pela limpeza e a distribuição da água de rega (manutenção das levadas) (100): “O levadeiro já passou por aqui hoje.”; “O levadeiro ainda não veio entregar o bilhete da rega.”; “Estou a ver a que horas o levadeiro manda a água.”; “Eu rego a fazenda às 13h”; “O levadeiro já me entregou o bilhete.” **2.** distribuidor de vinho (5). **Obs.:** O termo regional *levadeiro* é conhecido por quase todos os informantes, independentemente do concelho. O informante com o ID 24, residente na freguesia do Jardim do Mar afirma que nesta localidade já não existe “o homem que é responsável pela distribuição da água de rega”. Já na Freguesia dos Prazeres, o informante com o ID 25, apesar de conhecer este termo com o significado registado na aceção **1.** diz usar a palavra “levadeiro” referindo-se “ao homem que serve a bebida às pessoas”. **Nota:** Em Silva (1950), Sousa (1950) e Pestana (1970) encontra-se registada a aceção **1.** enquanto Caldeira (1961, 1993: 83) regista a aceção **2.** “Aquele que manda servir ou serve as bebidas nas festas familiares ou recreativas.”. Macedo (1939), Rezende (1961), Nunes (1965), Figueiredo (2004) e Santos (2007) também registam a aceção **1.** Já Barcelos (no prelo) regista duas aceções: **1.** “pessoa responsável não só por abrir e fechar as comportas, mas também pela manutenção das levadas” e como **2.** “homem que distribui as bebidas durante a matança do porco (ext. de levadeiro)”. Relativamente aos dicionários da Língua Portuguesa, DRA, C. Figueiredo (1996) e o *Dic. Priberam* registam com a primeira aceção.

M

Manente *adj.* (do lat. *manente*, “estável”, part. pres. de *manēre*, “permanecer”). **1.** preocupado/a ou pensativo/a (62): “Acordei manente com o trabalho.”; “Hoje estou manente.”; “Ele está manente.”; “Falei com o António e depois da conversa ele ficou manente.” **2.** paranoico (ou com manias) (9): “O homem é manente.”; “Não sejas manente.” **3.** pessoa portadora de uma deficiência (4): “Ele é manente de um braço”. **4.** teimoso (1). **5.** manípulo de travão (1): “O manente do travão estragou-se”. **Obs.:** As últimas aceções foram referidas por dois calhetenses. **Nota:** O vocábulo *manente* surge em Ribeiro (1929), em Silva (1950), em Sousa (1950), em Pestana (1970), em Marques da Silva (1985) e em Caldeira (1961, 1993), com o significado de “preocupado,

pensativo, apatetado, atordado, desmaiado”. O mesmo significado é registado por Barcelos (no prelo).

O

Olho-de-boi *n.m.* **1.** lanterna (106): “O olho-de-boi está sem pilhas.”; “Levo o olho-de-boi para enxergar melhor.”; “Está escuro, vou buscar o olho-de-boi.”; “Tráz o olho-de-boi que aqui está muito escuro.”. **Obs.:** O *olho-de-boi* é conhecido por todos os inquiridos do concelho da Calheta. Observamos ainda que apenas dois funchalenses indicam desconhecer este termo. **Nota:** A aceção **1.** é registada por Sousa (1950), Marques da Silva (1985) e Caldeira (1961, 1993), bem como por Nunes (1965), Figueiredo (2004) e, Santos (2007). Barcelos (no prelo) explícita o seu significado como “lanterna elétrica a pilhas”. Relativamente aos dicionários de Língua Portuguesa, apenas o *Dic. Priberam* regista o regionalismo madeirense como “lanterna portátil”.

P

Pampa *n.f.* **1.** mulher de baixa estatura e gorda (12): “Aquela mulher é pampa.”; “Ficaste numa pampa.”. **2.** pessoa malandra / sem vontade de fazer nada (2): “Ele é uma pessoa pampa.”. **3.** vaidade (1). **4.** zona plana (1). **Obs.:** O informante com o ID 17 apesar de conhecer o vocábulo em estudo, prefere o uso da palavra “gorda”. **Nota:** Este vocábulo não se encontra registado nos vocabulários madeirenses, nem em monografias de licenciatura e teses, bem como nos dicionários da Língua Portuguesa.

Pancume *n.m.* (o m.q. pancaço e panquiço, (de panca + -ume). **1.** pancadaria (tarefa, agressão ou sova) (100): “Ele deu-lhe um pancume.”; “O pai prometeu-lhe um pancume se não voltasse cedo para casa.”; “O João levou um pancume.”; “Vais levar um pancume.”. **Obs.:** A palavra *pancume* apresenta grande vitalidade nos concelhos em estudo, sendo apenas desconhecida para oito informantes (dois calhetenses e seis funchalenses). **Nota:** O termo *pancume* surge em Soares (1914), Ribeiro (1929), Silva (1950), Sousa (1950), Pestana (1970), Marques Silva (1985) e Caldeira (1961, 1993) com a aceção **1.** Em Macedo (1939) encontramos o vocábulo definido como “sova”. Rezende (1961) e Nunes (1965) registam-no como “pancadaria” e Figueiredo (2004) como “agressão física repetida e insistente feita a alguém; pancadaria”. Já Barcelos (no prelo) regista como “pancadaria e sova”. Morais Silva (1992: 168) averba a palavra como o significado de “pancada - choque com corpo contra outro; ato de bater; golpe

dado com pau, ou com a mão / agressão, ataque especialmente dado com a mão”, enquanto C. Figueiredo (1996), o *Dic. da Acad.* (2001) e o *Dic. Houaiss* (2003) documentam o termo como pancadaria.

Pasmar *v.* **1.** ficar espantado / admirado / surpreendido (47): “Estou pasmado com o que aconteceu”; “Ele está pasmado.”; “Não fiques aí a pasmar.” **2.** morrer (referência aos animais) (21): “O cão pasmou.” **3.** olhar fixo (3): “Estás pasmado para onde?”. **4.** pessoa babada (que não faz nada da vida) (5). **Obs.:** O informante com o ID 9 indicar usar a expressão “lá foi”, enquanto o informante com o ID 25 refere usar o termo “pantou” para se referir à morte de um animal. **Nota:** O vocábulo *pasmar* é registado por Silva (1950: 109) com a forma “paimar” e com o significado da segunda aceção: “paimar – o m. q. pasmar, morrer, falando de animais (azougar)”. A mesma forma encontra-se registada em Barcelos (no prelo) também com igual significado, referindo que, segundo Santos (2013) o termo é reconhecido como “peimar na localidade dos Canhas e na Serra d' Água”. Morais Silva (1992), C. Figueiredo (1996), e o *Dic. Priberam* definem este vocábulo como “causar espanto a, espantar, deslumbrar” (aceção **1.**), tal como o *Dic. da Acad.* (2001) e o *Dic. Houaiss* (2003): “provocar ou sentir grade espanto, admiração.” (aceção **1.**).

Pragume *n. m.* (de praga + -ume). **1.** muitas pragas (insultos) (85): “Ele rogou-lhe um grande pragume.”; “Levei com um pragume.”; “Ela pediu um pragume a vizinha por causa da briga que teve.”. **Obs.:** A palavra *pragume* tem maior vitalidade no concelho da Calheta do que no concelho do Funchal. **Nota:** Em Silva (1950: 118) ocorre a forma *praguento* “que pragueja muito.”. Sousa (1950: 112) define *pragume* como “muitas pragas ou o m.q. praguedo.”. Em Figueiredo (2004: 300), o vocábulo surge com o significado de “grande quantidade de pragas proferidas por alguém”. Em Pestana (1970) ocorre como *praga* e *praguejar*. Em Barcelos (no prelo) encontramos o vocábulo com as mesmas aceções que regista Pestana (1970). Nos dicionários de Língua Portuguesa, DRA averba a forma “pragar - rogar pragas”, C. Figueiredo (1996) documenta “praguento – amaldiçoar, maldizer”, o *Dic. da Acad.* (2001) e o *Dic. Houaiss* (2003) registam *pragume* como “praga - lançar uma maldição a alguém” (aceção **1.**).

Quinado *adj.* **1.** prejudicado ou tramado por alguém (39): “Ele está quinado comigo.”; “Ele está quinado.”; “Ele está quinado pelo chefe!”. **2.** mantido debaixo de olho (7). **3.**

sem credibilidade (5): “Foste quinado, já não acredito em ti.”. **4.** estragado (torto ou inclinado) (3). **5.** corrigido (1). **Nota:** Este vocábulo não se encontra registado nos vocabulários madeirenses, nem em monografias de licenciatura e teses, nem nos dicionários da Língua Portuguesa.

Quinar (de quina + -ar) v. **1.** tramar alguém (prejudicar) (54): “Vou-te quinar.”. **2.** manter alguém debaixo de olho (3). **3.** dobrar (2): “Vamos quinar a chapa.”. **4.** inclinar (1). **5.** opinar (1). **Obs.:** O termo *quinar* tem maior vitalidade no concelho da calheta do que no concelho do Funchal. **Nota:** Em Silva (1950: 122), a palavra *quinar* apresenta-se como “dar-se mal”, tal como em Nunes (1965) e em Figueiredo (2004). Já em Ribeiro (1929), em Sousa (1950: 33) e, em Caldeira (1961, 1993) surge como “termo de costura: fazer pregas nos vestidos”. Já Barcelos (no prelo) regista este termo a aceção anteriormente referida: **1.** “fazer pregas nos vestidos” e como **“2. s.fig. “contender; implicar.”**

R

Rabiçar / rabuçar v. **1.** vomitar (referente a pessoas e animais) (98): “Bebi uma cerveja e rabiçei o jantar.”; “Ontem, o bêbado rabiçou.”; “Ele andou rabuçando.”; “A pequena rabiçou durante toda a viagem de barco.”; “O cão comeu erva e agora está a rabiçar.”; “O gato está a rabiçar.”. **Obs.:** A palavra *rabiçar / rabuçar* apresenta grande vitalidade nos dois concelhos em estudo. **Nota:** O vocábulo *rabiçar / rabuçar* surge em Soares (1914) e em Sousa (1950) com o significado de “vomitar”, enquanto Silva (1950), Pestana (1970), Caldeira (1961, 1993), Rezende (1961) e Figueiredo (2004) definem o termo como “vómito dos animais”. Já Barcelos (no prelo) regista este vocábulo com os dois significados, ou seja, pode ser usado para designar os vómitos dos animais e também os vómitos das pessoas (com sentido pejorativo).

Refundiadeiro/a adj. **1.** pessoa que desarruma tudo (66): “És um refundiadeiro.”; “A Maria é uma refundiadeira. Cada vez que procura algo desarruma tudo.”. **2.** pessoa que mexe nas coisas alheias (ser bisbilhoteiro) (22): “Ele refundiu uma gaveta.”. **Obs.:** A palavra *refundiadeiro/a* ainda não se encontra dicionarizada nos vocabulários madeirenses, em teses de licenciatura e mestrado e nem nos dicionários de Língua Portuguesa.

Refundiar v. **1.** procurar municiosamente, mexendo e remexendo nas coisas desarrumando-as (102): “A tia Joana é uma refundiadeira! Encontrou um chapéu no sótão.”; “Passei a tarde a refundiar as gavetas à procura do cartão.”; “Deixei a porta aberta e, quando cheguei a casa, os ladrões tinham refundiado tudo.”. **Obs.:** O vocábulo *refundiar* tem grande vitalidade nos dois concelhos em estudo. **Nota:** Nos vocabulários madeirenses, *refundiar* aparece em Silva (1950), em Sousa (1950) e em Caldeira (1961, 1993) com significado igual ao que registámos na aceção **1.** tal como em Pereira (1951-1952), em Figueiredo (2004) e em Barcelos (no prelo).

S

Sobre si / sobressi *adj.* **1.** pessoa portadora de uma deficiência (58): “Ela é meia sobre si.”; “O Luís não consegue fazer nada, pois é meio sobre si.”; “Aquele rapaz é meio sobre si.”. **2.** estar por cima de alguém (ter superioridade) (2). **3.** falar de alguém (2). **Obs.:** As últimas aceções (**2.** e **3.**) foram registadas por quatro funchalenses. **Nota:** O termo *sobre si / sobressi* surge em Ribeiro (1929) com o significado de “estar sobre si, senhor de si”; em Silva (1985) como “indivíduo indeciso, sem iniciativa; um pouco delirante na fala e nos movimentos”. Sousa (1950) e Caldeira (1961, 1993) definem este vocábulo como “indivíduo bonacheirão”; em Pestana (1970) denomina uma “pessoa pouco faladora, de pouca iniciativa, nada ousada”, em Marques da Silva (1985) designa um “indivíduo um pouco apatetado”, e em Nunes (1965: 148) refere um “indivíduo aparvalhado”. Barcelos (2008) regista o termo açoriano com o significado de “altaneiro; arrogante; emproado”, enquanto, no *Dic. de Falares do Arquipélago da Madeira* (no prelo), o mesmo autor averba a palavra com o sentido de “ser um sobre si”, definindo alguém que é “aparvalhado” e “pouco inteligente”. Por isso, embora a palavra também exista nos Açores, é um regionalismo semântico madeirense porque apresenta um significado diferente no Arquipélago da Madeira. Morais Silva (1992: 288) apresenta-o com o significado de “alguém que está entregue a si mesmo, que depende de si próprio, a si mesmo”.

Soquete *n.m.* (de soco + -ete). **1.** empurrão ou puxão (67): “Ele deu-lhe um soquete.”; “Não me irrites, vais levar um soquete.”; “Ele levou um soquete.”; “Dei-lhe um soquete que ela até se assustou.”; “Dei-lhe um soquete.”; “Ele deu-me um soquete e roubou-me o saco.”; “Ela deu-lhe um soquete.”; “Aquele ladrão deu-me um soquete na carteira.”; O

João deu-me um susto e dei-lhe um soquete.”. **2.** pancada ou murro (22): “Ele deu um soquete.”. **3.** solavancos (saltos) (3): “O carro ia aos soquetes.”; “Este carro anda aos soquetes.”. **4.** choque elétrico (1). **Obs.:** As aceções **3.** e **4.** foram mencionadas pelos informantes do concelho da Calheta. **Nota:** Em Sousa (1950) e Silva (1985), o vocábulo *soquete* designa o “ato de puxar / puxão, sacudir”, enquanto Caldeira (1961, 1993) regista como “repuxão”. Em Figueiredo (2004: 345) o vocábulo *soquete* é definido como o “ato de puxar ou empurrar violentamente alguma coisa ou alguém; gesto sacudido e brusco; empurrão”. Em Barcelos (no prelo) significa dar um “puxão”. Refere ainda que este vocábulo é o “nome que os pescadores da madeira dão ao ato de puxar violentamente o atum depois de aferrado, no sentido da cabeça para a cauda, para que perca a resistência. Chamam a esta ação desnucar o peixe.”. Relativamente aos dicionários da Língua Portuguesa, Morais Silva (1992: 386), além de indicar o significado padrão, regista o regionalismo madeirense com o significado “travar de soquete, travar (o automóvel) de repente, subitamente e o termo *soquetear* designando o “calcar com o soquete, dar muitos socos ou soquetes”. Já o *Dic. da Acad.* (2001: 3456) e o *Dic. Priberam* definem como “soco dado com pouca intensidade”.

T

Tanarifa *n.f.* (o m.q. boganga e moganga). **1.** abóbora branca ou abóbora moira (59): “Às vezes faço sopa de tanarifa para o jantar.”; “Vou apanhar uma tanarifa à fazenda.”; “Não gosto de sopa de tanarifa.”. **2.** *s.fig.* cabeça grande de abóbora (1). **Obs.:** O vocábulo *tanarifa* apresenta pouca vitalidade no concelho do Funchal, dado que quarenta e seis (46) informantes indicaram desconhecer este termo e os que conhecem usam a palavra boganga/o. No concelho da Calheta, apenas dois inquiridos indicaram não conhecer a palavra. **Nota:** O termo *tanarifa* surge em Silva (1950), em Sousa (1950), em Pestana (1970) e em Marques da Silva (1985) com a variante “boganga / moganga e abóbora moira” (aceção **1.**). Pereira (1951-1952), Nunes (1965) e Figueiredo (2004) registam as variantes “moganga/o” e “boganga/o”. Rebelo (2006-2007) refere a possível origem espanhola ou Canária do termo registado como *tenerifa*. Barcelos (no prelo) além de registar este termo como “abóbora “o m.q. boganga / moganga”, explica que a *tanarifa* também é conhecida como “abóbora de tenerife”, indicando que “*Tanarife* era a forma antiga de Tenerife, de onde terão vindo algumas dessas espécies de legumes, em caixas de madeira, nas quais vinha escrito o nome dessa ilha das Canárias”.

Tapa-sol *n.m.* o m.q. taipiço de tapar + sol). **1.** armação exterior da janela em madeira ou alumínio (70): “O tapa-sol da minha casa está sempre aberto.”; “Abre o tapa-sol.”; “Abre o tapa-sol para arejar o quarto.”. **2.** persiana (13): “Eu tenho um tapa-sol no meu quarto.”. **3.** guarda-sol / chapéu de sol (8): “Vamos alugar o tapa-sol na praia.”. **4.** tapa-sol do carro (2). **Obs.:** Curiosamente, a aceção **1.** é registada por trinta e cinco informantes do concelho da Calheta e do concelho do Funchal. **Nota:** A palavra *tapa-sol* é registada em Ribeiro (1929), em Silva (1950) e, em Caldeira (1961, 1993) com a aceção **2.** O mesmo significado é registado por Nunes (1965), Figueiredo (2004) e Barcelos (no prelo), enquanto Rezende (1961: 301) regista como *tapa-sóis* designando uma “espécie de gelosias em madeira abertas ao meio e abrindo para fora”.

Tornadouro / tornadoiro / tornador *n.m.* **1.** local onde se tapa a água de rega (61) “Vai lá cima e tapa o tornadoiro.”; “Tapa-me bem o tornadoiro para o rego encher.”; “Já arranjei o tornadouro para tapar a água.”. **2.** saca com matos usados para desviar a água de rega em direção aos regos (6). **Obs.:** O vocábulo *tornadouro / tornadoiro* tem tendência para cair em desuso no concelho do Funchal, uma vez que mais de metade dos informantes indicaram não o conhecer (trinta e cinco inquiridos). **Nota:** O vocábulo *tornadouro* é definido em Ribeiro (1929:35) como “o orifício por onde a água se escapa nos tanques; escoadouro”. Já Silva (1950: 138) regista o termo como “os diversos pontos em que a água entra nas terras para efeito da irrigação”, enquanto Sousa (1950: 129) e Caldeira (1961, 1993) indicam tratar-se da “abertura nas levadas, para fazer derivar, portunamente, o curso das águas de regadio”. Em Nunes (1965: 121), Figueiredo (2004) e Santos (2007) surge com o significado de “comporta para a divisão das águas”. Já Barcelos (no prelo) regista com duas aceções **1.** “cada um dos pontos em que a água das levadas entra nas terras para a rega” e como **2.** “escoadouro de um tanque”, referindo que, na ilha da Madeira, este termo é conhecido por “sacadas destinadas a conduzirem a água para outro lado nas terras regadias”. Além do significado padrão, Morais Silva (1992), o *Dic. da Acad.* (2001) e o *Dic. Priberam* apresentam o regionalismo madeirense com a mesma definição que nos dá Ribeiro (1929).

V

Vigiar *v.* **1.** observar ou controlar atentamente alguém (ver ou olhar / espiar / espreitar) (102): “Estás a vigiar quem?”; “Eu vou-te vigiar para ver para onde vais!”; “Aquela

vizinha está sempre a vigiar a vida dos outros.”; “Vou vigiar o meu primo porque preciso de falar com ele.”; “Os meus vizinhos estão sempre a vigiar a vida dos outros.”; “Estava sempre a vigiar para mim.”; “Andas-me a vigiar?”. **Obs.:** A palavra *vigiar* apresenta grande vitalidade em ambos os concelhos em estudo. **Nota:** O termo *vigiar* surge em Pestana (1970: 126) com o significado de “olhar com atenção” e em Caldeira (1961,1993:146) como “ver”. Em Pereira (1951-1952), o vocábulo surge como “ver, olhar, reparar”, enquanto em Rezende (1961) ocorre como “olhar atentamente”. Em Barcelos (no prelo) encontramos este vocábulo com três aceções: **1.** “tomar atento; não se esquecer”; **2.** “avistar; ver” e **3.** “notar; reparar” - “Agora vigio, a senhora a modos que tem os olhos chorosos.”. Morais Silva (1992), C. Figueiredo (1996), o *Dic. da Acad.* (2001), no *Dic. Houaiss* (2003) e, no *Dic. Priberam* averbam o vocábulo *vigiar* como “observar atentamente alguém (ver ou olhar / espiar / espreitar)”.

Vimiada *n.f.* **1.** tarefa (sova / porrada / malha) com um vime (56): “Se vens tarde dou-te uma vimiada nas canelas.”; “O Joãozinho levou umas vimiadas porque desobedeceu a sua mãe.”; “Levei muitas vimiadas quando era criança.”; “Quando era nova levei umas vimiadas nas canelas, quando não fazia o que a minha mãe dizia.”. **Obs.:** O informante com o ID 15 indica usar a palavra “trochadas”, para uma “pancadaria com um vime”. **Nota:** Nenhum vocabulário, tese e dicionário consultado regista este vocábulo.

Visgo *n.m.* (de visco, do lat. viscu-). **1.** elástico ou borracha (71): “O meu filho brincava com os visgos quando era criança.”; “O visgo já está velho.”; “Quando era criança fazia muitas fisqueiras com o visgo.”; “Estão a queimar visgo.”. **2.** estrábico (3). **3.** pedaço de sola de sapato / pneu (2): “Aquelas botas são de sola de visgo.”. **Obs.:** A aceção **2.** foi registada por três calhetenses, que parecem ter confundido o vocábulo com o termo *vesgo*, “alguém que tem um desvio num dos olhos”, provavelmente porque já não reconhecem a palavra *visgo*. **Nota:** O termo *visgo* surge em Ribeiro (1929. 36) e em Sousa (1950) como “nome que dão à borracha de apagar a escrita”. Em Silva (1950), Pestana (1970) e Caldeira (1961, 1993) encontramos este vocábulo registado com a aceção **1.** O mesmo significado surge em Figueiredo (2004:376) que o define como uma “substância gomosa, elástica e maleável que pode ter diversas utilizações; borracha, caucho.”, e em Barcelos (no prelo). Morais Silva (1992) e C. Figueiredo (1996), registam apenas o significado de “borracha”.

2. Discussão dos resultados

A consulta do glossário mostra-nos a riqueza da análise qualitativa dos dados recolhidos nos dois concelhos. Em primeiro lugar, destacamos as palavras que apresentam significados não dicionarizados nos vocabulários madeirenses, como por exemplo: *abelhinha* para denominar autocarro (aceção 3.) e “pessoa que anda muito rápido” (aceção 5.); *abicar(-se)*, designando alguém que “gasta muito dinheiro” (aceção 4.); *abuseirar(-se)* / *embuzeirar(-se)* com o significado de “agachar-se” (aceção 4.); *açacanhã* / *assacanhã* para “maltratar alguém (aceção 3.); *a rei* / *a reio* / *arreio* “ficar admirado” (aceção 3.), embora os informantes não deem exemplos de uso que confirmem estes últimos significados; *atentaréu* / *tentaréu* “teimoso” (aceção 2.) e “brincalhão” (aceção 3.); *babado/a*, “pessoa distraída ou despachada” (aceção 4.); *barrejamento*, “pôr a roupa no sabão e na lixívia” (provavelmente por associação a *barrela*) (aceção 4.) e “traves que suportam o soalho das casas” (aceção 5.), termo da construção das casas, provavelmente de barras de madeira, que não será exclusivo da região; *barrejar*, “pulverizar / sacudir” (aceção 5.); *carrolo* “pescoço gordo” (aceção 3.), indicada apenas por um informante do concelho da Calheta, por extensão semântica; *charola* “cesto de fruta” (aceção 2.); *corsa* / *corça* “algo que não se pode ter ou dar” e “cair de algum lugar” (respetivamente aceções 2. e 3.), fornecidas apenas por um informante cada.

Como podemos ver no glossário, muitos regionalismos apresentam polissemia (mais do que um significado) e outros sinonímia (várias palavras que possuem o mesmo significado). No que diz respeito à polissemia, é interessante observar, por exemplo, que o termo *abicar-se* tem origem na náutica (o barco que entra pela terra adentro) e, como vocábulo regional, tem o significado de “jogar-se” / “saltar”, “atirar-se de um precipício” (no sentido de “suicidar-se”), mas também “cair” ou “deixar cair algo” e “gastar muito dinheiro”, já com sentido figurado de “desterrar-se”. Observamos ainda que o significado “gastar muito dinheiro”, com o sentido de “arruinar-se” e “deixar cair algo”, ocorre no concelho do Funchal, mostrando que é nas áreas urbanas que encontramos maior variação semântica e lexical associada à maior diversidade social, dado que é um lugar de confluência de pessoas de vários concelhos da ilha e com tendência a maior variação linguística, devido aos vários contactos linguísticos.

Outros vocábulos com variação semântica são: *abuseirar(-se)* / *embuzeirar(-se)* com os significados de “sentar-se ou acomodar-se, deitar-se, não fazer nada ou ficar

sem fazer nada, agachar-se”; *açacanh* / *assacanh* com o significado de “pisar com os pés, apatanhar mas também com o sentido figurativo de “humilhar alguém” e ainda “incentivar” (indicado por apenas um informante do concelho da Calheta); a *rei* / *a reio* / *arreio* “chover continuamente / seguidamente”, mas também “pessoa que manda ou governa” ou “puxar algo” e, com sentido figurado, “ficar admirado”; *babado/a* “indivíduo lento ou parado, pouco inteligente, pasmado / admirado”, mas também “pessoa distraída ou despassarada”, sentido figurado característico dos regionalismos semânticos madeirenses; *barrejamento* denominando os “chuviscos ou aguaceiros”, “pôr a roupa no sabão e na lixívia” e ainda “traves que suportam o soalho das casas”; *barrejar* tem o significado de “cair chuva miudinha ou aguaceiros fracos”, “pôr a roupa no sabão” e “pulverizar / sacudir”; *buseira*, termo usado para se referir aos “excrementos dos animais”, por analogia “mulher gorda e preguiçosa (ou que não faz nada)”; *carrolo* “parte detrás do pescoço”, usado para designar uma “pancada ou palmada no pescoço” e “pescoço gordo”; *corsa* / *corça*, além do significado de “meio de transporte de arrasto feito de madeira”, apresenta novos sentidos, como por exemplo: “algo que não se pode ter ou dar” e “cair de algum lugar”; *embeijado/a*, “sem dinheiro” (teso), também ganha novos sentidos como “amuado” e “enganado por alguém”; *freimaço* com o significado de “susto” ou “desgosto”, apresenta também o sentido de “travagem”, aceção referida por um único informante calhetense; *furado* designa um túnel, mas também é usado para denominar “algo picado”; *inção* e *inçãozinho* denominam “algo pequeno” (pessoa ou criança) ou “pouca quantidade de qualquer coisa”, mas também “muita quantidade” e ainda “criança mal comportada / teimosa”; *levadeiro/a*, além de designar o “homem responsável pela distribuição da água de rega”, por analogia é o “homem que distribui o vinho”; *manente*, com o significado de “preocupado ou pensativo”, surge com novos sentidos, como por exemplo: “paranoico ou ter manias”, “pessoa portadora de uma deficiência” e “manípulo de travão” (1); *pampa*, “mulher de baixa estatura e gorda”, por analogia adquire o sentido figurado de “pessoa malandra / sem vontade de fazer nada” e ainda “ vaidade”, bem como “zona plana” (português padrão); *pasmar*, na Calheta, tem o significado de “morrer”, referindo-se aos animais, enquanto no Funchal significa “ficar espantado / admirado / surpreendido”, “olhar fixo” e, por analogia, “pessoa babada” (que não faz nada da vida); *quinado* apresenta o sentido figurado de ser “prejudicado por alguém” ou “tramado por alguém”, mas também estar “debaixo de olho”, “sem credibilidade”, “estragado (torto ou inclinado)” e ainda “corrigido”; *quinar* apresenta sentidos muito idênticos aos do

vocábulo anterior, como “tramar alguém” (prejudicar), “manter alguém debaixo de olho”, “dobrar”, “inclinar”, mas também “opinar” (os três últimos significados foram indicados por informantes do concelho da Calheta); *sobre si / sobressi* é definido como “alguém portador de uma deficiência”, “pessoa que não sabe o que faz” (parada), mas também “estar por cima de” (ter superioridade) e “falar de alguém”; *soquete* com o significado de “dar ou levar um empurrão / puxão”, “levar uma pancada ou murro”, “levar um choque elétrico” e ainda “retirar algo de”, “solavancos” (saltos), “travagem brusca”, apresentando maior vitalidade no concelho da Calheta do que no concelho do Funchal; *tanarifa*, além de designar o legume, um informante do concelho da Calheta indicou, por analogia, o sentido “cabeça grande de abóbora”; *tapa-sol*, com o significado de “armação exterior da janela em madeira ou alumínio (persiana)”, é referido também com significados como “guarda-sol ou chapéu-de-sol” e “tapa-sol do carro”; *tornadouro / tornadoiro* é definido como o “local onde se tapa a água de rega” e a “saca de matos usada para desviar a água de rega em direção aos regos”; *visgo*, para além de “elástico ou borracha”, também denomina um “pedaço de sola de sapato / pneu”, feito de borracha.

Para além da polissemia, também é importante salientar a existência de sinonímia, pois a maior parte das definições ou significados dos regionalismos fornecidos pelos informantes são dados através de sinónimos da língua padrão ou de outros regionalismos madeirenses, como por exemplo: *abrasar* é sinónimo de *desterrar*, “gastar desnecessariamente todo o dinheiro”; para *freimaço* são indicados os sinónimos *cagaço*, *freima* e *estrepasso*; *tanarifa* também é denominada por *abóbora moira* e *boganga/o* ou *moganga/o*; para *vimhada*, um dos informantes da Calheta indica o sinónimo *trochadas*. Os resultados das áreas rurais e da área urbana mostram que há maior variação semântica e lexical dos regionalismos estudados na cidade, devido à sua maior diversidade sociolinguística e cultural. Por serem característicos da oralidade, os regionalismos, apresentam também variação gráfica e fonética no registo escrito, por isso registámos as suas variantes nas entradas lexicais do glossário.

Depois do estudo mais aprofundado dos regionalismos estudados e à medida que fomos avançando no estudo dos trabalhos já realizados sobre os regionalismos madeirenses, descobrimos que dois dos vocábulos por nós estudados não são regionalismos madeirenses, ou seja, *chorrica* é deturpação fonética de *forrica* (termo informal da língua padrão, (Cf. *Dic. Priberam*) e *açacanhhar / assacanhhar* de *acalcanhar* (Cf. *Dic. Priberam*). A indicação do número de informantes que forneceram

determinadas aceções, bem como a ordem destas, das mais conhecidas para as menos conhecidas, e a compilação dos exemplos de uso que confirmam os significados apresentados, mostram-nos o maior e menor conhecimento dos regionalismos e, conseqüentemente, a sua vitalidade. Assim, corroboramos os resultados do estudo quantitativo, em que os regionalismos mais conhecidos e usados são, por exemplo: *olho-de-boi*, *baboseira*, *levadeiro*, *carrolo*, etc. A maior parte destes vocábulos apresenta uma única aceção, o que está associado ao facto de serem muito conhecidos, tendo grande vitalidade nos dois concelhos. Quanto à questão da classificação gramatical dos regionalismos madeirenses, podemos classificá-los como regionalismos semânticos, quando a palavra existe no Português padrão, mas na Madeira tem um significado específico ou diferente, por exemplo: *abelhinha*, *abrasar*, *azougar*, *baboseira*, *buseira*, *carrolo* (de *carolo*), *charola*, *corça / corsa*, *dentinho*, *desterrar*, *embeijado*, *favado*, *furado* (“túnel” na Madeira, no Português padrão, que é, algo “que tem um furo ou buraco”), *horário*, *joeira* (de papel), *manente*, *olho de boi*, *pampa*, *pasmal*, *quinar*, *quinado*, *tornadouro / tornadoiro*, *vigiar e visgo*. Consideramos como regionalismos lexicais as palavras que só existirão na Madeira, (podendo ser um arcaísmo, um neologismo regional, ou empréstimo), por exemplo: *bábeda* (*baba* no Português padrão), *buzico*, *pancume*, *rabiçar ou rabuçar*, *refundiar* e *refundiadeiro/a*. Muitas são formas derivadas por sufixação: *carrolaço* (de *carrolo*), *desterradeiro/a* (de *desterrar*), *inção* (de *inço*), *levadeiro* (de *levada*), *pragume* (de *praga*), *soquete* (de *socar*, “puxão”), *vimhada* (de *vime*, “vergastada” ou “trochada” no Português padrão).

Por fim, quanto a classificação dos vocábulos ou regionalismos madeirenses, tendo em conta a sua origem e uso, podemos catalogá-los como arcaísmos (pela sua origem arcaica, ou seja, palavras muito antigas que tendem a cair em desuso, sendo as menos conhecidas e usadas, tanto na Calheta como no Funchal), por exemplo: *barrejamento*, *barrejar*, *pampa*, *vimhada*, *freimaço*, *a rebendita / de rebendita / de arrebandita* e *arrebanditar*, *atentaréu / tentaréu*, *a rei / a reio / arreio*; como neologismos regionais (palavras ou significados específicos que terão surgido na Madeira, sendo respetivamente regionalismos lexicais e semânticos), por exemplo: *abelhinha*, *abicar(-se)*, *buzico / buseco*, *corça / corsa*, *furado*, *levadeiro*, *manente*, *olho-de-boi*; como estrangeirismos ou empréstimos (palavras importadas de outras línguas): *tanarifa* ou *tenerifa* de Tenerife, indicando a sua origem a partir desta ilha das Canárias (por associação do legume à sua origem geográfica), e como regionalismos atuais ou

correntes (os mais usados nos dois concelhos), por exemplo: *abrasar, desterrar, desterradeiro, azougar / azoigar / azagar, baboseira, dentinho, olho-de-boi, levadeiro, carolo*. Quanto aos populismos (vocábulos usados pelos estratos sociais menos escolarizados), não conseguimos confirmar a sua existência. Tanto a classificação gramatical como esta são problemáticas, porque, por vezes, é difícil saber, por exemplo, se um determinado vocábulo é arcaísmo ou neologismo. Por isso é difícil contabilizar os vários tipos de regionalismos.

CONCLUSÃO

O presente trabalho de investigação centra-se na área da Dialetologia lexical e na área da Sociolinguística Variacionista. Usámos a análise quantitativa e qualitativa de modo a conhecermos a vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no Português falado na ilha da Madeira, mais precisamente nos concelhos da Calheta e do Funchal. A aplicação do questionário semântico-lexical composto por cinquenta e dois (52) vocábulos, permitiu recolher, analisar e interpretar as respostas ao significado e aos exemplos de uso fornecidos pelos cento e oito (108) informantes, quarenta e oito (48) no concelho da Calheta e sessenta (60) no concelho do Funchal, tendo em conta os fatores de variação social: sexo, idade e escolaridade.

A realização deste estudo permite-nos concluir que os informantes da Calheta têm um maior conhecimento e uso do léxico regional, se compararmos com os informantes do concelho do Funchal. No entanto, de acordo com os resultados obtidos em ambos os concelhos, é claramente verificável que o número de vocábulos usados pela população inquirida é inferior a metade. Embora reconhecendo as limitações e lacunas deste estudo, como o facto de nem todos os informantes terem preenchido os exemplos de uso, provavelmente também pelo facto de o inquérito / teste ser muito longo, os resultados obtidos parecem-nos válidos, significativos e sobretudo representativos das várias comunidades de fala estudadas.

Relativamente às variáveis sociais, quanto ao género, os homens inseridos na faixa etária C, residentes no concelho da Calheta, destacam-se, indicando um maior número de respostas ao conhecimento e ao uso dos vocábulos. No concelho do Funchal, curiosamente, apesar dos homens, inseridos na faixa etária C, indicarem um maior número de repostas, no que diz respeito ao uso, as mulheres assumem uma posição mais conservadora, demonstrando usar mais regionalismos do que eles.

Quanto à variável idade, ao longo do nosso estudo, verificámos tratar-se de um fator de variação social muito importante, levando-nos a concluir que os falantes mais velhos, independentemente do sexo e do concelho, sem escolarização e residentes em áreas mais isoladas, têm um maior conhecimento do património oral madeirense, conservando o falar tradicional, regional e popular, nomeadamente no que se refere a alguns regionalismos lexicais, quando comparados com os adultos e com os jovens.

Quanto à variável escolaridade, notamos que os informantes do concelho da Calheta, com o nível de ensino primário, fornecem um maior número de respostas ao

significado e ao uso dos vocábulos (o que poderá dever-se ao número de inquiridos com este grau de escolaridade), enquanto na área urbana destacam-se os informantes com os níveis básico e superior, no sexo masculino, e básico e secundário, no sexo feminino.

Na análise qualitativa, de modo a sistematizar toda a informação recolhida através dos questionários, elaborámos um glossário que mostra as diferentes aceções e usos dos regionalismos madeirenses. Os vocábulos mais conhecidos no concelho da Calheta são: *olho-de-boi*, *desterrar* e *açacanhhar / assacanhhar*, sendo os menos conhecidos: *arrebenditar*, *barrejamento* e *pampa*. No concelho do Funchal, os termos mais conhecidos são: *olho-de-boi*, *baboseira*, *levadeiro/a*, sendo que *freimaço*, *pampa* e *barrejamento* são os termos menos conhecidos. Salientamos o facto de, em cinquenta e dois (52) vocábulos, haver coincidências entre os dois concelhos, em alguns regionalismos mais e menos conhecidos.

Verificámos que na variação semântica e lexical é maior na cidade do Funchal, devido à sua maior diversidade sociolinguística e cultural. Ao compararmos os dois concelhos, constatamos que a maioria dos vocábulos parece não ter prestígio social na área urbana, uma vez que a população tende a optar por falar segundo a norma padrão, imposta pela escola, distanciando-se do uso dos regionalismos, logo do património lexical madeirense. Muitos destes regionalismos estão associados à realidade da vida rural, o que também explica o seu desuso no concelho do Funchal. Também é interessante observar que alguns vocábulos apresentam grande vitalidade nos dois concelhos, mesmo termos como: *levadeiro*, *rabiçar*, *rabuçar*, *refundiar*, *azougar*, etc. Quanto a palavra *freimaço* está claramente a cair em desuso, mesmo no concelho da Calheta, embora a forma *freima* pareça continuar bem viva.

Concluimos ainda que a maioria dos informantes da população menos instruída indica conhecer grande parte dos regionalismos, fornecendo os seus exemplos de uso, em ambos os concelhos, destacando-se os idosos sem escolarização, que tendem a ser mais conservadores, preservando a riqueza da nossa cultura regional. Os adultos situam-se numa posição intermédia, enquanto os jovens tendem a ajustar-se ao falar da sua geração, indicando conhecer alguns regionalismos, mas muitas vezes sem saber defini-los.

Quanto à questão da contribuição para a classificação dos regionalismos madeirenses, procurámos classificá-los, tendo em conta a sua origem e uso, em arcaísmos, neologismos regionais, empréstimos, populismos e regionalismos usuais ou correntes. No entanto, sentimos algumas dificuldades, uma vez que é difícil saber se

alguns regionalismos serão arcaísmos conservados na região ou neologismos regionais (lexicais ou semânticos).

Atualmente, temos vindo a assistir a uma valorização do património linguístico madeirense, a par do maior interesse e consciência das tradições regionais como identidade cultural, sobretudo através de programas de divulgação na comunicação social, de grupos e associações culturais e da Universidade da Madeira. Também por parte dos jovens o interesse parece começar a crescer, pois está na moda dizer que tudo é “madeirense”.

Este é apenas um pequeno contributo, uma gota de água, num imenso oceano que ainda falta conhecer para sistematizar os regionalismos madeirenses e as suas aceções, sobretudo para podermos compreender a origem, a história e a distribuição sociocultural do léxico regional por concelhos e localidades do Arquipélago da Madeira. Pois, apesar de sermos apenas duas pequenas ilhas habitadas, temos uma grande riqueza feita de diversidade linguística e cultural que nos leva a perguntar “Qual é a tua terra?” e a responder “Eu sou do Loreto, concelho da Calheta”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Catarina Graça Gonçalves. 2014. *Crenças, percepção e atitudes linguísticas de falantes madeirenses*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais, Universidade da Madeira (UMa).
- ALVAR, Manuel. 1976. *Lengua y Sociedad*. Editor: Planeta. ISBN-10: 8432026417.
- AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de. 2007 “Nota XVI” in *As Saudades da Terra*, Funchal, Edição Fac-Simile: “Funchal 500anos”.
- BARCELOS, J. M. Soares de. 2008. *Dicionário de falares dos Açores. Vocabulário regional de todas as ilhas*. Coimbra: Almedina.
- BARCELOS, J. M. Soares de. *Dicionário de falares do Arquipélago da Madeira*. Funchal: Direção Regional da Cultura. Secretaria Regional de Economia Turismo e Cultura (no prelo).
- CALDEIRA, Abel Marques. 1961 e 1993. *Falares da Ilha. Pequeno dicionário da linguagem popular madeirense*. 1ª edição. Funchal: Editorial Eco do Funchal.
- CARITA, Rui. 2013. *História do Funchal*. 1ª edição. Funchal. Editor: Associação Académica da Universidade da Madeira. ISBN: 978-989-98243-1-7.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. 2010. *Geolinguística: tradição e modernidade*, São Paulo, Parábola Editorial.
- CASTELEIRO, J. Malaca (coord.). 2001. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Editorial Verbo.
- CASTRO, António Manuel & BRAZÃO, Maria Elisa de França. 1999. Calheta: Roteiro turístico Cultural. Funchal, Editora Eco do Funchal.
- CINTRA, L. & CUNHA, C. 1985. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- CINTRA, L. F. L. 1995. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora. P. 9.
- CRUZ, L. Segura da e Saramago, João. 2001. “Variedades dialetais portuguesas”. In *Caminhos do Português: exposição comemorativa do Ano Europeu das Línguas (catálogo)*. Lisboa: Biblioteca nacional, P. 221-237.
- DALFOFO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. 2008. “Métodos quantitativos e qualitativos: Um resgate teórico”. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau. V.2, n.4, p.01-13.

- DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. 2004. *Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Prentice Hall, p. 168.
- FIGUEIREDO, Ana Cristina. 2004. *Palavras d'aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirenses*, Dissertação na área da Dialectologia Portuguesa sob a orientação do Professor Doutor João Malaca Casteleiro, apresentada à Universidade da Madeira.
- FIGUEIREDO, Cândido de. 1986. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Bertrand Editora (1ª ed. 1939, 23ª ed.).
- FERREIRA, C. S. da S. 2004. *Perceções e atitudes linguísticas das variedades diatópicas de Portugal. Um contributo para a Dialectologia percetual*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FRUTUOSO, Doutor Gaspar. 2007. Livro Segundo de *As Saudades da Terra* (com Anotações de Álvaro Rodrigues de Azevedo), Funchal, Edição Fac-Simile: “Funchal 500anos”.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. 2003. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Instituto António Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa, Lisboa: Edit. Temas e Debates.
- LABOV, William. 1966. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington DC: Center for Applied Linguistics.
- LABOV, William. 1969. “The Logic of Nonstandard English”, *Monograph Series on Languages and Linguistics* (edited by James E. Alatis), nº 22, Washington: Georgetown University Press, p. 1-43.
- LABOV, William. 1972. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William. 1984. “Field methods of the project on linguistic change and variation.” In: John Baugh and Joel Scherzer, eds. *Language in Use: Readings in Sociolinguistics*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, p. 28-66.
- LABOV, William. 1990. “The intersection of sex and social class in the course of linguistic change”, *Language Variation and Change* 2. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOPE BLANCH, Juan M. 1978. *La sociolingüística y la dialectología hispánica, en torno a la Sociolingüística*, México, Universidad Nacional Autónoma do México, p. 35-49.

- LEITE, Jerónimo Dias. 1947. *Descobrimento da Ilha da Madeira e discurso da vida e feitos dos capitães da dita ilha*. (Tratado composto em 1579), Coimbra.
- MACEDO, Deolinda Bela de. 1939. *Subsídios para o estudo do Dialecto Madeirense*. Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- MENDONÇA, Alice. 2009. “População Madeirense num Período de Transição. Uma Década (1991-2001) - Viagem pelos Concelhos. Calheta e Câmara de Lobos, Parte I”, in *Revista Girão*, nº 5, vol. II, 2º semestre, pp. 165-172. ISSN-2182.
- MENDONÇA, Alice. 2011. “População Madeirense num Período de Transição - Uma década (1991-2001) - Viagem pelos Concelhos (Parte 2)”, in *Revista Girão*, vol. II, nº 6, Revista de Temas Culturais de Câmara de Lobos, pp.179 - 212. ISSN-2182-3936.
- MATEUS, Maria Helena Mira & CARDEIRA, Esperança. 2007. *Norma e Variação*. Coleção O Essencial Sobre a Língua Portuguesa, Lisboa: Editorial Caminho.
- MORAIS SILVA, António de. 1992. *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Confluência
- NUNES, João da Cruz. 1965. *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*, Lisboa, Dissertação de licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- NUNES, Naidea. 2014. “*Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no Português falado na cidade do Funchal.*” in *Confluência* n. 46, 1.º semestre de 2014, Rio de Janeiro, p. 335-370.
- NUNES, Naidea. 2004. *Património oral linguístico-cultural madeirense: a memória das palavras e das coisas*, *Xarabanda* (Coord. Naidea Nunes) n.15, p. 3-9.
- PEREIRA, Maria do Carmo Noronha. 1951-1952. *Tentativa de um pequeno atlas linguístico da Madeira e algumas considerações fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar madeirense*. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- PESTANA, Eduardo Antonino. 1970. *Ilha da Madeira – II Estudos Madeirenses* (1ª ed. 1939-1940 “A Linguagem Popular da Madeira”, na Revista A língua Portuguesa, Tomo V, Fasc.I-IV, p.11-128, com reedição organizada por Marina Pestana) Funchal, Câmara Municipal do Funchal.
- PINTO, M. L.R. & RODRIGUES, T. M. F. 1993. *Aspetos do Povoamento das Ilhas da Madeira e Porto Santo nos séculos XV e XVI*, Actas do III Colóquio Internacional de História da Madeira, (Vol. III, pp. 403-471). Funchal: CEHA.

- REBELO, Helena. 2005-2006. “A caminho do Brasil: a Madeira. Situação atual da língua portuguesa na ilha da Madeira.” *Xarabanda* n.16, p. 64-73.
- REBELO, Helena, “Referências espanholas nos vocabulários madeirenses”, in *Aula Ibérica, Actas de Los Congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)*, Salamanca, Ediciones Universidad Salamanca, 2007, pp. 451-462;
- REBELO, Helena. 2014. “Património Linguístico Madeirense: Alguns aspetos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos. Língua Portuguesa”, in *Estudios Linguísticos*, vol. II, DIOS, Ángel Marcos (ed), Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 627-647, ISBN 978-84-9012-445-1.
- REBELO, Helena & NUNES, Naidea. “Regionalismos madeirenses” Projeto *Dicionário Enciclopédico da Madeira* (no prelo).
- REZENDE, Maria Ângela Leotte. 1961. *Canhas e Câmara de Lobos, Estudo etnográfico e linguístico*. Dissertação para licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- RIBEIRO, Emanuel Paulo Vitorino. 1920. *Palavras do Arquipélago da Madeira*, Revista Lusitana, Vol. XXIII, nº 1 – 4, Lisboa, Livraria Clássica Editora, p. 131- 137.
- SANTOS, Maria Florentina Silva. 2013. *À luz das palavras quase esquecidas: contributo para o estudo dos regionalismos na Ponta de Sol*, Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais apresentada à Universidade da Madeira.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1992. *Curso de Linguística Geral* (tradução de José Victor Adragão), Lisboa, Publicações Dom Quixote. P. 129-140.
- SILVA, P.e Fernando Augusto da. 1950. *Vocabulário popular do arquipélago da Madeira. Alguns subsídios para o seu estudo*. Funchal: Madeira Gráfica (Tip.).
- SILVA, P.e Fernando Augusto da, & MENESES, Carlos Azevedo de. 1978. *Elucidário Madeirense*. V. I. 4ª edição. Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- SILVA, António R. Marques da. 1985. “Vocabulário e expressões do Norte da ilha”. *Minha Gente. Crónica romanceada*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura. p. 187-213.
- SILVA, António Marques da. 2013. *Linguagem popular da Madeira*. Cadernos Madeirenses Serie II / 3. Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- SOARES, Urbano Canuto. 1914. “Subsídios para o cancionário do Arquipélago da Madeira”. *Revista Lusitana*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, p. 135-158.
- SOUSA, Luís de. 1950. *Dizeres da Ilha da Madeira. Palavras e locuções*. Funchal: Casa Figueira (Tip.).

SCHERRE, M. P. & YACOVENCO, L. C. 2011. “A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o género do falante em foco.” *Revista da ABRALIN*, (1, especial, 1ª parte), p.121-146.

VERDELHO, Evelina *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. 1982.

VIEIRA, A. A emigração portuguesa nos Descobrimentos: do litoral às ilhas. *Portuguese Studies Review*, (15.1-2), 2007, p.63.

WALTER, Henrique. 1987. “Intérêt et limites des questionnaires pour étudier le français oral”. in *Présence francophone* nº 31, p. 31-43. p. 31.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. 1968. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (orgs). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, p. 97-195.

Webgrafia

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, edição online. Disponível em <http://www.priberam.pt/DLPO/Default.aspx> (Acedido em 14 de outubro 2014).

SANTOS, Thierry Proença dos (2007). «A língua padrão vs. o português da Madeira», *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia: a narrativa e as suas (re)escritas (com uma proposta de edição crítico-genética e com uma tradução parcial do romance para francês)*, pp. 182-201, tese de doutoramento em Linguística Aplicada apresentada à Universidade da Madeira). in <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/57/1/DoutoramentoTHIERRY.pdf>. (Acedido em 20 de Novembro de 2014).

TEIXEIRA, José (2006). “Modelos Semânticos e variação Distópica”, in Bernardo, Maria Clara Rolão; Montenegro, Helena Mateus (orgs.). *Atas do I Encontro de Estudos Dialectológicos*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2006. ISBN 972-9216-89-4. p. 363-380. (Acedido em 8 Abril de 2015). <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12260/1/Varia%C3%A7%C3%A3oDiat%C3%B3pica.pdf>

VASCONCELOS, J. Leite de. *Dicionário de regionalismos e arcaísmos*. (DRA). Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Disponível em:

(<http://alfclul.clul.ul.pt/clulsite/DRA/resources/DRA.pdf>). (Acedido em 14 de Agosto de 2014).

Funchal em Mapas e Números. (2007). Conheça melhor o seu Concelho. ed. Gabinete de Planeamento Estratégico, Câmara Municipal do Funchal, Câmara Municipal do Funchal. <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/newlayout.php?mode=imagebank&details=1&id=20305> (Acedido em 10 de Maio de 2014).

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Este inquérito destina-se, única e exclusivamente, a um trabalho de pesquisa sobre algum vocabulário madeirense. Agradeço, desde já, a sua colaboração!

I. IDENTIFICAÇÃO

Nome _____ Código _____
 Idade _____ Sexo: feminino__ /masculino__
 Naturalidade (freguesia e concelho) _____
 Local de residência _____ Há quantos anos? _____
 Local de residência anterior _____
 Escolaridade
 concluída _____ Onde? _____
 Atividade(s) profissional(ais) _____
 Local(ais) de trabalho _____
 Naturalidade do pai _____ Naturalidade da mãe _____
 Profissão do pai _____ Profissão da mãe _____
 Naturalidade dos avós paternos _____
 Naturalidade dos avós maternos _____
 Casado _____ Naturalidade do Cônjuge _____
 Contactos linguísticos com outras áreas geográficas _____ Quais? _____

II QUESTIONÁRIO

Regionalismos	Conhece? Qual o significado da palavra?	Usa? Dê um exemplo de uso.
1. Abelhinha		
2. Abicar-se		
3. Abuseirar(-se) / embuzeirar(-se)		
4. Abrasar (dinheiro)		
5. Açacanhhar / assacanhhar		
6. A rei / a reio / arreo		
7. A rebendita / de rebendita / de arrebendita		
8. Arrebenditar		
9. Atentaréu / tentaréu		
10. Azougar / azoigar / azagar		
11. Bábada / bábeda		

12. Babado		
13. Baboseira		
14. Barreamento		
15. Barrejar		
16. Buseira		
17. Buzico / buseco		
18. Carrolaço		
19. Carrolo		
20. Charola		
21. Chorríca / Forríca		
22. Corsa / corça		
23. Dentinho		
24. Desterradeiro/a		
25. Desterrar		
26. Embeijado/a		
27. Favado		
28. Freimaço		
29. Furado		
30. Horário		
31. Inção		
32. Joeira (de papel)		
33. Levadeiro/a		
34. Manente		
35. Olho-de-boi		

36. Pampa		
37. Pancume		
38. Pasmarr		
39. Pragume		
40. Quinado/a		
41. Quinar		
42. Rabiçar / Rabuçar		
43. Refundiar		
44. Refundiadeiro/a		
45. Sobre si / sobressi		
46. Soquete		
47. Tanarifa		
48. Tapa-sol		
49. Tornadouro / tornadoiro		
50. Vigiar		
51. Vimiada		
52. Visgo		

Observações:

